



UNIVERSITY OF
TORONTO LIBRARY
130 St. George Street
Toronto, Ontario
M5S 1A5





29



Os Lusíadas

Velino N^o 177

Luiz de Camões

OS

LUSIADAS

EDIÇÃO ILLUSTRADA

COM VINTE HELIOGRAVURAS EM PAGINA SEPARADA

POR

Alfred Bramtot

ARTISTA PREMIADO COM O PRIMEIRO PREMIO DE ROMA

E com as medalhas das Exposições de Pintura de Paris nos annos de 1879 e 1885

DEZ VINHETAS DE REMATE EM HELIOGRAVURA

E

CINCOENTA E CINCO DESENHOS D'ESQUADRIA E DE REMATE
ESPECIAES A CADA CANTO

POR

Paulin Bord



R. 8744



GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}, EDITORES

47, rua de Saint-André-des-Arts, 47
PARIS

1890

FILIAL: 242, rua Aurea, 1^o
LISBOA

Direcção litteraria :

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO

Socio effectivo do Instituto de Coimbra, Administrador da Imprensa da Universidade



Collaboradores :


JOÃO BRAZ D' OLIVEIRA JUNIOR

Primeiro tenente da armada, Lente de desenho na Escola Naval


CARLOS ADOLPHO MARQUES LEITÃO

Capitão de estado maior de infantaria, Professor de desenho no Real Collegio militar.

CANTO PRIMEIRO



*Fazem concilio os Deoses na alta Còrte,
Oppoem-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente :
Despois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.*




Os Lusíadas

Canto primeiro

I
As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometta a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram :

II
E também as memórias gloriosas,
Daquelle Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras vicinas
De Africa, e de Asia, andaram devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.



40

Grasem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegacoes grandes que fizeram;
Callesse de Alexandro, e de Trojano,
A fama das victorias que viveram
Que em tanto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obzaleceram;
Cesse tudo o que a Musa antigas canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

41

E vós, Tegida minhas, pois crendo
Tendes em mi hum novo engenho adôto;
Se vempis em verso humilde celebrado
Foi de mi vossa rio olegramento;
Dai-me agora hum soneto alto, e sublimado;
Hum sayto grandilôquo, e corrente;
Porque de vossa agua Phoco se dize
Que não tenham inveja as de Hippocrate.

42

Dai-me hama furia grande, e sintrona,
E rios de aguas vivas, de fructa ruda;
Mas de talia rancora, e bellissimo,
Que o peito accende, e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual tanto aos feitos da famosa
Gente vossa, que o Marte santo ajada;
Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tao sublime proço cabe em verso.

43

E vós, o bem nascido segurança
Da Lusitania antiga liberdade,
E udo mesmo carissima esperanca
De augmento da pequena Christandade:
Vós, o novo terror da Mancha linca,
Marsilha fatal da nossa idade;
Dada ao mundo por Deus, que todo o manda,
Para do mundo a Deus dar parte grande:



vii

Vós, tanto a novo ramo florecendo:
De humo seculo de Christo mais amada
Que nenhuma nascida ao Occidente,
Caesara, ou Christissima chamada :
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amusta a victoria já passada;
Na qual vos deu por armas, e deixou
Ao que elle para si na Cruz tomou :

viii

Vós, poderos Reis, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo se primetro;
Vos tambem no meio do hemispherio;
E quando deus o deus derradito :
Vós, que esperamos logo, e vituperio
Do torpe Inacelle avalliro,
Do Turco oriental, e do Genuo
Que anda bebe o liquor do sanato rio.

ix

Inclina por hum pouco a magestade:
Que neste tanto gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na infancia idade,
Quando subido tres ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Pondera ao chão : vedeis hum novo exemplo
De amor dos portões feitos vulcrosos,
Em terras divulgado numeroso.

x

Vendeis amor de patria, não movido
De premio vil; mas abto, e quasi eterno :
Que não he premio a si ser conhecido
Por hum prego do ninho meu paterno.
Cuví; vedeis o nome engrandecido
Dequelles de quem vós sois senhor superno :
E julgaes qual he mais excellento,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.



XI

Ouvr: que não verás com vãs lanças,
Phantásticas, fingidas, mendrosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejais :
As verdadeiras vossas são timentas,
Que excedem as embadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vdo Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

XII

Por estes vos dizei hum Nuno fern,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum dous Fuas, que de Homero
A cultura para elles só cobio,
Pois pelos dize Paris dar-vos quero
Os dize de Inglaterra, e o seu Mugico :
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que por si de Encas toma o fama.

XIII

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lousa
Escara faz qualquer estranha gloria :
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou ao grande, e prospera victoria ;
Outro Juanniz lavista cavalleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarei meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Ayria
Se fizeram por annos tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora :
Hum Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo eboua;
Albuquerque terrível, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte.

+ 6 +



xv

E em quanto eu estas coisas, e a vós não posso,
Sublime Hei, que não me crevo e tento,
Tomai as redas vós do reino vosso,
Dareis matéria a nunca ouvido caso.
Conhecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De África as terras, e do Oriente as mareas.

xvi

Em vós os olhos tem o Mundo fero,
Em quem vê seu exício assegurado ;
Só com vos ter o bárbaro Gesio
Moura o peccado ao jugo já inclinado ;
Tethys todo o ceo ao senhorio
Tem para vós por dote aparelhado ;
Que officuada ao gosto bello, a tanto,
Deseja de compravenda para ganto.

xvii

Em vós se vem da Olympica morada,
Duz dous Avós as almas as fêmeas ;
Huma na por angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas ;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas ;
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema escuridade.

xviii

Mas em quanto este tempo passa lento
De repentes os povos, que o desajam,
Dai vós lance ao novo atrevimento,
Para que estas mias versos vossos sejam ;
E verem se cortando o talho argenteo
Os vossos Argonautas; porque sejam
Que são vistos de vós ao mar irado ;
E comunal-vos já a ser invocado.

* 2 *



XII

Já no largo Oceano navegavam,
As iníquas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naves as velas curvas inchando :
Da branca espuma as mares se misturavam
Cobertos, onde as proas vão oscitando—
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prometeo são curadas.

XIII

Quando os deuses no Olympo luminosos,
Onde o governo está da humana gente,
Se juntam em concilio glorioso,
Sobex as cousas futuras do Oriente :
Pisando o crystallino seo furioso,
Vem pela via Lactes jumentante,
Comrocados da parte de Tormante,
Pelo seu genil do velho Atlante.

XIV

Deixam dos scis coas o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só cõ'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar vasto :
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XV

Estava o Padre alli sublime, e digno,
Que vibra os ferros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallinas,
Com gesto alto, severo, e soberano :
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano :
Com hama coroa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.



XXII

Em brancos assentos, marchetados
De ouro, e de pérolas, mais abaixo estavam
Os outros deuses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam ;
Precedem os antigos mais honrados ;
Mais abaixo os menores se assentavam .
Quando Jupiter alto así dizendo,
Cham' tou de voz commo grave, e horrundo.

XXIII

Fierros moradores da lauzim
Estellifero polo, e claro ascum ;
Se do grande valor da fuzi gema,
De Luso, não perdéis o pensamento ;
Deveis de ter saído, claramente,
Como he dos lidos grandes corte intento,
Que por ella se aqueçam os humanos
De Asserins, Fernas, Gregos, e Romanos.

XXIV

Id he lá, bem o visuo, concedido
Cham' poder tão singelo, e tão pequeno,
Tamar ao Mouro furto, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno :
Pois contra o Castellano tão temido,
Sempre aliançou lacos do Ceo sereno ;
Assi que sempre um fim, com fama e gloria,
Teve os triumphos pendentes da victoria.

XXV

Delm, iloccos, atrae a fama antiga,
Que co'a gema de Romulo alcançaram,
Quando em Virium, na tormiga
Guerra Romana contra se affamaram ;
Tambem deão a memoria, que os obriga
A grande nome, quando elevantaram
Hum por seu capello, que peregrino
Fugio na Carta espirito divino.

+ + +

XVII

Agora vedes bem, que conhecendo
 O darcidoas mar n'hum leito leve,
 Por vias nunca usadas, não temendo
 De Africa, e Noto a força, a má se atreve;
 Que havendo tanto já que as parias vendo,
 Onde o dia he cumprido, e onda breve,
 Inclinao seu proposito, e portia,
 A ver os berços onde nasce o dia.

XVIII

Prometido lhe está do Fado eterno,
 Cujá alta lei não pode ser quebrada,
 Que tentem longos tempos o governo
 Do mar, que vá do Sul a rota curvada.
 Nas aguas tem passado o duro inverno;
 A gente vem perdida, e trabalhada;
 Já parece bem feio, que lhe seja
 Mastuada a nova terra que deseja.

XIX

E jooque, como vicia, tem passadas
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantas climas, e com experimentadas,
 Tanto furor de ventos inimigos;
 Que sejam, deermias, agasalhados
 Nesta costa Africana, como amigos;
 E tudo guarnecida a lassa frota,
 Começarão a seguir sua longa rota.

XX

Estas galaxias Jupiter dizia;
 Quando os deuses por urthem respondendo,
 Na sentença hum do outro differia,
 Raptes diversas dando, e recebendo,
 O padre Baccho illi não consentia
 No que Jupiter disse, othacando
 Que esparzarão seus filhos no Oriente,
 Se lá passar a Lusitana gente.



C I, xxxiii

XXXI

Quelâs tinha aos fados, que vicia
 Huma gente fortissima de Hespanha.
 Pelo mar alto, a qual sazipitacia
 Da India tudo quanto Deus fanha :
 E com novas victorias venceo
 A fama inimiga, na sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe dos perder a gloria
 De que Nisa celebre inda a memoria.

XXXII

Vê que si teve a India sobingada,
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser contado,
 De quanto bebem a agua de Paruaio :
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão celebre nome em negro vaso
 De agua do espedimento, se lá chegam
 Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
 Affeição da gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella
 Da antiga tão amada sua Romana :
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra Tingitana ;
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção cré que he a Latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea ;
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea,
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem ;
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXV

Qual Austro fero, ou Bóreas no espessuro,
 De sylvestre arvoredo abastecida,
 Rumpendo os ramos não da mata escura,
 Com impeto, e brevesza desancida,
 Brama toda a montanha, e sem murmura,
 Rumpem-se as folhas, ferve a serra arguida:
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deuses no Olympo consagrado.

XXVI

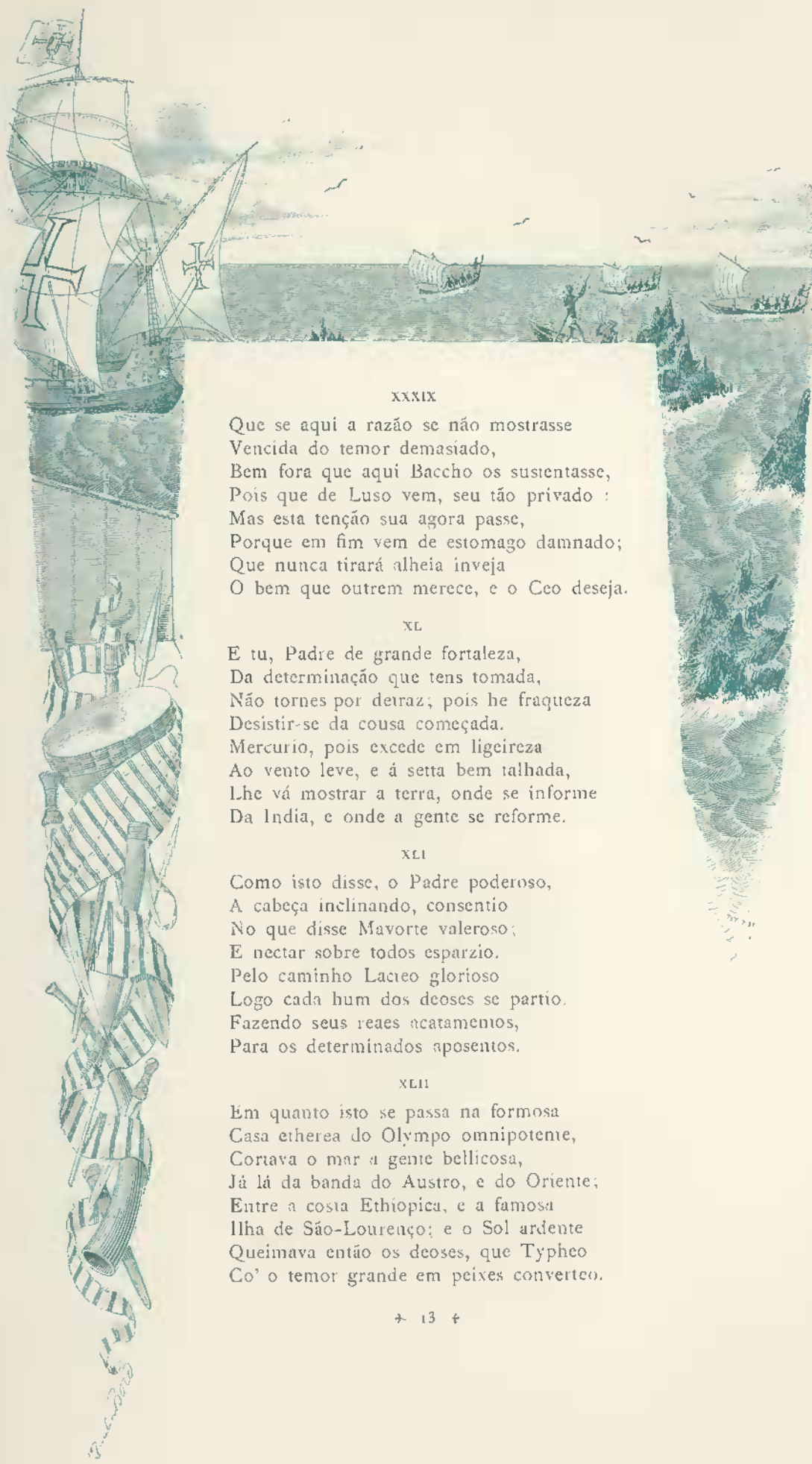
Mas Marte, que da deusa sonhorava
 Entre todos os partes em portia;
 Ou porque o amor seiguo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia;
 De entre os deuses em pé se levantava:
 Mercenno no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para tras, malculho, e irado.

XXVII

A viscer do elmo de diamante
 Allevantando hum pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer se pôz diante
 De Júpiter, armado, forte, e duro:
 E dando huma pancada penetrante,
 Co' o rosto de boião, no sollo puro:
 O caso truzou; e Apollo de trovado,
 Hum pouco a luz perdeo, oculto enfiado.

XXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que cruzaste;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio,
 Cujá valia, e otreas tanto amaste,
 Não quizes que padecesse vituperio,
 Como ha já tanto tempo que ordenaste;
 Não tuques mais, pois es juiz d'istio,
 Rastros de quem parece que he suspeito.



XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado :
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por deiraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente;
Entre a costa Ethiópica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.



xliii

Tão brandamente os ventos se levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo ;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem risco de perigo ;
O penitencia Praso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo ;
Quando o mar desobediado lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno carra, e larca.

xliii

Vazio de Gemo, o forte capitão,
Que a tamanhos empetans se offerece ;
De soberbo, e de alvivo coração,
A quem fortuna sempre favorece ;
Para se aqui deter não vê razão,
Que habitada a terra lhe parece ;
Por diante passar determinava ;
Mas não lhe succedeu como cuidava.

xliii

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela :
A gente se alvoroça ; e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della,
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam ?

xliii

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas ;
As velas com que vem eram de esteira,
D'humas folhas de palma bem tecidas :
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente :
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.



XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, lencos, e lixados;
Huns traçam de redor de si rufados,
Quem em muito sítio sobrecadus.
De cima para cima vem despaldas;
Por arcos sem adagas, e tarçados;
Com tunas na cabeça; e navegando,
Analis socorros vão buscando.

XLVIII

Cô os pannos, e cô os braços acenavam
As gentes Lusitanas, que esperavam;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto de ellas amainassem;
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos acabassem;
Tomam velas; amainam-se a verga alta;
Da amara o mar ferido, em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.



LII

Do mar temos cruzado, e navegado
Toda a parte do Antarcico, e Gellhu;
Toda a zuzia Africana rodando;
Dezemos zuzos, e terras temos visto;
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e benguesso,
Que n'ho do largo mar, com toda fronte,
Mas no lago entoremos de Acheronte.

LIII

E por mandado teu, buscand'o andamos
A terra Oriental, que o lado sego;
Por elle, o mar ramoso navegamos,
Que só dos seus phocas se navega.
Mas já razão parece que sabemos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIV

Somos, hum dos das ilhas he turhou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios, são aquelles que crsou
A natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa que zuzimou
O claro ascendente de Abralão;
Que agora tem do mundo o zuzhenio;
A mãe Hebraica teve, e o pai Gentois.

LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.



LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indu Hydaspes, e terra ardente,
Pícos aqui teróis, por quem sejas
Guitos pelas ondas sabiamente :
Também será bem feito que voltais
Da terra algum traço; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessário vos proteja.

LVI

Isto dizendo, o Moero se tornou
A seus barcos com toda a companhia :
Do Capito, e agens se apartou,
Com montes de devida sociedade,
Nas águas escureou,
Co' o carro de crystal, o claro dia;
Dando cargo á tripa que allumina
O largo mundo, em quanto repousava.

LVII

A noite se passou na lousa frota,
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota,
Nova de tanto tempo descoberta,
Qualquer então consigo cuida, e unta
Se ajuntou, e na maneira desusada,
E como se que as erradas seita creiam,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas :
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

✦ 17 ✦



LIX

Mas así como a Aurora marchada

Os formosos cabellos espalhou,
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O imperio tomaram a Costantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come, e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.



11. 1. 1870



LIII

E mais lhe diz também, que ver deseja
Os livros de sua lei, praximo, ou se,
Para ver se conforma á sua seita.
Ou se são dos de Christo, como cre.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pediu que lhe de
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co' os inimigos pelejavam.

LIII

Responden o valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escusa bem sabia :
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa;
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil :
Que padecco deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
E que do ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI

Deste DEOS-HOMEM, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria :
Como amigo as verás; porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.



LXVI

Deo dizendo, manda os diligentes
Ministros mostrar as armaduras :
Ven aruzas, e peitos reluzantes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de picuras diferentes,
Pelourns, espingardas de nov puras,
Armas, e sagitieras alôras,
Pantallas agudas, cunq'ue bruzas :

LXVII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panelas sulphureas, tão damnosas :
Porém nos de Vulcano não consente
Que dem fogo as bombardas temerosas :
Porque o generoso animo, e valente,
Entre panes tão picuras, e medrosas,
Não mostra quanto possa o seu coraço :
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que o Mouro aquí notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento :
Nas mostras, e no gesto o não mostrou ;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado ;
Diz-lhe, que o largo premio levarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.



LXXX

Também o odio foi, e a má vontade,
Que vos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquela eternidade,
A quem julia algum não alcançar?
Que nunca falte bom perfêdo inimigo
Aquelles de quem foste tanto amigo!

LXXXI

Partio-se nisto em fim co' a companhia,
Diz naos o falso Mouro despedida,
Com enganosa, e grande concécia,
Com gesto lido a todos, e fingido.
Coraram os bates a curia via
Dos agues de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao infinito aposento.

LXXXII

Do claro assento ethereo, o grão Theatro,
Que de parental cura foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comigo estas palavras praticava:

LXXXIII

Essa do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançando
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de sofrer que o fado favoreça
Outros, por quem meu nome se obscureça!

* * *



LXXV

Já quizesem os deuses que tivesses
O filho de Philippo nesta parte:
Tanto poder, que tudo submettesses
Debaixo de seu jugo o fero Marte:
Mas ha-se de soffrer que o fado deus
A tão poucas temendo esforço, e arte,
Que eu sei o grão Macelônio, e co' o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano!

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capito, juradamente
Lhe será como engano fabricado,
Que nunca veja os paços do Oriente.
En decorel a terra; e o indignado
Priso resolverei da Mauza gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Tão dizendo irado, e quasi irado,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gosto humano:
Para a Prasse sahido se metteo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gosto natural se converteo
D'hum Moure em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co' o Xaque mui vallido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

Zambora 3/20



LXXX

E sabe mais, lhe diz, como entendia
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com ronbos, com incendios violentos :
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX

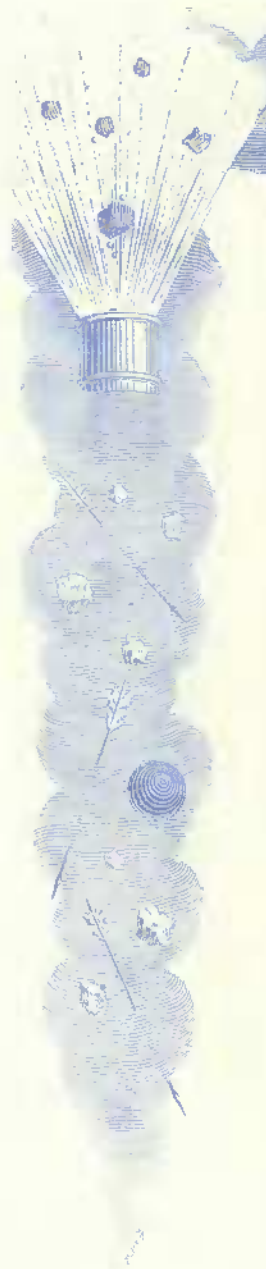
E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado,
Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste geito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente :
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho :
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.



LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande :
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co' elle ande,
Que se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabaltheos accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido :
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido :
Mas pode suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario :
E foi-lhe respondido em som de guerra ;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres bateis somente que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia;
Ontros muitos já postos em cilada;
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.





LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada :
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e poem por terra :

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilheria ;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia :
O coração dos Mouros se quebranta ;
O temor grande o sangue lhe resfria :
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza :
Mas seguindo a victoria estrue, e mata
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compra-la mais barata :
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.



xcI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o pão, e o canto arremessando;
Da-lhe armas o furor desatinado :
Já a ilha, e todo o mais deseparando,
À terra firme foge amedrontado :
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

xcII

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaiois subis da bruta gente :
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

xcIII

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra, e rica presa;
E vão a seu prazer fazer agnada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo mais que nunca accesa :
E vendo sem vingunça tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

xcIV

Pazes commetter manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra;
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra :
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.



xcv

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento
As velas manda dar ao largo vento.

xcvi

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada.
Fiel, alegre, e doce companhia :
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava,
Da India toda, e costas que passava.

xcvii

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara :
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte genie se temia.

xcviii

E diz-lhe mais co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antigo Christião sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

Handwritten note:
17. 11. 18



XCIX

O mento o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a illa he possuida da malina
Gente, que segue o tope Mafamede:
Aqui o angulo, e morte lha imagina,
Porque em poder e sucesso muito excede
A Mozambique, esta ilha que se chama
Quilim, mal conhecida pela fante.

C

Para lá se inclinava a fada feroz:
Mas a deusa em Cytherea celebrava.
Vendo como deixava a certa roia,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por d'ianie,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe menia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas a ilha demandava:
Mas não querendo a deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.



ciii

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum Rei de antiqua idade,
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

civ

E sendo a ella o Capitão chegado,
Esiranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro que tomara.

cv

O recado que trazem he de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravíssimos perigos!
Oh caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

cvi

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

o o





C. I

•

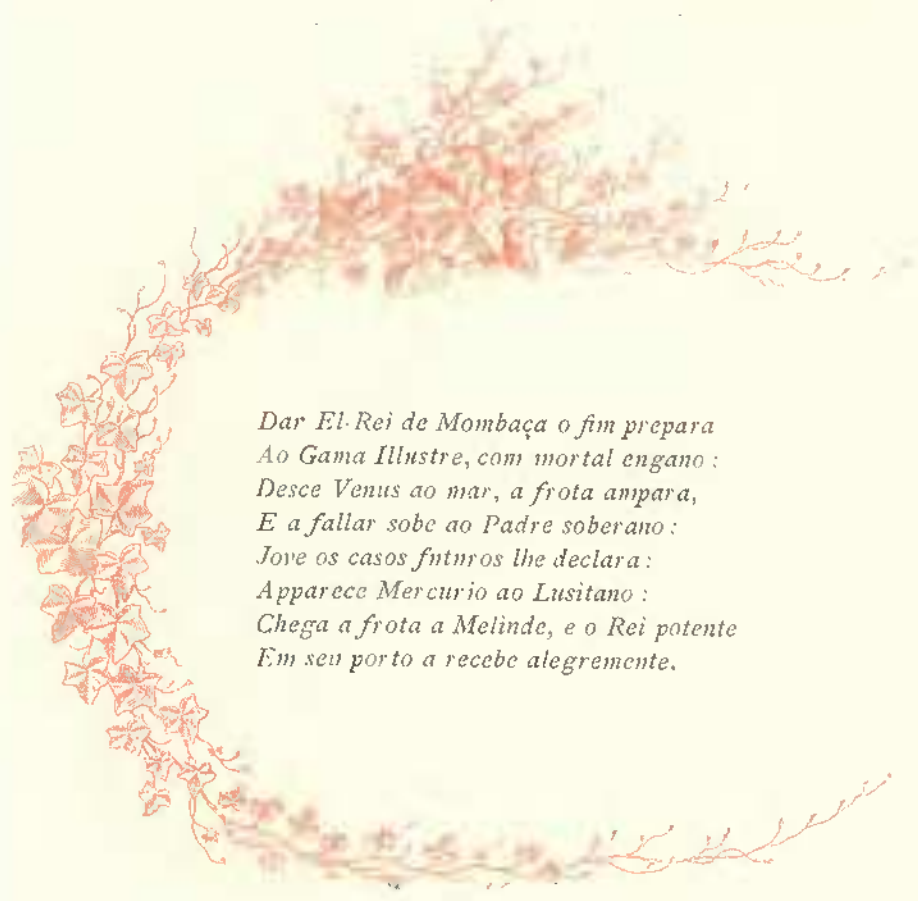
Os colibris, personificação do Amor e da
Ternura.

•


Composição de PAVAN BORN



CANTO SEGUNDO



*Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano :
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano :
Jove os casos futnros lhe declara :
Apparece Mercurio ao Lusitano :
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.*



Os Lusíadas

V. DA GAMA

DA GAMA

Canto segundo

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que ns horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, e lenta meta,
A luz ceeste ás gentes encobrinndo;
E da casa marítima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as fingidas gentes se chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia :
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via ;
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

+ 33 +



III

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada :
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV

E se buscando vás mercadoria
Que produce o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestaute ;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante :
Daqui levarás tudo ião sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo ;
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo :
Porem que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo, a frota não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia ;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria,
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia :
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII

E de alguns que trazia condemnados
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,
 Porque podessem ser aventurados
 Em casos desta sorte duvidosos,
 Manda dous mais sagazes, ensaiados;
 Porque notem dos Mouros enganosos
 A cidade, e poder; e porque vejam
 Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
 Porque a boa vontade que mostrava,
 Tinha firme, segura, limpa, e branda,
 A qual bem ao contrario em tudo estava.
 Já a companhia perfida, e nefanda,
 Das naos se despedia, e o mar cortava :
 Foram com gestos ledos, e fingidos,
 Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E depois que ao Rei apresentaram
 Co'o recado os presentes que traziam,
 A eidade correram, e notaram
 Muito menos daquillo que queriam;
 Que os Mouros cautelosos se guardaram
 De lhe mostrarem tudo o que pediam :
 Que onde reina a malicia, está o receio
 Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, e foi nascido
 De duas mãis; que ordia a falsidade,
 Por ver o navegante destruido;
 Estava n'huma casa da eidade,
 Com rosto humano, e habito fingido,
 Mostrando-se Christão, e fabricava
 Hum altar sumptuoso que adorava.

XI

Alli unha em retrato affigurada
 Do alto e Sancto Espirito a pintura,
 A candida pombinha debuxada,
 Sobre a unica phenix Virgem pura;
 A companhia sancta está pintada
 Dos doze, tão torvados na figura,
 Como os que, só das linguas que cahiram
 De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Baccho estava,
 Poem em terra os giolhos, e os sentidos
 Naquelle Deos, que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes produzidos
 Na Panchaia odorifera queimava
 O Thyoneo; e assi por derradeiro
 O falso deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom e honesto tratamento
 Os dous Christãos, não vendo que enganados
 Os tinha o falso, e sancto fingimento.
 Mas assi como os raios espalhados
 Do Sol foram no mundo, e n'hum momento,
 Apareceo no rubido horizonte
 Da moça de Titão a roxa fronte :

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
 Do Rei, para que entrassem, e comsigo
 Os dous que o Capitão tinha mandado,
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo :
 E sendo o Portuguez certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Christo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
 Sacras aras, e sacerdote sancto;
 Que alli se agasalharam, e dormiram,
 Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
 E que no Rei e gentes não sentiram
 Senão contentamento, e gosto tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegremente os Mouros que subiam:
 Que levemente hum animo se fia
 De mostras que tão certas pareciam.
 A nao da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos que traziam:
 Alegres vinham todos, porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cantamente apparelhavam
 Armas, e munições, que como vissem
 Que no rio os navios ancoravam,
 Nelles ousadamente se subissem:
 E nesta traição determinavam,
 Que os de Luso de todo destruissem;
 E que incautos pagassem, deste geito,
 O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando,
 Com a nautica gríta costumada;
 Da proa as velas sós ao vento dando,
 Inclinam para a barra abalizada.
 Mas a linda Erycina, que guardando
 Andava sempre a gente assinalada,
 Vendo a cilada grande, e tão secreta,
 Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX

Cunvoca as alvas filhas de Nereo,
 Com toda a mais cerulea companhia;
 Que porque no salgado mar nasceo,
 Das aguas o poder lhe obedecia :
 E propondo-lhe a causa a que desceo,
 Com todos juntamente se partia,
 Para estorvar que a armada não chegasse
 Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agna erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma;
 Doto co'o peito corta, e aravessa
 Com mais furor o mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespa, em força summa
 Abrem caminho as ondas encurvadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dione furiosa;
 Não sente quem a leva o doce peso,
 De soberbo, com carga tão formosa:
 Já chegam perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa;
 Repartem-se, e rodeam nesse instante
 As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII

Poem-se a deosa com outras em direito
 Da proa capitaina, e alli fechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a vela inchando :
 Poem no madeiro duro o brando peito,
 Para deiraz a forte nao forçando;
 Outras em derredor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.



XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,
 Levando o peso grande accommodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado;
 Alli são seus trabalhos, e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado :
 Taes andavam as nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a nao forçada,
 A pezar dos que leva, que gritando
 Maream velas ; ferve a gente irada,
 O leme a hum bordo, e a outro atravessando .
 O mestre asiuto em vão da poppa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 O estava hum maritimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
 No rudo marinheiro que trabalha;
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrída batalha :
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha ;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Ei-los subitamente se lançavam
 A seus bateis veloces que traziam;
 Outros em cima o mar alevantavam.
 Saltando n'agua a nado se acolhiam :
 De hum bordo e d'outro subito saltavam.
 Que o medo os compellia do que viam ;
 Que antes querem ao mar aventurar-se.
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVI

Assi como em selvática alagosa
 As rãs, no tempo amiguo Lycia gente,
 Se semem por ventura sôr pezoa,
 Estando fora da agua incautamente,
 Dequi e dalli saltando, o charco soa,
 Poe fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao zunir que cothorem,
 Sô as cabeças na agua lhe apparecem :

XXVII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
 Que ao perigo grande os seus guiaa,
 Crendo que seu engano estava notto,
 Tambem foge, saltando na agua attato,
 Mas por não darem no perigo innoco,
 Onde percam a vida d'ou e chata,
 A ancora vulta logo o capitão,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Entende o que ordenava a bruta gente :
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nao passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX

Oh caso grande, esiranho, e não cuidado!
 Oh milagre clarissimo, e evidente!
 Oh descoberto engano inopinado!
 Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se sem perigo sabiamente,
 Se lá de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providência,
Dezes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois sabe humano, sem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança:
Ó tu Guarda divina, sem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII

E se te mostra tanto a piedade,
Deus misera gente peregrina,
Que só por tua altíssima bondade
Da gente o salvo, perdo e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzic-nos (já agora dormina);
Da nos mostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII

Quero-lhe estas palavras posturas
A formosa Deusa; e commovida,
Ventre as nymphas se vai, que surtidas
Ficaram deus súbita perdida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera rezbida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E com hia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, admirava.
Des olhos, onde faz seu filho o ninho,
Hans espiritus vivos impetava,
Com que os polos gelados accendia,
E acenava do fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foi sempre amada, e clara,
 He ll'apresenta assi como ao Titiano,
 Na selva lista, si se apresentara.
 Se a vira o cazador, que o valto humano
 Parfoo, vendo Diana na agua clara,
 Nunca os familiares palcos o mataram,
 Que primeiro desejos o acubaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
 Pelo collo, que a neve escurecia;
 Andando, se factos todos lhe tremiam,
 Com queste umbr' hofuzava, e não se tia;
 De alva patrizia flamma lhe sahiam,
 Onde o Minimo as almas accendia;
 Pelas lisas columnas lhe tropevam
 Desejos, que como hera se entrelavam.

XXXVII

Chum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo;
 Porem nem tudo esconde, nem descobre
 O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
 Mas para que o desejo accenda, e dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Já se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
 Co'o riso huma tristeza misturada;
 Como dama que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada:
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla.

xxxix

Sempre eu cuido, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affável, e amoroso,
 Porque a alguns contraindo-lhe pensasse:
 Mas pois que contra mi te vejo irado,
 Sem que tu mereças, nem te irasses,
 Faça-se como fazecho determinado;
 Assentarei em fim que fui mofoza.

*o

Eu peço que lhe mett. por quem derramo
 As lagrimas que em são cabidas vejo,
 Que estas de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando chorou, a brado,
 E contra mimba d'ella em fim peço.
 Ora pois, porque o amo he mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

xli

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui... E nisto de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa;
 Torna a segui-la; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

xlii

E destas brandas mostras commovido,
 Que moveram de hum tigre o peito duro; .
 Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,
 Torna sereno e claro o ar escuro;
 As lagrimas lhe alimpa, e accendido
 Na face a beija, e abraça o collo puro;
 De modo que dalli, se só se achara.
 Outro novo Cupido se gerara.



XLIII

E co' os seos apertando o rosto amado,
Que os suspiros e lagrimas augmenta;
Como manjar de ama castigado,
Que quem no affago, e choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em sauzo o peito arado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos factos se entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está disculdo:

XLIV

Formosa filha minha, não tomatis
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguém comigo possa mais,
Que estes chorosos olhos soberanos:
Que eu vos peematis, filha, que veja
Esquecerem-se Gergis, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o fucundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades, e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.



XLVIII

Vereis vós que agora pressurados
Por tantos estudos o lido vai buscando,
Trazes della Nopruço do maduro,
E em vanto suas águas suscipando,
Oh como nunca fiado, e milagroso,
Que trema a terra e mar, sem calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que também della não tido os elementos!

XLIX

Vereis a terra que a água lhe solha,
Que toda lá de ser hum porto vai decore,
Em que são descancar da longa via,
As naus que navegarem do Ocidente,
Toda esta costa em fim, que agora ordli
O mercetium engano, e sedente
Lhe pagará tributos, e tribucenho
Não poder resistir ao larso horrendo.

L

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjogado:
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feiros de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peño Lusitano fero, e horrendo.
Do Mouro alli veráo que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.



LII

Gov vereis nos Mouros ser humilha,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, atrevida, e exaltada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro feio pôr, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra,

LIII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Casanor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente;
E vereis em Cochim assustar-se
Tanto bem prims soberbo, e insolente,
Que cithara já mais cantou victoria,
Que aos muros eterno nome, e gloria,

LIII

Nunca com Marte destructo, e fumoso,
Se vio ferret Lencate, quando Augusto
Nas civis Artas guerras animoso,
O capitulo vanceo Romano injuro;
Que dos portos da Aurea, e do festoso
Nilo, e do Bacra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egyptia linda, e não pudica:

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LVI

De modo, filha minha, que de gesto
Amustaria afeição mais que Inimiga,
Que nunca se verá tão forte peito
Do Gorgoneo mar ao Gaditano;
Nem das floreas oufas ao Estreito,
Que mostrou o aggrovado Lusitano;
Porque em todo o mundo, de afrontados,
Resuscitassem todos os passitos.

LVII

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e searpado,
Para onde um recio a forte venha;
E para que tem Mambuca aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostraram:
A terra, onde quinto regnumam.

LVIII

Já pelo se o Cylleneo souava,
Com as suas nos pãe a terra deca;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LXIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.



LII

Dalli para Mumbaca logo parte,
Ainda as naos estiveram temerosas,
Para que a gente mande, que se esperte
Da barra-limiga, e terras suapollanas.
Porque mal pouco val esdono, e arto,
Contra infirmaes visitudes enganosas:
Pouco val coraçao, astucia, e siso,
Se H dos Casos não vem celarem aviso.

LIII

Mais caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no ceo, co'a luz alba,
Tinham o largo mundo allumiado;
E só cõo somno a gente se recrea
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrega,
Esse repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartas vigia.

LXII

Quando Mercurio em senhus lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o ceo te favoreça;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, a'outra parte,
Onde podes seguro agasallar-te.

LXIII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vai-me ao longo da costa discorrendo,
 E n'outra terra achados de mais verdade,
 Lá qu'atã jánta d'onde o Sol ardendo,
 Igual o dia e noite em quantidade |
 Allí tua frota alegre recebendo
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,
 Ganalhado seguro te darão,
 E para a Índia certa e certa guia.

LXIV

Das Mercant'ias, e o sommo leuá
 Ao Capião, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê furido a escuma treva
 De humo subite luz, e raios sancto.
 E vendo claro quanto lhe releua
 Não se deter na terra iniqua tamo,
 Com novo espirito ao marre seu mandava,
 Que as velas desse ao vento que soprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
 Que a não nos favorece, e Deus o manda;
 Que havi metageira vi do clero assento
 Que só em favor de nossos passos anda,
 Alzanto-se alto o movimento
 Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
 Levam gritando as ancoas aalma,
 Mostrando a ruda força que se estima.

LXVI

Neste tempo que as ancoras levavam,
 Na sombra escura os Mouros escondidos
 Mansamente as amarras lhe cortavam,
 Por serem, dando á costa, destruidos :
 Mas com vista de lince vigiavam
 Os Portuguezes, sempre apercebidos :
 Elles como acordados os sentiram,
 Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXXVI

Mas já as agudas penas apartando
 Hiam as vias húmidas de argenteo;
 Assopra-lhe galema o vento, e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos penitentes vão fallando;
 Que mal se perillão do perillamento
 Os ceos grandes, ilude em tempo aperto
 A vida em salto escapa por acerto.

LXXVII

Tinha hũa volta dada o Sol oriente,
 E n'outra começava, quando viram
 Ao longe dous navios, brandamente
 Co' os ventos navegando, que respiram:
 Porque haviam de ser da Maura gente,
 Para elles arribando, as velas viram:
 Hum de temor do mal que necessava,
 Por se salvar a gente, á costa dava.

LXXVIII

Não he o outro que fica tão manhoso;
 Mas use mãos vai zahir de Lusitania,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horroscópica de Yalcama;
 Que como feres debíl e modorra
 Da pouca gente o fraco peito humano,
 Não teve resistencia, e se n'atrou,
 Mais d'aman resoluído recobrou.

LXXIX

E como o Gama muito desejasse
 Piloto para a India que buscava,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
 Mas não lhe succedeo como cuidava:
 Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
 A que parte dos ceos a India estava:
 Porém dizem-lhe todos, que tem perto
 Melinde, onde acharão piloto certo.

Digitized by Google



LXXIII

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero paiz,
Magnificência grande, e humanidade,
Com parvas de grandissimos respaios.
O Capitão o avella por verdade,
Porque se lho dissera, deste gritos,
O Cylloso em sonhos a parcia
Para onde o sendu, e o Mouras lhe dista.

LXXIV

Era no tempo alegre, quando entrava
No rochador de Europa a luz Phœbus;
Quando hum a o outro curso lhe aguardava;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O prestarem Sol, que o uso ridea,
Em que aquelle, a quem não está uijbo,
O sello por a quince tinha feiro.

LXXV

Quando chegou a frota aquella parte,
Onde o reino Melindano il se via,
De todos aditada, e leda de arte,
Que bem mostra muitas o sazes dia,
Treme a bandeira, via o estandarte,
A cor purpura ao longo apparecia;
Stam os atambores, e pandeiros,
E assi entravam lidos, e gaudeiros.

LXXVI

Enche-se toda a praia Melindana
De gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Pega no fundo a ancora pezada :
Mandam fóra hum dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.



LXXV

O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandecê,
Tomarem o seu porto tanto prezô,
Quanto a gente fortíssima merecê
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os pechos generosos enobrecê.
Lhe manda rogâr muito que sabissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras têm passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinas domesticas cevalas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade o dadijo recodia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado :
Escarlata purpurea, cor ardente;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o Embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras iaes fallando orava :



LXXX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da sentença justiça concedida:
Reinar o soberbo poteis duro,
Não menos d'elle amado que temido:
Como porto mui firme, e mui seguro,
De tudo o Orbeis conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXXI

Não somos embaixadores, que passamos
Pelas trucas cidades descuidadas,
A ferros, e a fogo, as gentes vós matando,
Pae confarm-lhe as lazadas e bôças;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apertadas
Da India grande e rica, por mandado
Do hum Rei que temo, abo, e sublimado.

LXXXII

Que attracção tão dura ha hi de gente?
Que turbado continuo, e inconstante,
Que não vejam os portos temozinhos,
Mas inda o hospicio da deserta aren?
Que má ventura, que pejo em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arretra?
Que cum laços armados tão fugidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXIII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII

E não culdes, ó Rei, que não saltes
 O honso Capitão esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque vives,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumpriose
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota, em qualquer porto, ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercício,
 Que os membros tem ligados da cabeça,
 Não querrás, pois sem do Rei o officio,
 Que ninguém a seu Rei desobedeça:
 Mas as merces, e o grande benefício,
 Que ora acha em ti, promette que conhece,
 Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
 Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
 Huns com outros em pratica fallando,
 Louvavam muito o estomago do genio,
 Que tantos deus e mares vai passando,
 E o Rei illustre, o peito obediente
 Dos Portuguezes, no alma imaginando,
 Tinha por valor grande: e mui subido
 O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risomba vista, e ledo aspecto,
 Responde ao Embaixador, que tanto estima:
 Toda a suspeita mi tira do peito,
 Necessario firo temor em vós se imprima:
 Que visso preço, e obitas são de genio,
 Para vos ver o mundo em minha estrema;
 E quem vos fez nobreses tratamento,
 Não pode ser subido pensamento.



LXXXVII

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze esranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porem como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui lerá, de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co' a embaixada alegre se partia
Para a frota, no sen batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando :
Fazem os bombardeiros sen officio.
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimando :
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

A decorative border in reddish-orange ink surrounds the text. It features intricate, repeating patterns of stylized figures and motifs. At the top center, there is a figure with a large, ornate headdress. The border is symmetrical and frames the central text block.

XXX

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o riso vibrando, com zombaria;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escovado,
A grita se levanta ao ceo, da gente,
O mar se via em fugas sciznado;
E não menos a terra: e así festeja
Hum ao outro, á maneira de peiza.

XXXI

Mas já o can inquirio revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já o mól de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo acólho:
Háit-se os sonhos lentas docharndo,
Sobre as flores da terra, em frin orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a fruta que no mar estava.

XXXII

Viam-se em derredor ferter os peias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da tua purpura as cabidas,
Lustram os panos da terida seda:
Em lugar de guerreiras azagais,
E de arzo, que os cuernos arremida
Da Lua, trazem comos de palmeira;
Doz que vencem coras verdadeira.

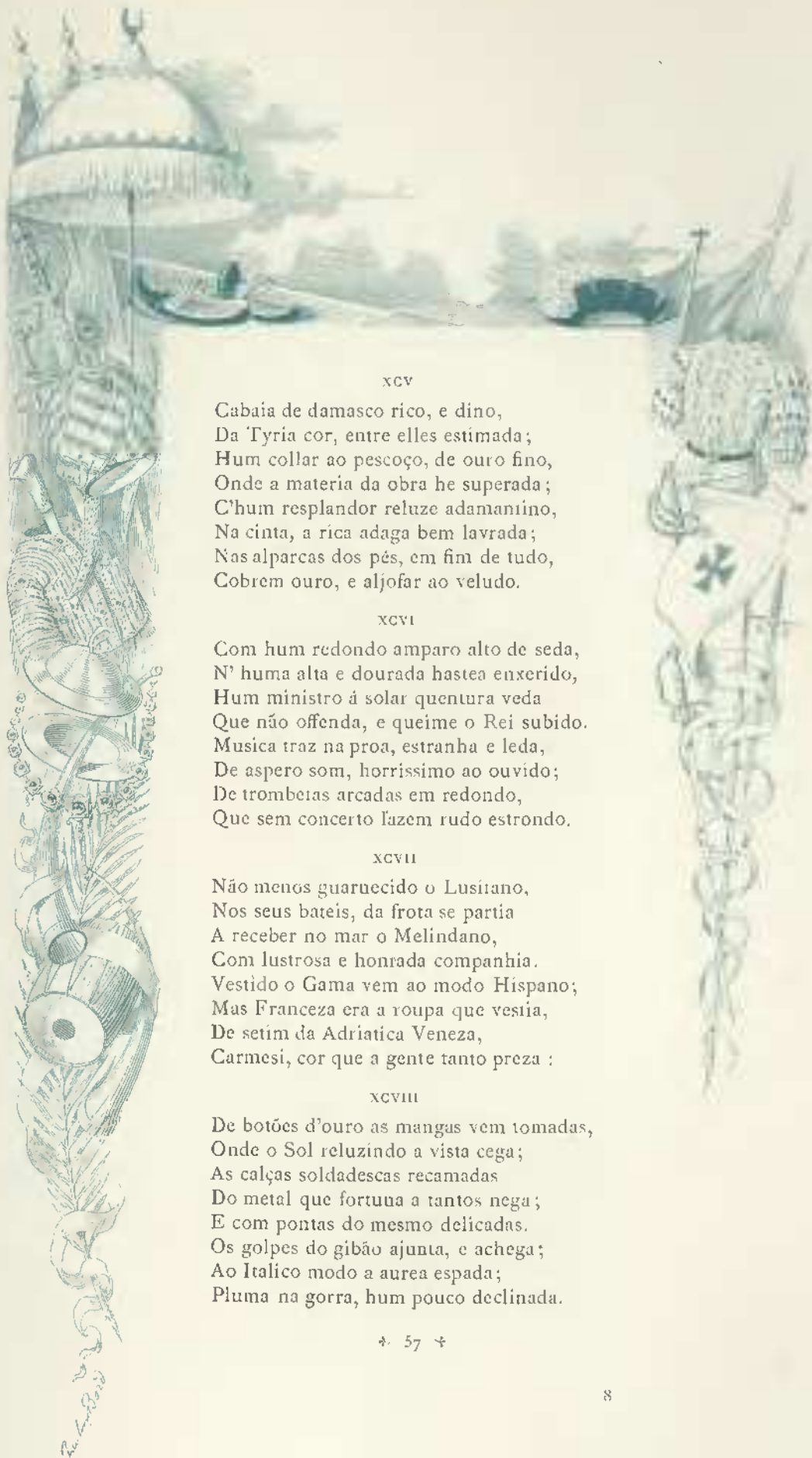
XXXIII

Hum botel grande, e largo, que soldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinda, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores;
Na cabeça humo toua guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algodão terida.

* * *



C.II, xciv



xcv

Cabaia de damasco rico, e dino,
Da Tyria cor, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C'hum resplendor reluze adamanino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

xcvi

Com hum redondo amparo alto de seda,
N' huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horriissimo ao ouvido;
De trombeias arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

xcvii

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza :

xcviii

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas.
Os golpes do gibão ajunta, e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

✦ 57 ✦



xxx

Nos da sua companhia se mostrava,
Da terra que dá o marfim excellento,
A via e rot, que os elmos alegrava,
E a maneira de traço differente.
Tal o formoso consorte se mostra,
Dos castidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco eutilante
Da bella nymphã, filha de Thaumante.

c

Soccorras trombetas incitavam
Os animos alegres resonando ;
Dos Mouros os batis a mar zualhavam,
Os pedros pelas aguas arrojando,
As bombazdas horrissimas bestavam,
Com os mareus de fumo o Sol tomando ;
Amudiam-se os briosos acendidos,
Tapam co' as mãos os Mouros os ocellidos.

ci

Já no batoz entre do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava ;
Elle co'a corozella, que a razão
;Por ser Rei requeria, lhe fallava,
C'humos mistros de espanto, e admiração,
O Mouros o gesto, e o modo lhe notava ;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe a India vinha.

cii

E com grandes palavras lhe offerce
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallasse,
Como se proprio fosse lho pedisse ;
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse ;
Que já ouvia dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lã tivesse guerra.

* * *



cxiii

E como por toda Africa se vos,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam e covas
De rama, onde as Heptérides viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menor que os de Luso mereceram:
E o mais que pelo fama o Rei sobra;
Mas d'ista sorte o Gama respondeia.

cxiv

O tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria, e adversidade,
Das mãos experimenta a furia insana;
Aquelle alta, e divina Eternidade,
Que o ceo resolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pagas o que nós outros não podemos.

cxv

Tu só de todos quantos quizima Apollo
Nos mares em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horríveis de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jurando.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que os vivos, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria.

cxvi

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja:
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co' os anafis os Mouros respondiam.



119

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Moore, que pensava,
Ouvindo o instrumento lustrado,
Que tremendo terror em si mostrava:
Mandava estar quieto, e accordeo
N'agua o bated ligeiro que se levava,
Por fallar de vagar co' o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

120

Em profezas o Moore diferentes
Se delectava, perguntando agra
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co' o povo bravido, que a Maloma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos portos sem viasadas,
Agora pelos humidos caminhos.

121

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, liz dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do Mundo onde moras, distinctamente:
E assi de vossa antiga aviação,
E o principio de vossa rã puzente;
Co' os successos das guerras do costume,
Que sem sabe-las, sei que são de proveito.

122

E assi tambem nos conta dos zudellos
Longos, em que se trae o mar italo:
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nosse Africa toda tem criado.
Conta: que agora vae co' os aureos fructos
Os cavallos, que a carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem.
O vento almas, o mar, e as ondas fazem.

* * *





181

E não menos em o tempo se parece
O desejo de nutrir-se os que contares,
Que quem ha, que por fama não confesso
As obras Portuguezas singulares!
Não tanto desviado resplandecer
De nós o claro Sol, para vulgarer
Que os Malindanos tem tão todo petto,
Que não sabem mais hum grande feito.

182

Commattaram soberbos os Gigantos,
Com guerra vã, o Olympo claro e paço;
Tentou Piritho, e Theseo, de innocentes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos ha trabalho illustre e duro,
Quanto foi commettar inferno, e ceo,
Que nutrem comensal a farta de Netoo.

183

Queiximo o sagrado templo de Diana,
Do subtil Cresiphonio fabricado,
Herostromo, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se também com taes obras nos angustia
O desejo de hum nome avantajado,
Mais raro ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.



181



C. II

*

© CANTO TERCEIRO
Existem duas d'estas peças em Portugal, uma na
Escola Naval de Lisboa e a outra no Museu da
Comando geral de Artilheria.

*


(Composição de Paris Bord)



*Peça de ferro de calibre para a artilharia de 12 libras.
Existem duas d'estas peças em Portugal, uma na
Escola Naval de Lisboa e a outra no Museu do
commando geral de Artilheria.*

Composição de PAVUS BOAN

CANTO TERCEIRO



*A populosa Europa se descreve ;
De Egas Moniz o feito sublimado ;
Lusitania, que Reis, que guerras teve ;
Christo a Afonso se expõe crucificado ;
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado :
Mostra-se o vil desnido de Fernando.
E o grão poder de hum gesto suave, e braudo.*



Os Lusíadas

Canto terceiro

Agua tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o Elyzio Usina;
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo jurou, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clytie, ou Lencothoe;
Te negue o amor devoto, assim sou.

Poesia tu Nymphe em effeito meu desejo,
Como merece a grata Lusitania;
Que veja a saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana;
Deixa as floes do Pindo, que já vejo
Bañar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum recesso,
Que se escarça o teu querido Orpheo.

• 95 •



III

Prontas estavam todas excitando
O que o sublimar Gama contaria;
Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o ruído, así dizia:
Manda-me, ó Rei, que conto declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia;
Mas manda-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outram possa louvar estheço alheio,
Cousa he que se condena, e se desceja:
Mas louvar os meus proprios, arraccio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, tanto e creio,
Que qualquer longo tempo certo seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Alem disso, o que a todo um fim me dirija,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tres, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem levo, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com sua salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterraneo.



vii

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avistára : nãa o rio
Que dos montes Bhipheios se cozerndo,
Se alagoa Meutis, curra e frão,
As divide : e o mar, que lãto e burrondo
Vio dos Gregos o leudo sanharo ;
Onde agora de Troia triumphante
Não se mais que a memoria o navegante.

viii

Lã onde mais debaixo estã do polo,
Os montes Hypetoreos appareçam ;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos soffros se chambreram.
Aqui lãa pouca fozza tem de Apollo
Os raios que no Mundo resplandecem,
Que a neve estã cunhido pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

ix

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co' os que tinham emido a Egyptia terra ;
Mas quem lão fãra estava de verdade,
(Jã que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

x

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega ;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.



VI

Entre este mar, e o Tanaís vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livônios,
Sarmatas outro tempo; e no montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polônios.
Sujeitos ao Império de Alexandre
São Saxones, Boêmios, e Panonios,
E outras varias nações, que o Reno trin
Lata, e o Danubio, Amnia, e Albis rio.

VII

Entre o remoto Iero, e a claus estreito
Acudo Helle deixou co' o nome a vida,
Estão os Thracos de robusto peão,
Do Iero Marte patria são querida;
Onde co' o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Otomano está, que submettida
Byrancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

VIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lara do Axio a agua fria;
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e industria;
Que cresceu os pechos eloquentes,
E os juizes de alta phantasia,
Com quem na clara Grecia, o ceo penetras,
E tão matos por armas, que por letras.

IX

Logo os Dalmatas vivem: e mi sebo,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veniza está no meio
Das aguas, que tão baixas comçoou.
Da terra, hum braço vem ao mar, que chamo
De esturço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente soblitosada,
São menos em crendulos, que em espada.



xx

Em torno a terra o reino Septimino,
Co' os muros murara, por outra parte;
Pela meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Maro.
Mas depois que o Portuzio tem dividido,
Perdendo o saforço, e bellica arte;
Pobre em já de antiqua potestade;
Tanto Deus se contenta de humildade!

xxi

Gallie alli se verá, que nomeada
Co' os Cesares triumphos foi no mundo,
Que da Sequana, e Rhodano ha repada:
E do Garumna rio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nymphe sepulcra
Pyrene se elevam, que segundo
Amigdalões contam, quando ardeam,
Rios de ouro, e de prata então correm.

xxii

Essa aqui se descreve a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda;
Em cujo seio, e gloria esbranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquietar por-lhe a roda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

xviii

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.



XIX

Tem o Taragonca, que se fez claro
Sujeitando Parthenepe inquina;
O Navarra, as Asturias, que repartiu
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego castro, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu plátem
Reinvidor de Hespanha, e scuboe della,
Bete, Lolo, Granada, com Castilla.

XX

Eis-aqui, quasi cima da cabeça
De Europe toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phobos repousa no Oceano,
Este qual o Coos jura que boreça:
Nas armas conta o turpe Mauritano,
Deltando-o de si fier; e lá na aculeta
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada;
A qual se o Coos me dá, que eu sem perigo
Formo, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta liza alli comian.
Esta he Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Paschoe antigo
Filhos foram, parent, ou compatriotas,
E nella amão os incidos primeiros.

XXII

Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguém virá que domo,
Pois a grande de Roma não se otrove.
Esta, o velho que os filhos próprios come,
Por decreto do Coos, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.



XXIII

Hum Rei, por nome Alfonso, fô na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas singulares, Soçô, e monta,
A muitos fez perder a vida, e a terra.
Vendo sem Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe a Campia terra,
Muitos para as guerras esclarecer-se,
Vizham a elle, e a morte oferecer-se.

XXIV

E chum autor intrinseca accordado
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Depois que em feitos altos, e subidos,
Se mostrarem nas armas singulares;
Quê o famoso Alfonso, que obras taes
Levavam premio digno, e dous iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado.
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intemta guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo lá se via;
E não vê a soberba o maldo que cria
Conta Deus, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era o maior.

XXXII

O Progne crava o magoa Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Do maldade dos pais, de culpa siltos,
Olhai que toda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobice faz,
São as causas dente em principais
Scylla por huma mata o velho pai,
Eris por ambas, contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Príncipe claro o remanente
Da padrao, e da iniqua mãe levava,
Lá lhe obedece a terra a hum momento.
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãe em foyos asperos atava:
Mas de Deus foi vingada em tempo breve,
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se aponta o soberbo Castelhana,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tio raro em gente Lusitano,
A quem sem hum trabalho agrava, ou pesa.
Em batalla cruel o peito humano,
Ajuda da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

+ 73 +



XXXV

Não passa muito tempo, quando o feroz
Ertácpe em Guimaraens così arreza
De infantil poder; que desta sorte
Foi refazer-se o inimigo magado;
Mas, com se offerecer á dura morte
O tal Egar amo, foi livrado:
Que de outra arte pudera ser perdido;
Segunda estava mal aperebido.

XXXVI

Mas o leal vasallo, comtendo
Que seu senhor não tinha remissão,
Se vai ao Conselho, prometendo
Que elle faria dia-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco furzendo,
Faz-lhe as promessas, e consensão
De Egar-Mimic. Mas não consente o peço
Do moço illustre a contentar-se sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhano se aguardava,
Que o Príncipe a seu mando submerido,
Lhe deu a obediência que esperava.
Vendo Egar, que ficava temendo,
O que d'elle Castella ali cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII

E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o prometido.



A. Bramtot pinx.

Heliogŕ Dujardin

C. III, XXXVIII

WILLARD AILLAUD & CO. EDITEURS

Imp. Ch. Chevillon

XXXII.

Vês aqui trage as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos, e excellentes,
 Dos inimicos mofa a dura morte.
 Vês aqui os mãos, e a lingua delinquentes;
 Nellas são exprimentada a sorte
 De tormentos, de mortes, pelo enylo
 De Scilla, e do touro de Perilla.

XXXIII.

Quat diante do algua o condemnado,
 Que já na vida a morte tem habido,
 Puzo no cepo a garganta; e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido.
 Tal diante do Principe indignado,
 Esse tanto a tudo offerecido
 Mas o Rei vende a castanha lualde,
 Mais pôde em fim que o ira a piedade.

XXXIV.

Oh grão fidelidade Portuguesa,
 De vasallo que a tanto se obrigava!
 Que mais o Peria fez aquella empresa,
 Onde rosto, e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezara,
 Que vinte Babylonias que tomara.

XXXV.

Mas já o Principe Afonso aparelhava
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro, que as terras habitava
 D'além do claro Tejo delectoso:
 Já no campo de Onrique se assentava
 O arraial soberbo, e bellicoso,
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posioque em força, e gemo tão pequeno.



XLIII

Em nenhuma outra cousa contiado,
 Senão no summo Deos que o ceo regia;
 Que tão pouco era o povo baptizado,
 Que para hum só cem Mouros haveria.
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade que ousadia,
 Commetter hum tamanho ajuntamento,
 Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama:
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre lama.
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a formosa e forte dama,
 De quem tanto os Troianos se ajudaram,
 E as que o 'Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena, e fria,
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso o animava.
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflamado, assi gritava:
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mim que creio o que podeis.

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflamados, levantavam
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavam:
 E diante do exercito potente
 Dos imigos, gritando o ceo tocavam;
 Dizendo em alta voz: Real, Real,
 Por Afonso alto Rei de Portugal.



XLVII

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso ;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago accendido,
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando :
A pastoral companhia, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea :

L

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa :
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.



L I

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e lorçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

L II

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

L III

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophcos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

L IV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assí fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.



LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas submettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agnas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accessa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedecestes á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presuppuesto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte, em fim, tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados :
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes :
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.



LXIII

Ela a nubes cidade, certo asento
Do rebelde Serturio indiguamente;
Onde um se aguas vitidas de argente
Vem sustentar de longo a terra, e a gente;
Pelos arcos tocos, que como o centro
Nos arcos se elevamem nobremente;
Obedecem por mudo e ouvidos
De Giruldo, que medos não temo.

LXIV

Id na cidade Beso vai tottar
Vingança do Trancoso deservida
Afonso, que não sabe socorrer,
Por castidar ciza fama e curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a posse viva a gente insula
Proceda na fim vai de dura espada.

LXV

Como estas sobjuncta foi Palmella,
E a pinosa Cezimbra, e restamente,
Sendo ajudado mais de sua estralla,
Desturta hant exercito poente,
(Sentio-o a villa, e vio-o a serra d'alla!)
Que a socorro-la vinda diligente;
Pala fralde da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopiasda.

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co' os ciumes da vacca arrecoosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

+ 81 +



LXVI

Desta vez Alfonso subito mostrado
No genio lá, que padeu hũa segura,
Este mata, derriba demorado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura,
D'hum punco terrore toda escombrado,
Só de segui-lo o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gente de todo o Reino, mais mança,
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar tal Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que o fez fazer de outras companhia.

LXVIII

Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo daquillo que o merece;
Ou para que se entenda de vezes tanta,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atiquil sempre o Beto Rei resguarde
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ser defesa,
Da maldição da mãe que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
À batalha onde foi vencido, e preso.



LXXI

O famoso Pátapeio, não te pões
De teus feitos illustres a ruína;
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter seu sogro de si victoris digno;
Postoque o filho Phisio, ou Synto,
Que para nenhum caso a vósbra inclina,
O Bouce zelado, e a Líbia ardente,
Ternement o teu nome guardante:

LXXII

Postoque a súa Arabia, e que os feroces
Herinches; e Colichos, súa fama
O vos durado estande; e os Cappadocia,
E Judas que hum Deus adora e ama;
E que os molles Sophanes, e os atroces
Cillidos, com a Arménia, que derrama
As aguas dos dois rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e sancto monte;

LXXIII

E posto em fim que desol' o mar de Atlante
Até o Scythico Taurus, monte erguido,
E vencedor te vivam; não te espante
Se o campo Emathio si te vão vencido;
Porque Afraso rarax soberbo, e usante,
Tudo render, e ser desguis rendido.
Avis o qual o Conselho alto cefeso,
Que vence o vótro a ti, e o ganro a este.

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E depois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido,
À cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV

Fueque letouse avante seu desejo,
 Ao furto Ello manda o Inso velho,
 Que as terras se passasse d'Almonjo,
 Com gasta, e co'o belligero apparido.
 Sancho, d'astorço, e d'astimo arbejo,
 Avante passa, e faz correr vermello
 O rio que Sevilla vai regando,
 Co'o sangue Mauro, barbaro, e melendo.

LXXVI

E com esta victoria cubricas,
 Já não desparca o moço neto que raja.
 Outro estrago, como este numeroso,
 No barbaro que tem cecado Beja.
 Não taeda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Así estragado o Moura, na vingança
 De tantas perdidas põem sua capreança.

LXXVII

Já se juntam do mariz, e quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o oso;
 Já vem do promuntorio de Ampelusa,
 E do Tingi que assento fôr de Amos.
 O morador de Abyla não se movoa;
 Que tambem com suas armas se movoa.
 Ao som da Maurítima e tunica tuba,
 Tudo o reino que fôr do sobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
 O Miralmanista em Portugal;
 Trazo Bala Moura jeva de valia,
 Entre os quaes tem o sceptro Imperial;
 E así fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal.
 Don Sancho vai ocrar em Santarem;
 Porém não llo succede muito bem.

LXXX

Dê-lhe conselhos apertados, fazendo
 Aclã de guerra mil o Moura temo;
 Não lhe aproveita já trabalho horrendo,
 Mima secreto, aciete forçoso !
 Porque o filho de Afonso não perdendo
 Nada do esforço, e acorda generoso,
 Tudo provê com animo, e prudencia;
 Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXXI

Mas o vilão, a quem tinham já obrigado
 Os trabalhos annos ao escogo;
 Estando na cidade, cuja praça
 Entraviscam as aguas do Mondago;
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Samarra, do Moura povo cego,
 Se parte diligente da cidade;
 Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXII

E co' a famosa gente a guerra usada,
 Vai socorrer o filho; e así armados,
 A Portuguezes tanta consumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está cobrada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jumentos, puros rics,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXIII

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida :
 O Mir-almuminim só não fugio,
 Porque antes de fugir lhe foga a vida.
 A quem lhe esta victoria permitio,
 Dão louvores, e graças sem medida :
 Que em casos tão estranhos claramente,
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tantas victorias triumphava
 O velho Afonso, Príncipe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 De longe e muita idade foi vencido,
 A pallida doença lhe tocava
 Com frêa n'osso o corpo enfraquecido;
 E pagaram seus annos dexte goito,
 A triste Libitina seu direito,

LXXXIV

Os altos promontorios o chocaram;
 E dos rios as aguas mudosas
 Os semeados campos alagaram,
 Com lagrimas correndo piedosas.
 Mas tanto pelo mundo se alagaram
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre ao seu nome chamados,
 Afonso, Afonso, os ercos; mas em vão.

LXXXV

Sancho forte manarbo, que ficava
 Imitando seu pai na valentia,
 E que em sua vida já se exprimantara,
 Quando o Betis de sangue se tingia;
 E si barbaram poder desbaratare
 De Ismaellis Rei de Arabiella;
 E mais quando os que Beja em vão cercaram
 Os golpes de seu braço em si privaram,

LXXXVI

Depois que foi por Rei levantado,
 Havendo poucos annos que reinava,
 A cidade de Sylves tom cercado,
 Cujos campos o barbaro lavrava.
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da Germanica armada, que pomava,
 De annos fortes e gente apertada,
 A recobrar Judoa já perdida.

LXXXVI

Pasaram a ajudar na tanta empresa
 O rei Frederica, que moves
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade onde Christo padecera;
 Quando Guido, co'a gente em solda acena,
 Ao grande Saladino se rindeo,
 No lugar onde os Mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desajaram.

LXXXVII

Mas a formosa armada, que siere
 Põe co'atras de vanto aquella parte,
 Saucha que ajudar na guerra lera,
 Lá que em serviço vai do sancto marie;
 Assim como a seu pai acoumzera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Sylves nuna,
 E o bravo murador deitara, e d'outra.

LXXXVIII

E se tantos trophos de Mahumeta
 Alentando vai, tambem do forte
 Leona não consente estar quiesca
 A terra usada nos casos de Mavete;
 Até que na cerviz seu jugo mette
 Da soberbia Tui, que a mesma cote
 Vis ter a muíta villas suas vizinhas,
 Que por armas, tu Saucha, humilidas d'outras.

LXXXIX

Mas entre tantas palmas saltado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
 No tempo deste aos Mouros foi tomado
 Alcacere-do-Sal, por derradeiro;
 Porque d'antes os Mouros o tomaram.
 Mas agora estruidos o pagaram.



807

Morto depois Afonso, lhe succede
Sembrado seguido, manso e descuidado;
Que tanto em seus descauidos se descrede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

808

Não era Sancho, não, tão desbonoso
Como Nero, que haviu moço cecelia:
Por mulher, e depois horradoo homem
Com a má Agrippina commetia;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade quissemos unta vela;
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

809

Nem em o povo seu tyrannizado,
Como Scilla foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Gênero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de alheio, e costumado
A senhores em talo subornos,
A Rei não obedeca, nem consente,
Que não for mais que todos excellentes.

810

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este que Afonso o bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

✦ 88 ✦

XXV

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fora
O Mosem mal querido já de Marte.
Tudo de novo fez livre e senhores
Lusitania, sem força, e bellica este;
E acabou de opprimir a nação fôrta,
Na terra que avós de Luso combu amorte.

XXVI

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e ilustre;
Com quem a fama grande se escarva
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o reino principio floracei,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla chamo limes.

XXVII

Fez principio em Coimbra exercitarem-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pastar de Mondego a fértil herba.
Quanto pôde de Allicus desceji-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas da recolta de ouro,
Do bacchano, e do sempre verde louro.

XXVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente

✧ 89 ✧

xxx

Essa sempre as soberbas Castellanas
Co'o peho desprezo firme e sereno;
Porque não he das Secas Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porcos quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castilla,
Foi o soberbo Africus a sacrom-la.

=

Nunca com Semiramis gente tanta
Velo os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda opesta,
Chamando-se de Deos acoute horrendo,
Gothica gente fronte tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro empendo,
Co'o poder extraneo de Granada,
Foi nos campos Tartaricos apenada.

ix

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabel, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a proprio morte;
Profundo ainda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorta,
Mulher de quem a munda, e filha amada
Daquelle a cuo reino foi mandada.

xi

Entrava a formosissima Maria
Pelos portaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fôr de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos ziburecos bombros espalhados;
Diante do pai indo, que a agasalha,
Essas palavras taes chorando espalha.



III

Quanto povos a terra produziu
De Africa toda, guine, fara e estrota,
O grão Rei de Marracos conduziu,
Para vir povoar a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o saler mar a terra banta
Traxem fertilidade, e furoz tanto,
Que a virem mudo, e a muros faz espanto.

IV

Aquelle que me deite por marido,
Por defender sua terra assediada,
Co' o pequeno poder, offeraziho
Ao duro golpe dos de Manra espada:
E se não se corrigir succedido,
Ver-me-has itello, e do reino ser privada,
Viuva, e trista, e posta em vida ascura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

V

Por tanto, o Rei, de quem com puro estado
O cavallez Muluchis se cogheo;
Rompe toda a tardança; acode codo
À miseranda gente de Castilla:
Se esse gesto que mostrou claro e lial,
Do pai o verdadeiro sumer assella,
Acuda, e corre ao; que se não oceres,
Pode ser que não achas quem socorra.

VI

Não de outra sorte a tímida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.



cxv

Mas já co' os esquadrões de gente armada
Os Ebreus nos campos vão recolhidos;
Lança co' o Sul a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos joados.
A canota rumbeta embundecida,
Os corações á paz acostumados
Vai de fulgentes armas incitando,
Pelos concavidades resumbando.

cxvi

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhada,
O valeroso Alamo, que por cima
De muros leva o sulco levantado;
E sómente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer situação amedrontada:
Assi' contra nas terras de Casalla,
Cum a filha gentil, Rainha della.

cxvii

Juntos os dous Afonsoes finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão de fronte
Da grande multidão de egra gente,
Para quem são pequenos campo e montez.
Não ha peizo tão alto, e tão pesante,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não combeça, e claro veja,
Que co' o beijo dos seus Christo pejea.

cxviii

Estão de Agar os nevos, quasi rindo
Do poder dos Christãos foço e pequeno;
As terras com as suas repartido
Attentão sobre o exercito Agarrino;
Que com inula falsa possaindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi' tambem com falsa comra, e mus,
A sobre terra allieis chamam sua.



CXII

Qual o membrão, e bárbaro Gigante,
Do Rei Saúl com causa tão terrida,
Vendo o Pastor lucerna essar d'ouro,
Se de pedras, e esforço aperebido,
Com palavras soberbas, e arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando o funda, o desengana
Quanto mais pode a fé, que a força humana:

CXIII

Desta arte o Moura perdido despreza
O poder dos Christãos, e não entende,
Que está ajudado de alta fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende:
Com ella o Castelhana, e com destreza,
De Marrocos o Rei commoço, e offende:
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as bocas, e espadas retiniam
Por cima dos muros: e bravo estrago!
Chamam, segundo os leis que allí seguiam,
Hum Mafumado, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita ao coo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co'o Mauritano.



Handwritten signature or mark at the bottom left corner.



CXXV

Já se via o Sol ardente resplandindo
Pelo a casa de Thetis; e inclinado,
Para o Poente o vapor truzindo,
Estava o claro dia memorado :
Quando o poder do Manes grande e horrendo
Foi pela fúria Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tão-grã victoria.

CXXVI

Não matou a quarta parte o Sete Maris,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando se aguar co'o sangue do adversario
Faz beber ao exercito sedento :
Sem o Reno, asperissimo co'ntinuo
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueitra tres de annos dos mortos toma.

CXXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino oscuro de Cocytus,
Quando a sacca Cidade desfigurou
Do povo pertina no antigo rio;
Permissão, e vingança foi celebrada,
E não força de braço, a nobre Tito;
Que usou dos Vatos foi proptiznado,
E depois de Jazé crucificado.

CXXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Afonso a Lusitana terra,
A se lograr de paz com tanta gloria,
Quanta sobe ganhar na dura guerra:
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteço de máera, e mesquinha,
Que depois de ser morto foi Rainha.



1122

Tu só, tu puro amor, com força tua,
Que os coações humanas tanto obriga,
Desta causa é moléstia morte tua.
Como se fora perfida intrigas.
Se illazm, fero Amor, que a vida tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tus caros bñhar em tãngas humano.

1123

Estavas, fada Ignea, posta em socoço,
De teu animo colhendo doce fructo,
Naquelle organo da alma, lido e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito).
Nos saudosos campos do Mondego,
De tam formosos olhos nunca arinto,
Aos muros encimados, e ás herminhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

1124

Do teu Principe allí se recordam
As lembranças que tu alma lhe nutiram;
Que sempre aos seus olhos se traziam,
Quando dos teus formosos se apartaram;
De solto em d'outs sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voravam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

1125

De outras bellas senhoras, e Princesas,
Os desejados thalictos engelta;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando bem gosto snava te sujeita.
Vendo estas nomeadas estranhezas
O sobro pó estudo, que respelta
O murmurar de povo, e a phantasia
Do filho, que casar se não queria.

Handwritten signature or mark at the bottom left corner.



LXXXI

Tirar Ignor ao mundo determina,
Poe lhe tirar o filho que tem preso ;
Grando co'o sangue só da morte indino,
Matar do freio amor o fogo acceso,
Que furor consumo que a espada fina,
Que póde sustentar o grande peso
Do furor Maam, fosse alevantalla
Contra huma fraca dama delicada?

LXXXII

Traslamta os sacrificios alguns
Ante o Rei, já movido a piedade ;
Mas o povo com fúrias, e ferros
Razões, á morte cruz o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sabidas só da magoa, e saudade
Do seu Príncipe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava ?

LXXXIII

Para o casu crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos ;
Os olhos, porque as mães lhe estava unido
Hum dos duros ministros rigorosos ;
E depois nos meninos amestrando,
Que tão queridos tuha, e tão mimosos,
Cuja ophandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia :

LXXXIV

Se já nas brutas ferros, cuja meoite
Saqueo fez cruel de nascimento ;
E nos três agraves, que somente
Nas raposas seitas sem o leuam ;
Com pequenas crianças vos a gema
Teram tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nise já mostraram,
E co' os irmãos que Roma edificaram :



CXXVII

O tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fruza e sem força, só por ter occido
O coração a quem se acubá vinco-la)
A estas crianças tão respicio,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a pédele tua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se recendo a Moura existência,
A morte sabta faz com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clonocia
A quem para perde-la não faz erro.
Mas se te não mereca esta innocencia,
Pecem-me em perpetuo a misero destino,
No Scythia fria, ou lá na Libya ardente.
Dode cas lagrimas vive eternamente.

CXXIX

Pecem-me onde se nos toda a friidade,
Entre lobos e tigros, e vipers,
Se melles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achel ;
Alli ro' o amor intrinseco, e vitalé,
Naquelle por quem munta, criael.
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mão triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam ;
Mas o pertinax povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ulli apregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniccios,
Feros vos amostrais, e cavalleiros ?





Qual conta a linda moço Polyxena,
Comissão extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a cuidava,
Co' o ferro o duro Pyrrho se apparella;
Mas ella os olhos, com que o se aterra,
[Iten como paciente, e mansa ovelha]
Na misera mãe postas, que andoudece,
Ao duro sacrificio se offerece;

Tões contos Iguez os bruxos matadores,
No collo do alabastro, que sustenta
As obras sem que amem mais de amores
Aquelle que depois a sua Balinha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas fizes,
Se encarnicavam, ferdidas e leiros,
No futuro castigo não cuidava.

Bem poderes, ó Sol, da vista deves,
Tão raios apertar aquelle dia,
Como da neve mais de Thyetas,
Quando os olhos por mão de Atreu contes!
Vês, ó concorre vallas, que poderes
A voz extrema ouvir da boca lita,
O nome do seu Pedro que lhe sobrevies,
Por muito grande espaço sepestias!

Assi como a bonina, que currada
Ames do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltrada
Da menina, que a amara no capella,
O cheiro tres perdiço, e a cor murcheada,
Tal está morta a pallida donzella,
Secca de rumo as risas, e as risadas
A branca e viva cor, co' a doce vida.





C.H. Cassel



CXXXV

As sílvas do Mondego a toete sacra
Longo tempo chorando amemoraram;
E por memória eterna, um fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puseram, que toda dura,
Dua amara de Ignot, que allí passaram.
Vede que fozes fonte rega as floes,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI

Não zureis muito tempo que a virgineza
Não vias Pedro dos moetas fozidas;
Que em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos historizans:
Do outro Pedro cruzinado os aranças;
Que ambos amigos das hucimtas valas,
O concerto fizeram dano e injuria,
Que com Lepido, e Ananias fez Augusto.

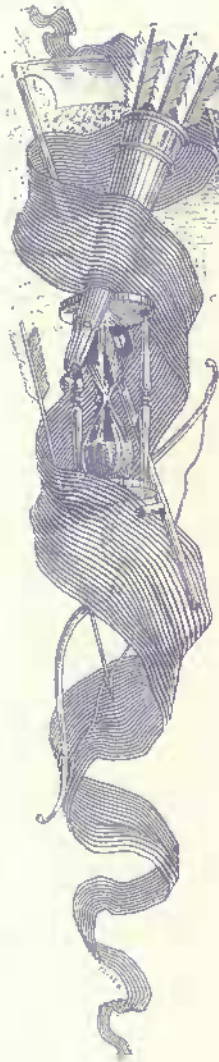
CXXXVII

Eem, castigadoe ha rigoroso
De furoscinios, moetas, e adulterios;
Fazer nos mais cruasas, fero e irros,
Eram os seus mais carnos rofigerios.
As cidades guardando justicoza,
De todos os anberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhana devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

António Pereira



CLXXIII

Da só amigra clama do peccado
De tirar Lascor e sua marida,
E cruzar-se com ella, de milvado,
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou de que o coraçõ vizinho, e doado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Mulle se faz, e frapo; e bem pareceo,
Que hum baizer amor se sentia infraquero.

CLXXIV

Do peccado viveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quiz, e permitio;
Os que foram muitas a bella Helena;
E coos Apõo tambem Terquimo o vio;
Pois por quem David sacros se amilma;
Ou quem o Tyrim illuam desceio
De Benjamin? Bem cizo coos ensina
Por Sara Pharaõ, Sicheu por Dios.

CLXXV

E pnia se os peiros fortes entraguaz
Hum innocenso amor desatido,
Bem no fillo de Alemanha se pareceo,
Quando em Oospital andava transformado.
De Marco Antonio o fuma se escureza
Com ser tanto a Cleopatra affaçado,
Tu tambem Poemo pensero o sentiste,
Depois que fu'a miça vil no Apulia vicio.

CLXXVI

Mas quem pode levar-se por ventura
Dos laços que Amos sem brandamente
Entram roças, e a nera humana pura,
O rum, e o alabaastro transparente?
Quem de humia peregrina formosura,
De hum valle de Medusa propriamente,
Que o cocção converte que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?



XXXIII

Quem viu humilhar-se aqui, hum gesto traído,
Humá suave, e ungêlico exaltância,
Que em si emá sempre os almas transformando,
Que tressa cootru alla resistência?
Desculpado por coraçãz Fernando,
Para quem tem de amar a persistência !
Mas antes tudo livre a phantasia,
Por muiço mais vulgado o julgaria.





C. III

1

O Impulso e Joice da Morte
D. Ignez de Castro: arco e seta de Cupido
Symbolo do triste episodio dos amores de

2

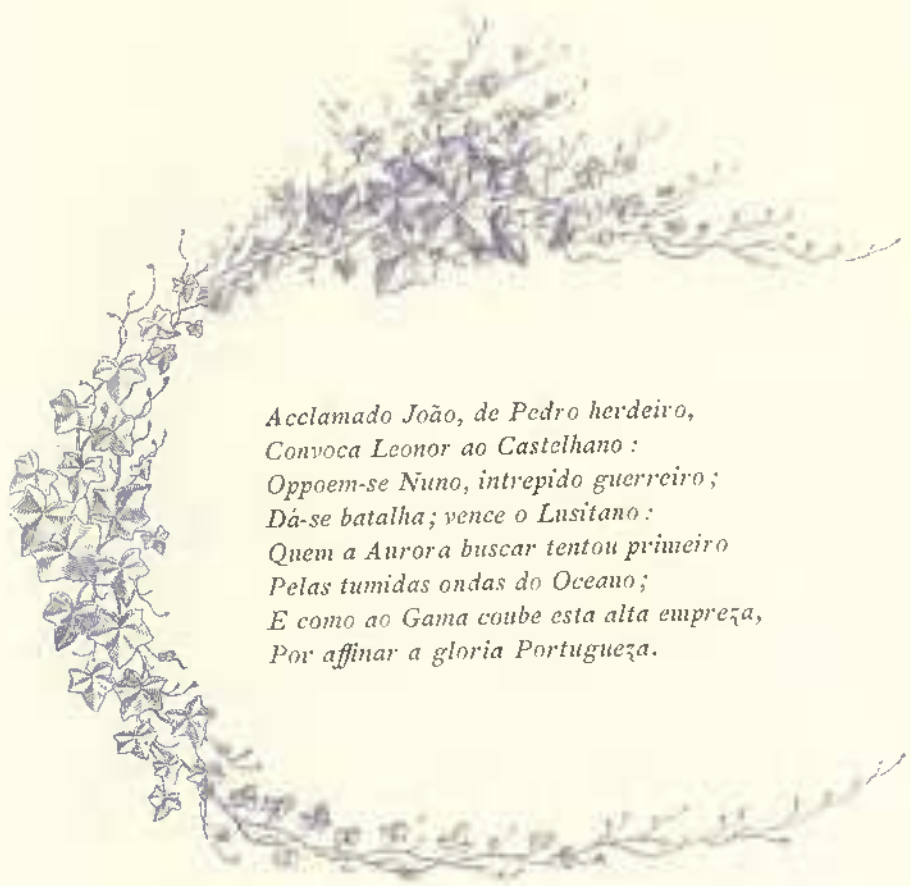
Composicoes de PAULO BORGES

C. III


Simbolo del tutto spirituale dei misteri di
D. Agostino da Caserta, uomo e santo di Capua,
impugnato a Pisa nel 1400.

Simbolo del tutto spirituale dei misteri di
D. Agostino da Caserta, uomo e santo di Capua,
impugnato a Pisa nel 1400.

CANTO QUARTO



*Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhana :
Oppoem-se Nuno, intrepido guerreiro ;
Dá-se batalha ; vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano ;
E como ao Gama coube esta alta empresa,
Por afinar a gloria Portugueza.*



Os Lusíadas

Canto quarto

I

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento :
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de poiteo tempo o alcançaram,
Joanne sempre illusire alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

✦ 105 ✦



III

Sei tua oração dos Céus divina,
Por águas muito claras se montou,
Quando tu Esvia a voz de hũa meina;
Ante tempo fallando, o homem;
E como zorra em fim que o Céu destina,
No berço n' corpo, e a voz alvairou
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Dize, pelo Rei novo, Dom João:

IV

Abradas ante do reino as gentes,
C'os olhos que occupado os peitos tinha;
Absolutas cruzes, e ardentas,
Faz do povo o furo, por codo vinha:
Mando são amigos, e parentes,
Do adúltero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinência desbonesto
Mal, depois de riuas, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshorado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem como Astyanax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esqecimento
As cruexas moriaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.



VII

Beatrix era a filha, que criada
Co' os Castellanos está, que o reino pade,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corruptela fôr o cinco de,
Com esse voz Castilla alorantada,
Dizendo que era filha do pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,
Se foi, já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganharam do tyranno e Mouros estado.
Não tinham das armas o perigo
Os que correndo vão co' o duro arado
Os campos Leonizes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas exallente.

IX

Os Vandalos, na antiga valenia
Ainda confusos, se ajuntavam
Da bocca de toda Andalusia,
Que de Guadalupe os rios lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledado,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Aquelles cujos golpes já provastes.



VI

Também moem da guerra as negras fúrias
A gente biscantina, que curta:
De polidas razões, e que se injurias
Muito mal dos tarranbos compoem.
A terra de Guipuzcoa, e das Astúrias,
Que com minas de ferro se cunobetez.
Amou d'elle os subertos maldizes,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

João, o quem do peito o seloço ercei;
Com a Sarcão Hebreo da gredella,
Porque tudo pouco lhe parecei,
Co' os pontos de seu reino se apparelle:
E não porque conselho lhe fallar,
Co' os principaes senhores se acunelhe;
Mas só por ver das gentes as monças,
Que sempre houve entre muitas differenças.

XIII

Não feiz com rapões quem descandara
Da opinião de todos, no ventado.
Em quem o esforço antigo se converte
Em desuanda e má deslealdade;
Podando o tempo mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade;
Negam o Rei, e a patria; e se curvem,
Negário, como Padres, e Deos que tem.

XIV

Mas nunca fô que esse erro se sentisse
No fute Dôni Nuno Alvares (mas antes,
Porque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovaudo as vontades inconstantes;
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.



XV

Como da gente Ilustre Portuguesa,
He de haer quem refuse o Patria manto!
Como, desta provincia, que principia
Foi das gentes na guerra em toda parte,
He de saber quem negue ter deoas,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
Do Portuguez, e por nenhum respeito,
O proprio reino quizes ver sajeiro?

XVI

Como? Não são vos inda os descendentes
Daquelle, que dozeiro da bandeira
Do grande Henriquez, forte e valente,
Venceste esta gente do guerreiro!
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de mouteiros,
Que sem illustres Condes lhe trouxeram
Pezos, agora a peza que tiveram?

XVII

Com quem foram continuo soprados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co' os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co' o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio
Que eu só resistirei ao jugo alheio.



XX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E ditando isto apertou meia espada)
Defenderei da Soez diara, e infesta,
A terra nunca de turcos sobjugada;
Em virtude do Rei, da patria minha,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quanto a meu Rei forem somarios.

XI

Bem como entre os mancallos recolhidos
Em Canale, reliquias são de Claudas,
H' para se entregar, quasi muridos,
A fortuna das forças Africanas;
Carmelle não se faz, que compellidos
Da sua espada juram, que as Romanas
Armas não deixarão, sem quanto a vidi
Os não deixar, ou nellos lhe perdida.

XII

Desta arte a gente forte, e solleca Nuno,
Que com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor fôlo, impertuno,
Que gelados lhe tinha em orações;
Sua animas cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e vortendo arremessos,
Vão correndo, e gritando a boca aberta:
« Viva o famoso Rei que nos liberta. »

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra com que a patria se sustinha;
Huns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.



LVIII

Com' mda esta Inimosa companhia,
Joanne forte sah' da freixa Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
De Tejo logra as aguas abundantes,
Os pelmos os armigeros regia,
Quem para reger tra os mui possantes
Orientas exaltas, sem comos,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

LXIV

Don Nuno Alvares digno, verdadeiro
Acute de soberbos Castellanos,
Como ja o furtu Hunsu o foi primeiro
Para Fracocet, para Italianos,
Outra tambem furoso cavalleiro,
Que a sta dizeir mirados Lusitanos,
Apto para manda dos, e reger los,
Mestre Rodriguez se diz de Vasconcellos.

LXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antia Vasquez de Almeida he capitao,
Que depois foi de Abrunche's nobre Conde;
Des ardeis vai regido a sesenta mil
Logo se retrguarda aho se escuda;
Das quintas e castellos o pendão,
Com Joanne Bai litta em mda parte,
Que encarecendo o proco val de Marre.

LXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande divida concebem.

✧ III ✧



XVII

Respondem as trombeas mensageiras,
Fifros sibilantes, e atamburos;
Alfetees voltam as fundeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas vides
Cava o fructo doisa aos lavradores;
Entre um Aures e Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XVIII

Da signal a trombea Castellana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso;
Ouvio-o o monte Arábico; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouvio-o o Douro, e a terra Transagana;
Corteo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãos, que n' som terribil escultorem,
Aos peitos os filhinhos apertarem.

XXIX

Quantas vezes alli se vem sem coo,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor
He maior muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.



XXXI

Já pelo espaço de os estridentes
Farpões, setas, e variis tiros voados :
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallias, terra e terra, os valles saam :
Espedacaram-se as lanças, e os frequentes
Quilhos, cu' os duros arcos taes armados :
Recessarem os inimigos sobre a presença
Gente do fero Nuno, que os apressou :

XXXII

Elle allí seque inimigos com os elle vão :
Como fero e cruel! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o inimigo,
Quem contra o Rei, e a patria se alteranta :
Destes arranzados inimigos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra inimigos e premeas : caso estranho!
Quem nos guerras civis de Julão Magua

XXXIII

O na Suetria, o nobre Coriolano,
Casilina, e vós outros dos antigos,
Que conta vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão :
Está allí Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co' as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.



XXXV

Com terra vista os vós, mas a natureza
Farina, e a ira, não lho contpoderem
Que as costas d'el, mas antes no expresso
Das lanças se arremessou, que recuarem.
Tal está o cavalleiro, que a Verdade
Tinge co' o sangue alvizo : alli perream
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Seu João a afronta que passou
Nuno; que como subido capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida lens, fere e beira,
Que os filhos, que no ninho sôz estão,
Sente que em quanto posto lhe buscare,
O pastor de Massyfia lhos furta :

XXXVII

Corre malvosa, e freme, e cum bramidas
De montes Sese-Irmãos atrisa, e abala :
Tal Joanne, com nutras escolhidas
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro :
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.



XXXII

Percepit em seos accusas novissimas
D'huma nobre vargonha, e honroso fago,
Sobex qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcho logo,
Partiam : fogue o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primaveis, e peitões logo !
Assi racheam juntas, e dão feridas,
Caso o quem se não dar perder as vidas.

XL

A muitos mandam vir o Escygio logo,
Eti cujo corpo a morte, e o ferro entrava :
O Mestre morre alli de Sancto-Iago,
Que fortissimamente pelejava !
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Galatrava !
Os Perciros tambem atrozegados
Morrem, arrempando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo ;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo :
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encrucece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas ;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas :
Já as costas dão, e as vidas ; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas :
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.



XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contento de lhe não deixar a vida;
Seguem-se os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas e fúria.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magna, da deshonra, e talvez nojo
De ver outros triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do príncipe que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão rufando
Do peito cobigoso, e sibundo;
Que por mirar o albedo, o miserando
Povo avistaram as penas do profundo;
Deitando unhas milis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne move os illy
Consumados no campo, em grande gloria;
Com ofertas depois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.



C. IV, XLV

G. ALLARD AILLAUD F. C^A EDITORES
Imp. G. Chardon



XXXV

Destas e outras victorias longamente:
Eram os Camellhões opprimidos;
Quando a paz, obsequiada já da gente,
Deus os vencedores aos vencidos;
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reos inimigos por maridos
As duas illustíssimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princesas.

XXXVI

Não sofre o pélo fôrto, usado a guerra,
Não ser inimigo já a quem faça dano;
E así não sendo a quem ventur na terra
Vui commetter os ombros do Oceano.
Essa he o primeiro Mal que se deserta
Da patria, por fazer que o Africano
Começa pelas armas, quanto excede
A lei do Christo e lei de Mahomete.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

I.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse.
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.



LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que fez os seus altos feitos;
Que así vai alterando o tempo irroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado delitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda nosde reis, e neste Rei,
Não usou elle tanto desta lei,

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a riu alias empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Cácer;
Mas o publico bem que o seu respiza.

LIII

Codro, porque o inimigo não temesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.



LVI

Este pode colher os maços de ouro,
Que somente o Tyriynthio colher pode:
De juizo que lhe poz, o bravo Mouero
A curta inda agora não sacode.
Na fronte a palma loya, e o verde louro
Das victorias dos barbaros, que acode
A defender Alcazer, forte villa,
Tanger: populoso, e a dura Arrilla.

LVII

Poem ellas em fim por força amadas,
De mouros abaxaram de diamante
As Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante
Marselhas em armas estreitadas,
E de escriptura dignas elegantes,
Fizeram cavalleiros nestas emprezas,
Mais afirmando a fama Portuguezas.

LVIII

Porem depois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyrenco,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LXIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sabio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.



128

Purque o filho esculpa o soberano,
Gentil, furo, anemou cavalheiro,
Nos contrários fazendo immones ilano,
Tudo furo illa fero no campo lincim.
Deus arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

129

Poram despois que a excusa mudo eterna
Altois apostropha no Ceo sentem,
O Principe que o reino unido governa,
Foi Joanne segunda, e Rei romano.
Este por fazer fama sempiterna,
Mala do que temer pode homem terreno.
Tentou, que foi buscar da ruia Augusta
Os terminos, que os reos buscando agno.

130

Manda seus mensageiros, que pasarem
Hispanha, Franca, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope encerrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a turba gaita subjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
Co' o seculo de Inlytos Hispanos.

131

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão ao do prolas de Rhodus arremas;
E dalli ás Albeira altas chegam,
Que com morte de Magno são farras.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas nefaras;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Chrono lá guarida o sauto vito.



LXIII

Passam também as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem não passou;
Fizam-lhe aitar as serras Nabulneas,
Que o filho de Israel co' o nome arrou.
As costas coloridas Sabeas,
Que a mão do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia dauberia
Felic, detendo a Petrea, e a Deseria.

LXIV

Entram no deserto Persico, onde dura
Da confusa Babel toda a memoria;
Alli co' o Tigris o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causou toda a terra de larga historia.
Do Indio, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atrevem passar Triano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produce e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empresa tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXXVI

O qual, tanto do amor pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficou
 De seus antepassados, cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra clara,
 Não delatasse de ser hum só momento
 Conquistado :) no tempo que a luz chamam
 Fogo, e as estrelas nítidas que sabem,
 A requisa convidam quando cabem :

LXXVII

Estando já delatado no aereo leito,
 Onda imaginações mais certas são;
 Revelando os mistos em concertos,
 De seu officio, e sangue, e obrigação;
 Os olhos lhe occupou o semim accerto,
 Sem lhe desocupar a coacção;
 Porque tempo que largo se adormece,
 Morphoe em varias formas lhe apparece.

LXXVIII

Aquí se lhe apresenta que subia
 Tão alto que nunca é prims esphera,
 Donde dizem varios mundos via,
 Necessos de muita gente estranha, e fera :
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos astrodetra,
 Vis do antiguo, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas cleras e alias fontes.

LXXIX

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam :
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
 O passo, e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas adversarias,
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.



LXXX

Des' aguas se lhe amilha que sahiam,
 Por elle cu largos passos inclinando,
 Dous humans, que muy valhos pareciam,
 De aspecto, indo que agreste, venerando:
 Dos pontos dos cabellos lhe cahiam
 Gotas, que o corpo todo vão banhando;
 A cor da pelle, baixa e denegrida;
 A barba hirsuta, tímida, mas comprida.

LXXXI

D' ambos de deus a fronte tocada,
 Ramos não combocidos, e hervas tuda;
 Ham dellas a presença tras cantada,
 Como quem de mais longe stíl zambuda:
 E así a agua, com impeto alçada,
 Passa que d' outra parte vinha;
 Ham como Alpheo de Arcadia em Seraxo
 Vai becur os abraços de Arcturo.

LXXXII

Eas, que sta o mais grave na pezoa,
 Dous arts para o Rei de Benga brada:
 O m, a euzo reinos, e vena,
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nos munda, cuja tanta tanto va;
 Cuis cervis tem nua in domada,
 Te astamos que he tempo que já mandes
 A reubar de nós tributos grandes.

LXXXIII

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro:
 Est' outro he o Indo Rei, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro,
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
 Mas insistindo tu, por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.



LXXV

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desaparecem n' hum momento :
Acorda Manoel c' hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manio,
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhã no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propoem-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancio velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me prometia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mí se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse : As cousas arduas e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.



A. Blaisot pinx.

Heliog. Desjardins.

C. IV, LXXI

RHILLARD AILLAUD & C^{ie} EDITORS
Imp. Ch. Chardon

LXXX

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empresa, qual a vós se deve;
 Trabalho illustre, duro, e metancioso;
 O que eu sei, que por mi vos será leve.
 Não soufri máis, mas logo: O Rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, e neve,
 He tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser em vós máis máis tão pequena.

LXXXI

Imaginal tamanhas aventuras,
 Quaes Eurythoo e Alaida inventava;
 O cão Cloccon, Hargyas dura,
 O gordo de Erymantho, e Hydra lava;
 Dixer nas set de sombras rias, e escuta,
 Onde os campos de Dito a Egypto lava;
 Porque a maior perigo, a má affronta,
 Por vós, ó Rei, o espirito, o carne he pronta.

LXXXII

Com maza sumptuosa me agradece,
 E com maza me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada vive e crece,
 E o louvor alioz casos persuade.
 A acompanhar-me logo se offerece,
 Obrigação d' amor, e d' amizade,
 Não menos coheçoso de honra, e fama,
 O zbaro ama irmão, Paulo de Garma.

LXXXIII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor;
 Ambos são de valia, e de conselho,
 D' experiencia em armas, e furor.
 Já de manceba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor;
 Todos de grande esforço; e assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXIII

Forato de Mamoi remunerados,
 Porque com mais amor se applicassem,
 E com palavras altas animados
 Para quanto trabalhos succedessam.
 Assim foram os Minuas ajuntados,
 Para que o voso durado combatessem,
 Na fatidica nao, que oszou primeira
 Tenor o mar Euxino, avizinharam.

LXXIV

E já na porto da Inelyta Ulysses,
 Com hum alvoroço indoz, e hum desejo,
 Onde o licor mistura, e branco arroa,
 Co' o seigado Neptuno o doce Tejo o
 As mãos prestas estão: e a que refusa
 Tenor nenhum o javozel despejo.
 Porque a gente maritima, e a de Maris,
 Estão para seguir-me a toda parte.

LXXV

Pelas praias ventadas os soldados,
 De varias cores vem, e varias attas;
 E são mãos de estroço aparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortas baas os ventos succedidos
 Ondeam os serios estandartes:
 Ellas proumtem vindo os mares largos,
 De ser os Olympi cotrellas, como a de Argos.

LXXVI

Depois de aparelhados desta sorte,
 De quanto tal elegem pede e manda,
 Apparelhamos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
 Para o summo Poder, que a etherea corte
 Sustenta só co' a vista veneranda,
 Imploramos favor que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimua-nos assi do sancto templo,
 Que nos preta do mar assi assentado,
 Que o nome tem da terra, pola exemplo,
 Donda Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se consemplo
 Como fui deitas praes apartado,
 Chais deuses de divida, e raso,
 Que apenas nos meus olhos pinto o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquella dia,
 Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver cimentos, coocortia,
 Saudosos na vista, e descontentos
 E ale ex' a virtume computada,
 De mil religioes diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os huns vientos consolando,

LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam:
 As mulheres e' hum choro piedoso,
 Os homens com aspiros que arrematam.
 Mães, seguras, irmãs, que o temerose
 Amor mais desconfia, acarementavam.
 A desesperação, e friu medo
 De já nos não socorrer a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo : Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio, e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso, e amaro;
 Porque me deixas misera, e mesquinha?
 Porque de mi te vás, ó filho charo?
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?



XCII

Qual em cabelo : Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa ;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa ?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa ?
Nosso amor, nosso vño contentamento,
Quereis que com as velas leve o venio ?

XCIII

Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço poem a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade :
A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIV

Nós outros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começido :
Deeterminei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado ;
Que postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente ;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C' hum saber só d' experiencias feito,
'Taes palavras tirou do experto peito :

xcv

Oh gloria de mandar! Oh vã sobeja
Desta vaidade, e quem chamamos fama!
Oh fructuoso gozo, que se atija
C' humra nera popular, que fama se chama!
Que congnit tremebim, e que justiça
Fazes no peito vão que amito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades milles exprimentas!

xcvi

Dura inquietação d' alma, e da vida,
Fonte de desconfiança, e adulterios,
Sagar concubinas crebrecida
De fuzendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te ilusão, chamam-te sôfida,
Serão dignos de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nativo engana!

xcvii

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e este grupo:
Que perigos, que mortes lhe desinas,
Debalde d' algum nome proeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D' ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias!

xcviii

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda d' outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d' armas te deitou:

✦ 120 ✦



XXX

Já que nesta gotosa vaidade
Tanto enfiavas a lere phantasia;
Já que á bruta crueldade, e feridade,
Punaste humo, esforço, e rebeldia;
Já que presas em tanta quantidade
O desprazo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perde-la quem a dá :

c

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras, e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

ci

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buseas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

cii

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!

A blue-toned illustration of a landscape. In the foreground, a river flows from the right towards the center. The middle ground shows a wide expanse of water with several birds in flight. In the background, a range of mountains or hills stretches across the horizon. The entire scene is rendered in shades of blue and white, with a textured, almost woodcut-like quality.

110

Tramar o filho do Japão do céu
O fogo, que alimou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desgraças; grande engano!
Quanto melhor nos fora, Príncipe,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estança ilustre não estara
Fogo de altos desejos, que a movera!

111

Não cometera o fogo miserando
O carrossa da pal, nem o ar vario
O grande archimista, ao o filho, dando
Hum, sobre ao mar; e o outro, sobre ao rio:
Nenhum committimento aito, e nefando.
Por fogo, ferro, agua, calma, e fôlo,
Deixa intentado o humano geração.
Misera sorte! Estranha condição!



CIV

↓

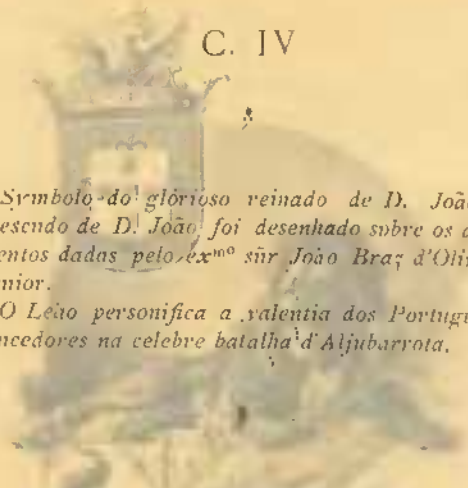
Symbolo do glorioso reinado de D. João V.
(Escudo de D. João foi desenhado sobre os docu-
mentos dados pelo exmo. sr. João Braz Alvares
Junior.

U. S. A. ...
C. ...

↓

Composição de Paris Bonn

C. IV




*Símbolo do glorioso reinado de D. João I.
O escudo de D. João foi desenhado sobre os docu-
mentos dados pelo ex^{mo} sñr João Braz d'Oliveira
Junior.*

*O Leão personifica a valentia dos Portuguezes
vencedores na celebre batalha d'Aljubarrota.*

Composição de PAULIN BORD

CANTO QUINTO



*Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a onsadia :
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da Terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e saõ conforto.*



Os Lusíadas

V. D. GAMA

V. D. SÁDIA

V. D. CABRAL

Canto quinto

I

Estas sentenças tacs o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e sosegado
Vento, e do porto amado nos partimos :
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo; Boa viagem : logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeão truculento;
E o mundo, que com tempo se constume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento :
Nella vè, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.



III

Já a vista goicó e pouco se desviera
Dasquelle patrias montes que ficavam;
Ficava o charo Tejo, e a fozca certa
De Clitru, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na armada terra
O conaço, que se magos lá deixavam;
E já depois que toda se escondo,
Não vimos mais em lito que mar, e cao.

IV

Assi fomos abrindo aquellas mares
Que gemão alguma não abriam,
As novas ilhas vendo, e os novos arcos,
Que o generoso Henrique descobrio;
De Mauritanit os montes, e lugares,
Terra que Anteo u' hum tempo possuio,
Deixando a mão esquerda, que a direita
Não ha certeza d' outra, mas sempre.

V

Passamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoamos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecerá
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI

Deixamos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.





A. B. M. S. P. I. N. X.

H. H. G. G. C. O. M. M. I. S. S. I. O. N.

C. V. 1

FORWARD ALL THE INDUSTRY
by C. G. G. G.



VII

Pastamos o limite onde chuga
O Sol, que para o Noite os carros guga,
Onde jazem os povos, o quem nega
O filho de Clymene a cor do dia.
Aqui grutas estranhas lava, e regi
Do negro Sanaá a coereite fria,
Onde o cabo Arzinaris o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Pisando tardo já os Cancrios ilhas,
Que viveram por nome Fortunadas,
Entramos navegando pelas ilhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas,
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já monas armadas.
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra manjuzas.

IX

Áqueila ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixamos
A terra, onde o refresco doce achamos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe :





XI

As Douradas parzenas, porteadas
Das irmãs, que outro tempo alli viam,
Que do visto total sendo privadas,
Todas tres d' hum só ofício se serviam.
Tu só, tu cegas traças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accealliam.
Tornada já de todas a mais das,
De siboras encheste a ardente aras.

XII

Sempre em sim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co' o cabo, a quem das Palmus nome demos :
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co' a ilha illustre que tomou
O nome d' hum, que o lado a Deos tocou.

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em sim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della :
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d' estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.



27

Assi passando aquellas regiões,
Por onde muitas vezes passa Apollo,
Deus inverno fazendo, e dourar verões,
Em quanto coce d'hum ao outro polo,
Por colmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o leão Eolo,
Vinte as Urmas, a pezar de Juno,
Bambarem-se nas aguas do Neptuno.

28

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, tempestades,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he misterio, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

29

Os casos vi, que os raios marinhaeiros,
Que tem por mestre a longo experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

30

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por sancto,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto.
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

xix

En o vi certamente se não presume
Que a vista me enganava levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subil fumo,
E do vento trazido, rodar-se :
De aqui levado hum tanto ao polo summo
Se via, tão delgado, que entregar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.

xx

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se enghessava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava :
Estava-se co' as ondas ondoando ;
Em cima delle hu'a nuvem se apesava,
Fuzendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d' agua em si tomada.

xxi

Qual rosa sanguinosa se viria
Nos beijos da almaria (que imprudente,
Bebendo a molhe na fonte fria)
Fazer co' o sangue aluzim a sede ardente ;
Chupando mais e mais se enghessa, o triz ;
Alli se enche, e se alarga grandemente ;
Tal a grande zoluzima, enchendo augmento
A si, e a nuvem negra que sustenta.

xxii

Mes-depois que do mar se fartou,
O pe que tem no mar a si molhe,
E pelo ar chorrendo em fim vomou,
Porque co' a agua a jaente agua molhe :
As ondas torna as ondas que sonou ;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Voiam agora os saltos na escriptura,
Que segredos são estes de natura.



xxiii

Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas que ex pessel, passaram,
A nós dizees os ventos dando as velas;
Que grandes escripturas que del sacam?
Que influxão de signos, e de estrellas?
Que arribadas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, poras verdades.

xxiv

Mas já o planeta, que no cos primario
Habita, cinco vezes apressoada,
Agora meo curso, agora lincio
Mostrara, em quanto o mar costava a armada:
Quando da etherea pavez hum marlubico,
Prontas os a vista, Terra, Terra, brada!
Bata no bordo a brorocada a gente,
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

xxv

A nuveira de nuvens se comecam
A descubrir os montes que ensergamos;
As montes pexados se aderaçam,
As velas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio:

xxvi

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pizou:
Porem eu co' os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

xvii

Aclamou ter de todo já passado
Do Semicapto parte a grande mza,
Estando entre elle, e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eia de meus companheiros ruidado,
Vejo hum estranho vir de pelle pelta,
Que tomaram por furça, em quanto apanha
De mel as doces frvas na montanha.

xviii

Torrado vem no biala, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extrapoi:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle.
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da sua pelle
De Colchus o gentil metal supremo,
A prata fina, e quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

xix

Mando mostrar-lhe peças mais summas,
Coutas de crystallino transparente,
Alguns azules (cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente.
Vi logo por signaes e por scenos,
Que cunhado se alega grandemente;
Mando-o soltar cum tudo; e assi cunhada
Para a povoação, que perto tinha.

xxx

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.



xxxI

He Velliso no braço contado,
E de arrogante cef que vai seguro,
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

xxxII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe sahem ; ve-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse ;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

xxxIII

Da espessa nuvem setas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida ;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida :
Mas nós como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

xxxIV

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada :
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della ;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXV

Dias emão a Velliso hum companheiro,
 (Começando-se todos a sorrir)
 Oulá, Velliso amigo, aquelle outro
 He melhor de deixar, que de subir.
 Se he, responde o outro aventureiro:
 Mas quando eu para cá vi tanto vir
 Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
 Por me lembrar que estavris cá sem mim.

XXVI

Contos emão que tanto que passaram
 Aquelle monte, os negros do qozm fello,
 Avante mais passar o não deixaram,
 Querendo, senão toena, sill mata-lo
 E tornando-se, logo se emboscaram,
 Porque sabindo nós para tanta-la,
 Nos pudessem mandar ao reino ratureu,
 Por nos roubarem mais a seu seguru.

XXVII

Porem já cinco ocos crum passados
 Que dalli nos partiramos, contado
 Os muros nunca d' outros navegados,
 Prooperamente os ventos assoprando
 Quando huma noite estando descuidados,
 Na contadota pros vigiando,
 Huma nevem, que os azes recureta
 Sobee nossas cabeças apparece

XXVIII

Tão temuma vinha, e carregada,
 Que pte nos corações hum grande modo
 Bravindo o negro mar, de longe broda,
 Como se fosse em vto n' algum rochedo.
 Ó Potestade, disse, sublimada!
 Que ameaça divino, ou que segredo,
 Essu clima, e este mar nós apresenta,
 Que nós como parter que firmemta!



XXXIX

Não sabia, quando fuma figura
Se aos mostra no ar, robusta e valida,
De diadema e grandíssima estatura,
O rosto caregado, a barba esqualida :
Os olhos uncovados, e a postura
Madonha e má, e a cor terrena e pallida,
Cilios de terra, e cunhos de cabelos,
A buza negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem podes
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo :
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo :
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI

E disse : Ó geme ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas ;
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas :
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo já que guardo, e tenho,
Nunca arados d' estranho, ou proprio lenho :

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento :
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo arevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.



XLV

Sabe que quantas navez este viagero
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão com paragon,
Com ventos, e tormentas domedidas :
E da primeira armada, que passarem
Fizer por estas ondas insoffridas,
En farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o danna, que o perigo.

XLVI

Aquí espero bõtae, senão me engano,
De quem me descubelo semena vingouça,
E não se acabará só minto o dano
De vossa perillanca confiança :
Antes em vossas navez vereis cada anno
Ihe he verdade o que mto juizo alcança
Naufragios, perdasões de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLVII

E do pelatento illustre, que a ventura
Com tanta alta fazer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos :
Aquí porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos ;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quíloa com Mombaça.

XLVIII

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão merce lhe terá dado :
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado,
Os deixará d' hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.



C.V. XXXIX

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

XXVII

Verão morrer com fome os filhos chorros,
 Em tanta escur' grãos e nascidos;
 Verão os Cairas asperos e avoros
 Tirar a linda dama euz vesidos;
 Os crystallinos montes, e prezados,
 A calma, ao frio, ao ar veres despidos;
 Depois de ter pisafo longamente
 Ca' os delicados pes a areia ardente.

XXVIII

E verão mais os olhos que escoparem
 De tanta mal, de tanto doventura,
 Os dois amantes míseros ficarem
 Na úrsida e implacibil espessura,
 Alli, depois que as pezas obrudarem
 Com lagrimas de dar, de magos puz,
 Abraçados as almas solitário
 Da formosa e miserima peião.

XXIX

Mais lía por diante a monstro bozendo
 Dizendo nosos todos, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu! que este estapendo
 Corpo, certo me tem maravilhado.
 A boca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pezada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezara :

L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio :
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.



LII

Fui dos filhos esportivos da terra;
Qual Esculápio, Egeu, e o Camimano;
Chamá-me Admeto, e fui na guerra
Contro a que vibra os raios de Vulcano;
Não que puzesse terra sobre terra,
Mas conquistando as ondas do Oceanum,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LIII

Amores da alta esposa de Pelas
Me fizeram tomar tantas emprezas;
Todas as deusas desprezei do céu,
Só por amar das águas a princesa;
Hum dia a vi, e' as filhas de Nerón,
Saber nos na praia; e logo preta
A vontade senti, de tal amouço,
Que inda não sinto cura que mais queira.

LIV

Como fosse impossíbil alcançar-la
Pelo grandeza ten de meu genro,
Determiné por outras de tomar-la,
E a Dúris esse caso manifestou;
De modo a deusa então por mí liz fallou;
Mas ella e' hum formoso riso honesto,
Respondeo; qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarci maneira,
Com que com minha honra escuse o dano;
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.



LVI

Já nescio, já do guerre desistido,
Humo noite do Ebris prostrado,
Me appareço de longe a gesto lindo
Da terram Thetis unica despiada :
Como dando corri de longe, abtinado
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, os fazes, e os cabellos.

LVII

Oh que não sei de seja como o cantei
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava :
Estando c' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d' hum penedo outro penedo.

LVIII

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daquí me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LXIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miséria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos :
E como contra o ceo não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comeccí a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.



LIX

Converte-se-me o curso em terra dura,
Em penedos os muros se fizeram;
Essas montanhas que via e esta figura,
Por estas longas aguas se consideram;
Em fim, milha grandissima distancia
Neste ramisso cabo concertaram
Os deuses; e por mais d'atrasadas magens,
Me vinda Thetis cercando d'estas aguas.

LX

Aos rumbos, e c'hum malinhu choro
Sobito d'ante os olhos se apartou;
Desde-se a nuvem negra, e c' hum soporo
Bramida, muito longe o mar seou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro-
Das Anjos, que tão longe nos guio,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamantur cunctos iurou.

LXI

Ja Phlegon, e Pyrois vinham tirando
C'os outros deus o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertida o grego gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

LXII

A gente que esta terra possuía,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres quinhadas vem em cima
 Dos vagabundos leões, ali sentadas,
 Anímas que elles tem em mão escuras,
 Que todo o outro gado das montanhas;
 Cantigas pastoris, ou preces, ou ritos,
 No seu diaque cantam concertadas,
 Co' a doce voz das rústicas avencas,
 Imitando de Tíreo as Cantoras.

LXIV

Essas como na vista pesantíssimas
 Foram, humilmente nos trataram,
 Tratando-nos gallinhas, e carneiros,
 A tiro d'entre as pernas que levaram;
 Mas nunca nunca em fim seus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançaram,
 Que desse algum signal do que buscamos,
 As velas dando, as ancoras tiramos.

LXV

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
 À costa negra de Africa, e tornava
 A péra a demandar o ardente mar
 Do ceo, e o peão Amarello flava;
 Aquelle ilheo deixamos, onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentorio cabo, e descoberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

Daqui fomos cortando muitos dias,
 Entre tormentas tristes e bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias,
 Só conduzidos de arduas esperanças:
 Co' o mar hum tempo andamos em porfias,
 Que como tudo nelle são mudanças,
 Corrente nelle achamos tão possante,
 Que passar não deixava por diante.

LXVI

Era maior a força em domar,
 Segundo para tras nos obrigava,
 Do mar, que contra nós alli corria,
 Que por nós a dia vento que assoprava
 Inquieto Noto de portia
 Em que cifo irar, piteos, tanto usava,
 De alicuma esforço tratameto,
 Com que nos fez ventos a grão corrente.

LXVII

Traia o Sol o dia celebrando,
 Em que tres Reis das partes do Oriente
 Fuzam buscar hum Rei de pouca nobre,
 No qual Rei outros tres ha juntamente
 Neste dia nuno porto ful mundo
 Por nós, de meste ja comada grato,
 N'hum largo rio, ao qual o nome damos
 De dia em que por elle nos venhamos.

LXVIII

Deste porto refrezo algum tomamos,
 E do rio fresca agua, mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achamos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê Rei, quamanha terra andamos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal,
 Da desejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas, e por mares não sabidos :
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI

Corrupto já o damnado movimento,
 Dançoso e nito ao fútil corpo humano,
 E além disso nenhuma sustentação,
 Que se quer da esperança fosse engano?
 Crês tu que se este fosse ajustamento
 De soldados, não fora Loureiro,
 Que duram elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
 Contra seu capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados,
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portugueza alta excellencia
 De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pego toda a armada:
 Porque veniando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a agua da enseada;
 Que a costa faz alli daquella banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolao,
 Para onde o mar na costa brada e geme,
 A proa inclina d' huma, e d' outra nao:
 Quando indo o coração que espera e teme,
 E que tanto fiou d' hum fraco pao,
 Do que esperava já desesperado,
 Foi d' huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que allí sahe ao mar aberto,
 Bateis à vela entravam, e sahiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Achamos já pessoas que sabiam
 Navegar; porque entr'ellas esperamos
 De achar novas algumas, como achamos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavam :
 Palavra alguma Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavam :
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavam;
 Com outro, que de tintia azul se tinge,
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela Arabica lingua que mal fallam,
 E que Fernão Marius mui bem entende,
 Dizem, que por naos que em grandeza igualam
 As nossas, o seu mar se coria e fende :
 Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
 E do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegramos
 Co'a gente, e com as novas muito mais :
 Pelos signaes que neste rio achamos,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
 Hum padrão nesta terra alevantamos;
 Que para assignalar lugares tais
 Trazia alguns; o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabelo.



LXXXIX

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas e immundas.
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no ceo sereno se dispensa;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepulharam.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia e' hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava :
Não tinhamos alli medico asiuto,
Cirurgião subtil menos se achava :
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.



LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assí mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assí que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza :
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento :
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste : e ves-aquí, se attento ouvíste,
Te contei tudo quanto me pedíste.

LXXXVI

Julgas agora, Réi, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crés tu que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu ví, a poder d'esforço e de arte,
E do que índa hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Esse que bebo tanto da agua Aonia.
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina :
Ess'ouiro que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz aliisona e divina
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece.
Mas o Tybre co' o som se ensoberbece :

LXXXVIII

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co' o canto os adormeçam :
Dem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto ;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto :

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem.
Descer às sombras nuas já passadas :
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vâas, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim à longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos :
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d' animo, e nobreza.



xcj

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou :
Nenhum delles da gente os olhos tira.
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampeia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

xcii

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e allieia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

xciii

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Miliades famosos,
Themistocles desperiam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

xciv

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta.
Não merecem tamanha gloria, e fama.
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dons, merces, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.



xcv

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Angustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dôes,
Cuja falta os faz duros, e robustos :
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compinha versos doutos, e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

xcvi

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'humã mão a penna, e n'outra a lança.
Igualava de Cicero a eloquencia :
O que de Scipião se sabe, e alcança,
He nas comedias grande experiencia :
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabecira.

xcvii

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Latia, Grega, ou barbara nação.
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente.
He não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

xcviii

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilio, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.



XCIX

Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama,
De toda a illustre e bellica fadiga :
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presuppuesto
Das Tagides gentis, e seu respeito :
Porem não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.





C. V


*

Partido do Cabo Negro, costa occidental d' Africa
collocado a 12 de Janeiro de 1782.

CANTO SEXTO

*


(Composicoe de Pedro Berra)




*Padrão do Cabo Negro (costa occidental d'Africa)
colocado a 17 de Janeiro de 1485.*

Composição de PAULIN BORDA

CANTO SEXTO



*Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com pilotos da terra, e mantimento :
Desce Lyco ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento :
Conta Velloso, aos seus dando houra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o veucimento :
Soccorre Veuns a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.*



Os Lusíadas

Canto sexto

Não sabia em que modo festivos
O Rei pagão os factos navegantes,
Pois que se estimava atrevidos
Do Rei christão, das gentes tão possantes,
Pera-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não se fez visível
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A regendo a polida Melindara,
Com madas e ledas pescarias,
Com que o Lago Antonio alegre, e angusta,
Era famoso Rei, todos os dias,
Fazia a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carniis, e peixados.



III

Mas sendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e a brava vento
O morido que paria, e sente acorda
Os pilotos da terra, e marítimo,
Não se quer mais demor, que ainda tinha
Muito para cortar do selo segando;
Já do Pague benigno se despede,
Que a todos unidade longa pede.

IV

Pode-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas fronte visitado;
Que nenhuma tanto bem maior desejo,
Que dar a mar barões sem talito e estado;
E que em quanto seu corpo o vespino seja,
Estara de contínuo aparelhado
A pôr a vida, e reino temtamente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Otras palavras me lla respondia
O Capitão, e logo as velas danou,
Para as terras do Aurora se paria,
Que tanto tempo ha já que se buscanda;
No piloto que leva um havia
Fidelidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi cantinha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi sens desejos se acabavam.
Mas o mau de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhavam
À gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.



VII

Vin amar todo o Caeo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorpar, que dominada
Essa d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo abece em seu desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra nos humidos reinos, e vai-se à corte
Daquelle a quem o mar cabão em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sabem furibundas,
Quando de lras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram os juvenis
Nereidas, e outros deuses do mar, onde
As eguas campo deixam as cordades,
Que habitam estas humidas solidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As arcas alli de prata eoa,
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina;
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto mais a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista paze:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.



29

Allí sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma matéria se confinava;
Daqui as causas suas sempre anima,
Depois que Prometheo furtado a tulla,
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais avoiba,
Tantoa luga, e sem por quozos, ou frio,
Algun deixa no mundo estar tolo.

30

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hiervas, e arvoredos floridas,
Dando posto de certo, e dando vida
As allimarias nella produzidas.
A clara forma allí estava esculpida
Dos Aguos entre a terra desparcidas,
De pescadas criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

31

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deuses co' os gigantes;
Está Typhon d'abismo da alta serra
De Ethna, que se flamma lança arpicantia;
Esculpido se vê ferido a serra
Neptuno, quando se gentes ignorantes,
Delle o cavallo bouzeram, e a primeira
De Minerva pacifica olvira.

32

Pouca sardança faz Lyco irado
Né vira destas cousas, mas entrando
Nos pozos de Neptuno, que avisado
Da riuda suz, o estava já aguardando;
As portas o recebe, acompanhado
Das nympphas, que se estão maravillando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

+ 00 +



28

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos realicras,
Porque também co' os grandia e potentes
Muita a fortuna injusta seus poderes :
Manda chamar os deuses do mar, e os
Que sulla mata, se ouvirão o mais quizeres;
Verão da desventura grandes estudos,
Doçam todos o mal que toca a misas.

29

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquella, logo manda
Tritão, que chama os deuses de agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
Tritão, que de ar filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancabo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu curruão.

30

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos homens, todos crão
Huns limos pranchas d'agua, e bent puzeros
Que nunca beuido pentem conhecerao :
Nas pontas pendurados não tallescem
Os negros misalhões, que allí se peram;
Na cabeça por guerra lha posto
Huma mai grande canca de legna.

31

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cobertos cento e cento :
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crestimento ;
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Às costas com a casca os caramujos.



xxx

Na mão o grande concha-rebecida
Que traxia, com força se macava;
A sua grande canura foi maldada
Por todo o mar, que longo intumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deuses, para os peços cantilhava
Do deus, que fez os muros de Babilónia,
Destruídos depois da Guerra Imunia:

xxi

Vinha o padre Olymno acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerava;
Vam Nereo, que com Doris foi unido,
Que tudo o mar de nymphas proteava:
O propheta Proteo detendo o gado
Marítimo paucar pela água amara,
Alli veio rembar, mas já sobria
O que o padre Lyon no mar quera.

xxii

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Calpis, e Vesta filha,
Grava, o bida no grato, e tão formosa,
Que se amansava o mar de manselha;
Vastida hums rumos preciosa
Traxia de delgada bexilha,
Que o corpo crysallino deixava ver-se,
Que tanto bem não ho para serculer-se.

xxiii

Amphitrit, formosa como os fluzes,
Neste caso não quiz que fullecesse;
O Delphin traz conselgo, que aos amores
Do fillo lhe aconselhava que obedecesse;
Co' os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer pareceria que o Sol vencesse:
Ambas vem pela mão; igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.



xxx

Aquella, que das fuéas de Athamante
Fugindo, veis a ter divino estado,
Consigno traz o filho, bella infante,
No numero dos deuses relatado:
Pela praia buscando vem diante
Com as lindas conchinchas, que o solgado
Mor sempre cria: e ás vezes pola area
No collo o toma a bella Panoptea.

xxv

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herca poderosa
Foi convertido em peixe, e desse anno
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda voha chorando o seu engenho
Que Gize tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, deus sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

xxx

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, sobre o divinal:
As deusas em riquissimos vestidos,
Os deuses em cobertas de crystal:
Furam todos de Padre agasalhados,
Que co' o Thebeso tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia sem cheiro passa.

xxxv

Estando occupado já o tumulto
Dos deuses, e de seus recubrimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyuno de setis tormentos:
Hum pouco carregado-se no culto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos deuses triste morte
Co' o ferro alheio, falla desta sorte:

8. 171. 8



XXVII

Príncipe, que de here soberano
D'hum polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que es senhor da terra toda estendida
Que não possam o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que vedas
O mundo universal, e o teu cercado,
E cum justa decreto assi permites
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deuses do mar, que não soffreis
Injúria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vinguem:
De quem quer que por alle corra, e ande:
Que descuido foi este em que viris?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com tanto endurecêdes
Canta os humilios fracos, e atrevidos?

XXIX

Vistes que com grandíssima nuçalia:
Foyem já commetter o oceano;
Vistes aquella insens phantasia
De sezarar o mar com vela, e remo:
Vistes; e ainda vemos cada dia,
Subárbas, e insolências suas, que temo
Que da mar e do ceo, em poucos annos,
Venham deuses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma;
Cum soberba, e altivo emagão,
A vós, e a mí, e o mundo todo diamo:
Vedes, o vosso mar cercado tão,
Mais do que faz a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.



xxxii

Eu vi, que contra os Minois, que primeiro
No vosso reino esse caminho abriram,
Branco injustido, e o companheiro
Apollo, e os outros vobos ressuziram :
Pois se do ajuizamento aeventuroso
Os ventos esta injuria mal sentiram,
Vós, e quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pouca em tardança?

xxxiii

E não consenteis, dizes, que culdés
Que por amor de vós doozo ibesci,
Nem de magoa da injuria que soffreis,
Mas do que se me faz tambem a mi :
Que aquellas grandes honras, que sabem
Que no mundo ganho, quando venci
As terras Indicas do Oriente,
Todas vejo choradas deis gents.

xxxiiii

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o bello mundo,
Famaz mões que nunca determinam
De dar a estes Reinos ao mar profundo :
Aqui venci, e dizeis, como eu não
O mal tambem a dizeis, que a seguinda
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

xxxv

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus peccados,
Por ver o peço, que no ciao perdi,
Se por dita acharem nos vossos mares,
Mais que dizeis; e não posso dequi,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe soltarem dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

4 271 *



xxxv

A ira, não que subito alterado
O coração das deusas foi n'hum ponto,
Não soffreu mais conselho hum cuidado,
Nem dilacão, nem outro algum desdém.
Ao grande Eolo mandado já recado
De parte de Neptunus, que tem com
Soltas as furias dos ventos repugnantes,
Que não háia no mar mais contagem.

xxxvi

Bem quizes primários alli Pentas
Dizem-nos negocio o que seria;
E seguida o que a todos parecia,
Era alguma profunda prophécia:
Porém tanta o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
« Neptunus sabe bem o que mandou. »

xxxvii

Já lá o subterbo Hippoteses saltava
Do carcere inchado os furiosos
Ventos, que com palavras mímicas
Contra os Barthes andava, e animosos
Subito o ceo sereno se obnubrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começava nova fôrça a ir romando,
Tortos, mistos, e casca detribando.

xxxviii

Em quanto esse conselho se fazia
No fundo apuntes, e logo fozes fozes
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota,
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.



XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Buzinando a miude se encontravam
Pelos antenas, visões mal coltiens
Contra os agudos arás que assopram.
Os olhos cegos sem querer abertos
Mas estregando, os membros estiravam;
Bramidos contra o somno buscar querem,
Historias comam, casos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, hum dizeis,
Este tempo passar, que he tão prezado,
Senão com algum gosto de alegria,
Com que nos deitas o somno arrejado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firma ramorado;
Que como poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores!

XLI

Não he, disse Velloso, cousa justa
Temer branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores, nem delicadeza:
Amor de guerra feroza, e robusta,
A nossa honra oja, pois durara
Nova vida he de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo!

XLII

Consentem nisto todos, e recommendam
A Velloso, que come isto que approuva.
Costarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova?
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Diz nascidos d'ouro na nossa terra,
E estes sejam os duze de Inglaterra.



1118

No tempo que do reino o reino leste
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socgado a livre o tore
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que de novo
Boreal sempre abunda, secura
A fera Eriogys dura e má ciania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

1119

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres zozozãos, acaso hum dia
Se levantou discórdia em lra accessa,
Ou foi copioso, ou foi parfia.
Os coctuzos, a quem tão pouco peso
Soltar palavras graves de insadia,
Dissem que provarão, que humtas e furtas
Em taes damas não ha, para ser dadas.

1120

E que se houver alguém com lingua e espada
Que queira visitar a parte sua,
Que elles em tempo certo, ou amada,
Lhe dadião sea infamia, ou morte crua.
A feminil fraquezas pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendose não
De forças naturaes convenitimos,
Soccorro pede a amigos, e potencia.

1121

Mas como fossem grandes, e presentes,
No reino os inimigos, não se strevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como dixerem.
Com lagrimas formosas, e hastantias
A fazer que em soccorro os deuses levem
De tudo o Gen. por rastos de alabastro,
Se não volias ao Duque de Alencastro:



XLVII

Era tete Ingles potente, e militar
Co' os Portuguezes já contra Castella,
Onde os foras magnanimos provau
Dos companheiros, e benigno estrelle:
Nao menos nem terra expugnaram
Nemorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto a peita doma:
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Eas que succorret-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas.
Lhe diz: Quando o direito pretendis
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos v' tanta coardia,
Tanto primor, e patria tão divina,
Que elles sós poderiam, se não arros,
Suavitar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravaes damas, suis serridas,
Por vós lhe mandareis embaxadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vossa aggravao se façam sabedores.
Tambem por vossa parte enatecidas
Com palavras d'afagos, e d'amores,
Lhe sejão visas lagrimas, que ao peito,
Que alli terra succorren, e forte estão.

Deos seja as acatadas: Dignez reportes,
E logo-lhe nomee doos furoes;
E porque cada danta hum tenha certo,
Lhe manda que vobes elles lancem sortes;
Que ellas só d'elles são: e d'acoborto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada hum escreve ao seu por vicioz mudos,
E todos a seu Rei, e o Duque a todos.



11

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte abraça a novidade:
Quizes o Rei soldado ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortesões aventureiro
Deseja ser, com ferida vomade,
E só fica por honrar-se o nome
Quem já vem pelo Duque nomeado.

12

Lá na real cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome otero
Do Portugal, armazoadem fove
Manda o que tem o leão do governo.
Apercebem-se os duce em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De almos, clouteiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

13

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquellas que accluidos por sentença
Foram do Duque Inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
Do cavallero, deuro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta seta feita á forte companhia:

14

Furtissimas conscias, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e lido, e varias manhas.
Agores que apparelho curto vejo,
[Pois que do mundo as zonas são tamantias
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu só me comosco em Inglaterra.



16

Equívoco caso fui, que eu impedido
Por quem das cousas he última linha,
Não for confusão ao peizo intimido,
Próza falla vos fae a falha minha.
Todos por mi fureis o que he devido;
Mas se a verdade o espirito me odia,
Hão, mentes, fortuna, ou sua inveja,
Não fatto que eu confusão lá não seja.

171

Assi elle é abraçado os amigos,
E tomada licença, sem ser se parte;
Passa Leão, Castella, vendo amigos,
Ligares, que gentes o patrio Marte;
Navarra, co' os abismos perigos
Do Pyreneo, que Hospitia, e Gallia parte;
Vistas em fim de França as cousas grandes,
Na grande imperio foi parte de Franda.

177

Alli chegado, em fosse caso, ou stanza,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas das onças a illustissima companhia
Cortem do mar do Norte as ondas iras,
Chegado de Inglaterra á costa esperanha,
Per London já fazem todos rias;
Do Duque são em festa agasalhado,
E das damas servidos, e animados.

178

Chega-se o prazo, e dia assignado,
De entrar em campo já co' os deos Ingleses,
Que pelo Rio já tinham agarrado;
Atinam-se d'uitrosos, grevas, e de arcazes;
E se damas sem por si fulgentes, e armados,
O Marotte feroz dos Portuguezes;
Vendem-se ellas de cores, e de pedras
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

+ 179 +



(118)

Não aquella, a quem fize em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se voste, por não ser quem montando
Seja seu cavalleiro, nem empreza:
Bem que os seus apregosim, que acobado
Será o negocio nos na corte Inglesa,
Que as damas recordoras se costigam,
Poisque dou e tres dos seus fallem.

(119)

É n'hum sublime, e publico theatro
Se amanta o Rei Ingles com toda a corte:
Estavam tres a tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual cubera em sorte.
Não são viros do Sol, do Texo do Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doce saber como os Ingleses
No campo contra os onze Portuguezes.

(120)

Mantiga os cavallos escumando
Os aurros feios com freix sembrante:
Estava o Sol nas armas rutilando
Como um crystal, ou rigida diamante,
Mas exorta-se n'hum a n'outro bando
Perido desigual, e dissonante,
Diz mais contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

(121)

Viram todos o rinto onde havia
A casa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que traxo
Armas, cavallo, an heilico serviço:
Ao Rei, e as damas falta, e logo se hia
Para os seus, que esse era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.



LXXII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria !
Cozinheiros, escupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chára terra.

LXXIII

Mas dizem, que com tudo o gran Magriç
Desejos de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel a Condessa fez de Frondes :
E como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Tanquato, e de Corvino.

LXXIV

Outro tambem dos doze em Alentania
Se lança, e teve hum feiti devotio
Cham Germano rirgansoso, que com munha
Não devida a quiz pôr no extremo fio,
Comando aos Vellosos, já a companhia
Lhe pôde que não fazia tal devotio
Do caso de Magriço, e vencimento;
Nem deite o de Alentania em esquecimento.

LXXV

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os arres anda,
O apito toca, acordam despertando
Os marinheiros d' huma e d'outra banda :
E porque o vento vultu refrescando,
Os trompetes das galeas tonar manda :
Alerta, disse, estáis, que o vento cruz
Daquelle nuvem negra que apparece.



LXXXI

Não eram os troquesos bem tomados,
Quando dá o grande, e subita procella;
Amaina, disse o mestre o grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela,
Não esperem os ventos indignados
Que amainassem; mas presos dando nella,
Em pedaços a fazem, e hum ruído
Que o mundo parece ser destruido.

LXXXII

O coo feroz com gritos nisso a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alli, disse o mestre rijamente,
Alli tudo ao mar, não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando;
A bomba, que nos imos a lançada.

LXXXIII

Correm logo os soldados acrimosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanças que se marcos temerosos
Deram á nao, n'hum bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros, e furcosos,
A montar o leste não bovaram;
Tallas lhe panham d'humo e d'outra parte,
Se aproveitar dos hostens força, e arte.

LXXXIV

Os ventos cruzes toes, que não puderam
Mostrar mais força d'impetu cruzal.
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.





LXXV

A nao grande em que vai Paulo da Goma
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Nao menos grãos vão ao se derrama.
Toda a nao de Coelho, com rezão,
Com quanto teve o mastro tanto tanto,
Que primeiro amolinos, que disso o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptun furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Auroa, Boreas, Aquillo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fria, se allumia.
Céus ninos em que o polo tudo ardia.

LXXVII

As Halcyons nestes tristes tanto
Junto da costa brava levantaram,
Lambeando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca são vivos ratos fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro ardido, que obrou
Do anteadio as armas radianza:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminante,
No grão diluvio, donde são viverem
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXX

Quanto nuncia entre que derribaram
As ondas que botam denudadas!
Quanto avança valhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As longas raizes não caíram
Que nutria perto o céu fossem vitadas;
Nem as fundas areias que possuem
Tanto os mares, que amaram os revoltosos.

LXXXI

Vendo Vasco da Gama, que não parto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ver o mar em o inferno aberto,
Ora com nota feroz ao céu subia;
Confuso de terror, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sincero, e firme,
Que o impossível pode, a esta sorte:

LXXXII

Divina Guarda, angelica, celosa,
Que os casos, o mar, e terra sephorosa;
Tu, que a todo leras! refugio deme,
Por merito das aguas Erythrae;
Tu, que livras Paulo, e defendeste
Das syrtis arenosas, e ondas ferozes,
E guardaste em tu fillas o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXIII

Se tenho novos medos perigosos
D'outro Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtis, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes ten serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes assistiram
A santa Fé, nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se couberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perda-la,
Doce fazendo a morte as beatas d'ella!

LXXXIV

Assi dizendo, os raios que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda exacerção assoviando:
Relampagos medanhos não cessavam,
Fuzes trovões, que sem representando
Cahir se vão das auras sobre a terra,
Comigo os elementos fazem guerra.

LXXXV

Mas já a amarela estrella scintillava
Diante do sol claro, no horizonte
Mensageiro do dia, e visitava
A terra, e o largo mar, com toda fronte:
A deusa que nos cede o governo,
De quem fugo o esolito Orizonte,
Tanto que o mar, e a clara armada vira,
Tocada junto ao de mado, e de ira.

LXXXVI

Estas obras de Balthes são por certo,
Dize; mas não será que acante leve
Tão damnada sensação, que descoberto
Me será sempre o mal a que se breve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas sinuosas
Grinaldas nos colheos pôe de suas.





LITOT. 1848

Heliogr. Engestr.

C.VI, LXXXV



LXXXVI

Geladas manda por de vastas cores,
Sobee cabellas louros á porfia,
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre certo natural, que amor cria ?
Abrandae determina por amores
Dos ventos a néscia companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que más fêmeas vinham que as estrelas.

LXXXVII

Assi foi, porque tanto que chagou
A vista dellas, logo lhe folgou
As forças com que d'antoz pelearam,
E já como rendidos lhe obediam :
Os pés, e mãos porcos que lhe ataram
Os cabellos que os raios escuream,
A Bórras, que do peito mais querida,
Assi disse a bellissima Griffitha :

LXXXVIII

Não creas, fero Bórras, que te creio,
Que me travesse nunca amor constante ;
Que brandura há de amor mais certo atreito,
E não convém terror a firme attenção ;
Se já não posso a tanta insânia fiado,
Não esperes de mi doçel em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comigo em medo se converse.

LX

Assi intimo a bommo Geddes
Estar ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que um ve-la se recrea,
E bem cre que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe ;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abrandae.



XIII

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amalhoes ;
E logo a linda Vanus se antrepava,
Atamando os frás, e os furoes ;
Ella lhe produzira, vendo que amavam,
Sempreira favor em seus amores,
Nos bullos mãos mimando-lhe homenagem
De lhe secer seus seus raios.

XIV

Lá o manhão clara dava aos ouzios,
Por onde o Ganges mormurando sae,
Quando do cello geyo os marinheiros
Emerpiram terra alta pela praia,
Lá fira de tormenta, e dos primos
Mera, o nome rão do peito roa ;
Disse alegre o Pilotó Melindano,
- Terra he de Calcut, e se não me engano.

XV

Esta he por certo a terra que buscaes
Da verdadeira India, que appetee ;
E se do mundo mais não dezaes,
Vosso trabalho longo aqui fazeis,
Soffer aqui não pode o Gama mais
De lodo um ver que a terra se coabae ;
Os pinhos no chão, as mãos no ceo,
A merce grande a Deos agradecei.

XVI

As graças a Deus dava, e vasto titho,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temer buscando vinha,
Por quem tanto trabalho experimentava ;
Mas viu-se llyrado não asinha
Da morte, que no mar lhe apparejava
O vento duro, fercido, e medonho,
Como quem despertou de llyrzo do sono.



467.

Por mais dizes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de firmes amigos,
As honras immentadas, e bens maiores.
Não encostados sempre nos muros,
Truncos obras de seus amizades;
São nos leitos dormidos, entre os flus
Animas de Moscovia rebollidas.

468.

São ricas manjeiras raras e expavitas,
São ricas panelas mullés e ocloradas,
São ricas varios delicias e indizidos,
Que afaminam os peitos generosos;
Não co' os raras variados appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão milordos,
Que não sofre a nenhum, que a paixão zoda.
Para alguma obra hermita de virtude:

469.

Mas com buscar ao seu incerto braço
As boças, que elle chama proprias suas;
Vigilando, e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades, e ondas cruas;
Vencendo os torpes flus no regaço
Do Sul, e regiões de abelgo mias,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:

470.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

+ 189 +



—ant

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repouzado;
E fica vindo, como de alto assento,
O balço trazo humano embarcado:
Esse, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afomos ocupado,
Sabirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.





C. VI

*

CANTO SEPTIMO

Canção portuguez do seculo XVI desenhada sobre
documentos dados pelo sr. João Braz d'Al-
meida Junior. Paizos, conchas, coral que repre-
sentam o reino de Aepina.

*


(Composicoes de Martin Borja)




Galeão português do seculo XVI desenhado sobre documentos dados pelo ex^{mo} sñr João Braç d'Oliveira Junior. Buçios, conchas, coral que representam o reino de Neptuno.

Composição de PAULIN BORD

CANTO SEPTIMO



*Dá fmdo a frota a Calecut chegada ;
Manda-se mensageiro ao Rei potente ;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente :
Faz Gama ao Samori sna embaixada :
É recebido bem da Indica gente :
Co'o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flammntas se adorna.*




Os Lusíadas

Canto septimo

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora ;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo ;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo :
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo ;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia :



Vós, Portuguezes pondeis, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não penais;
Vós, que a custa de vossos varias mortes
A Lei da vida eterna dilatades:
Assi do ceo deitadas são as surtidas,
Que vós por muitos poucos quizdes;
Muito locais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo pasior, e nova seita inventa:
Vede-lo em feas guerras occupado,
Que inda co'o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelina senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI

Guarda-lhe por em tanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terrestre,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

vii

Achas que sem direito em senhores
De Christões, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Chyphis e Nilis, nos
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se vão de provar da espada os fins,
Em quem quer reprovar da Igreja o cunho.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

viii

Pois que dirás daquelles, que em delicias,
Que o vil oculo ao mundo traz sumiço,
Gastam as sidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia innocencias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, já submersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

ix

O' miseros Christãos: pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

x

Vedes que tem por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos.



XI

Se cobiceis de grandes venturas
Vos fazer conquistar terras alheas,
Não vedes que Partos e Hebreos reis,
Ambos vulvem auríferas areias ?
Em Lydia, Assyria; lavam de ouro os rios;
Africa esconde em si lazarias raras;
Mora-vos já as queis riquezas tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia,
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão : duro tributo !
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto ;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E se mais mundo houvera, lá chegara.



XV

E rajamos em tanto que se inicia
Aquelles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vento enfraquecer
O fume vão dos ventos resignantes;
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII

Além do Indo jaz, e aquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso.
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.



xx

Entre dum e o outro rio, em grande espaço,
Sabe da larga terra húa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Cellão insula confronta;
E junto de onde nasce o largo braço
Gungamim, o ramiz amiguo costta,
Que os vizinhos, da terra mirabolante,
Do rio se munem das suas doctas.

xxi

Mas agora de nomes, e de usança,
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, são mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sna salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe ignala.

xxii

O reino de Cambaia bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente;
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

xxiii

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende húa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

✦ 200 ✦



XXIII

Chegada a frota ao rio sinhorio,
Hum Português mandado logo partir,
A fazer salutar o Rei gemio
Da vinda sua a tão remota parte,
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que allí nas ondas entre, a não vista arte,
A tur, o gesto estranho, o traço novo,
Faz concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIV

Entra a gente que a re-lo concorda,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fóra na região da Barbária,
Lá onde fora Amos obediência:
Da pela visitança já viria
O reino Lusitano conhecido,
Da fui já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo deserto.

XXV

Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hingua,
Lhe disse: Quem trouxe a em' outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava,
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

E que em tanto que a moça lhe chegasse
De sua avizinha vinda, se quizesse,
Na sua pobre casa expousasse.
E do manjar da terra comeria:
E depois que se bem pouco recreasse,
Com elle para a armada tocaria;
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achor gente vizinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez accede de vontade
O que o fidalgo Monçate lhe offerece:
Como se longa fôr já o amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedace:
Ambos se partiam logo da cidade
Para a fresta, que o Mouro bem conhece:
Subam o capitão: e toda a gente
Monçate recebe benignamente.

XXIX

O Capitão se abraça em cabo lido,
Ouvindo claro a lingua de Camella;
Junto de si o assenta, e prompto e queda,
Pela terra pergunta, e cousas della,
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da moçella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa : O' gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho;
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d' outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.



XXX

Dam por certo vos vras, par que pretinde
Algun serviço seu, por vós alzado :
Por isso só vos guia, e vos defende.
Des inimigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estáis na Índia, onde se estende
Dilecto povo, rico, e prosperado,
De ouro luxante, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardeente especiaria.

XXXI

Esta procriação, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama :
Do culto antigo os ídolos adora,
Que lá por vras pernas se derrama :
De diversos Reis ha, mas d'hum só Rei
N' outro tempo, segundo a antiga fama :
Samud Perimal foi derradeiro
Rei, que esta reino teve unido, e inteiro.

XXXII

Porem como a esta terra estão visíveis,
De lá do seio Arabico muitas gentes,
Que o culto Mahometico trouxeram,
No qual me insinuaram muitas parças,
Sucedem, que pregando averticacem
O Perimal, de sábios, e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Naos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica :
Antes que parta, o reino poderoso
Co' os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim, e a outro Ganador,
A qual Chale, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Couão, a qual da Eraugano,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta :
Para este Calocui sorrente fica,
Cidade já por irato sobre, a rica.

XXXVI

Esta lhe dá os' o título excellento
De Imperador, que sobre os outros manda-
lito feizo se parte diligente
Para mais em sancta vida acate, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina :
Andam nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina :
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio
D' outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXX

Desta sorte o Judaico povo antigo
 Não usava na gente de Samaria ;
 Mais estranhezas hũa das que digno
 Nova terra vãs de usança varia ;
 Os Nôras sô sô dados ao perigo
 Das armas; sô defendem da contumia
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XXI

Brachmanes sô os seus religiosos,
 Nome antigo, e de grande preeminencia ;
 Observam os preceitos tão fustosos
 D'hum, que primeiro por nome é sciencia ;
 Não matam coisa viva, e temerarios,
 Das carnes tem grandissima abstinencia ;
 Somentem no venero ajuntamento
 Tem mais licença, e menor regimento.

XXII

Geetas sô as mulheres; mas somentem
 Para os da geração de seus maridos ;
 Dítima condição, dítima gente,
 Que illo sô de crimes offendidos !
 Estes, e outros costumes variamente
 Sô pelos Malabares admitidos ;
 A terra he grossa em traço, em tudo aquillo,
 Que as ondas podem dar da China ao Nihô.

XXIII

Assi contava o Muuro : mas vagando
 Andava a fama já pela cidade,
 Da vindo desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava de verdade ;
 Já vinham pelas ruas caminhando,
 Resolucos de todo sexo, e idade,
 Os principaes, que o Rei buscar mandava
 O Capitão da armada que chegava.

XLIII

Mas elle, que de Bel já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Das nobres Portuguezas, sem detença
 Parte, de dicos pannos aferrado ;
 Das cores a formosa differença
 A vista alegria ao povo aferrado ;
 O ramo compassado fero frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV

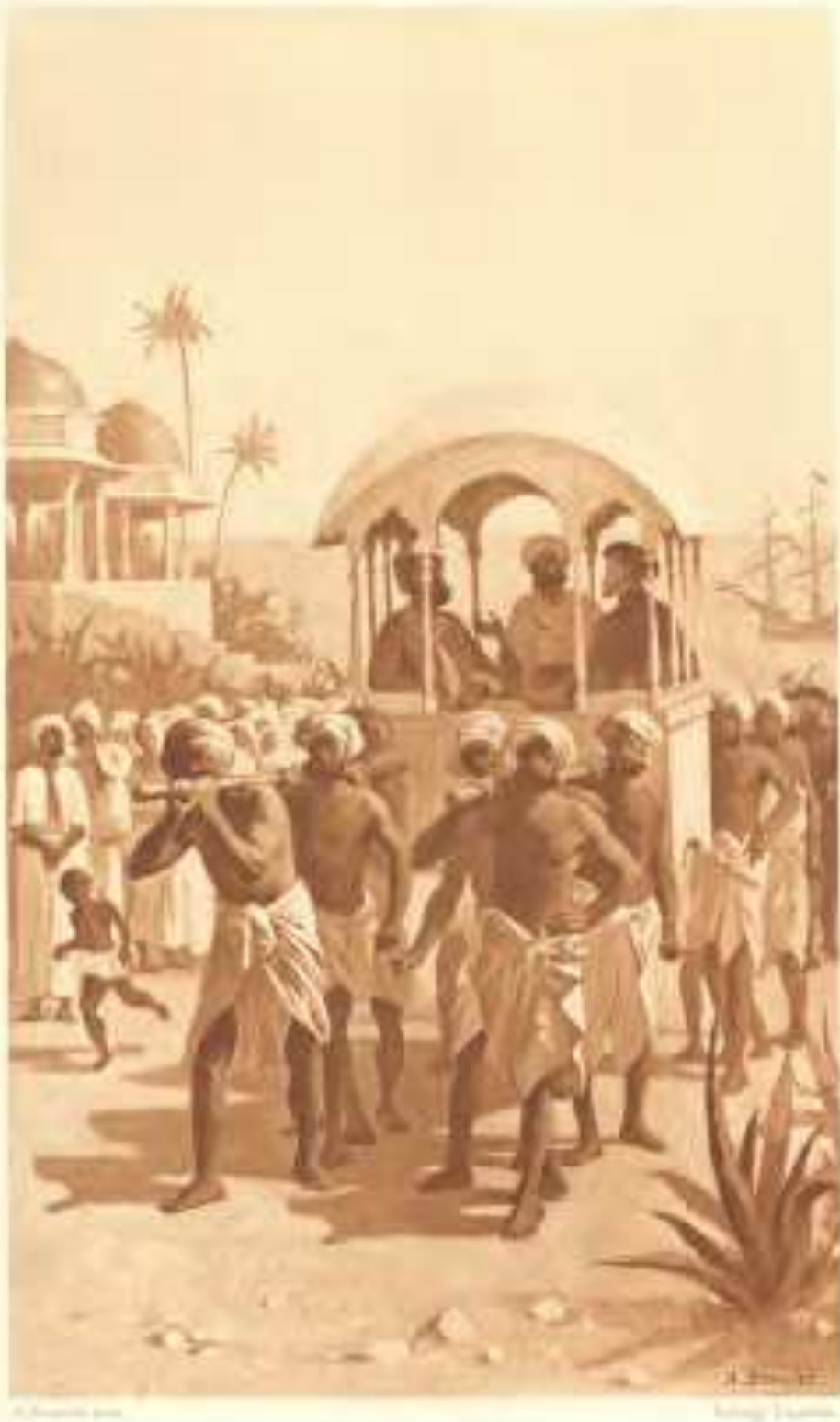
Na praia hum regedor do reino estava,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodendo de Nairas, que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama ;
 Já na terra nos braços o levava,
 E a' hum portatil leito lula rica cama ;
 Lhe offerce o que vê, (costuma estado)
 Que nos hombros dos luizes he levado.

XLV

Desta arte o Malabar, d'out' arte o Luso,
 Caminham lá para onde o Rei o espera ;
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra lera :
 O povo que concorre vai confuso
 De ver a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar; mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o Catual hiam fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offercia ;
 Monçaide entr' elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde huma rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso templo, já chegavam,
 Pelas portas do qual juntos entravam.



C.VII, LXXVII

GILLARD ALLAUD & C^o EDITORS
101, Ch Chardon

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pau, e em pedra fria;
 Varios de gentes, varios de pinturas,
 A segundo o demônio lhe fugia:
 Vem-se a abominavris esculpturas;
 Qual a Chinezos em membros se curia:
 Os Christãos olhos, a ver Deos usadas
 Em formo humanas, estão maravillados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
 Outro e' humo corpo reatas tinha unidos,
 Bem como o esculpto Jano se pintava;
 Outro com muitos braços divididos,
 A Brasão parase que imitava;
 Outro fronte camina tem da fora,
 Qual Anubis Munchitico se adora.

XLIX

Aqui fôrta do barbato Genio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co' os que vem ver o estranho Capitão:
 Estão pelos telhados, e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Lá chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos:
 Edificam-se os nobres seus assentos,
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os Reís daquela gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

17
Pelos portaes da cerca a subliçoes
Se energe do Dydalen heulidade,
Em figuras mostrando por nobriza,
Da India a mais temete arigulade :
Affigurasdes vao com tal vivere
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pelas sombras combere a verdadeira.

18
Estava hum grande exercito que pias
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capto de fonte lisa,
Que com frontotes abrynos pebejava :
Por alle silibeads estava Nyse
Nas ribeiras do rio, que manera,
Tao proprio, que se all ouxer Senicle,
Dira por certo, que he seu filho aquelle.

19
Mas ovante habendo secca o rio
Mui grande multido de Assyria gente,
Sujeta a feminino sepharto,
De huma tao bella, como incontinenti :
All sem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o forte glacie ardente,
Com quem teria o filho competencia :
Amor nefando, bruta incontinencia !

LIV
Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, e subjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas :
D' hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

17

Os Portuguezes sendo estas memórias,
Dizia o Caval ao Capitão :
Tempo cedo virá, que nestas vicissitudes,
Estas que agora olheis atemorão :
Aqui se descobrem novas hircutias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

18

E diga-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valeri dos homens resistência,
Que contra o Céu não val da gente ousadia :
Mas também diga, que a bellissima excellencia
Nos armas, e na paz, da gente curanda,
Seja tal, que seja no mundo curada
O vencedor, por gloria de victoria.

19

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquella puzera Imperator
N' hume camilla jaz, que não se iguala :
De outra alguma no preço, e no lavor :
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor :
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

20

Bem junto delle hum velho reverente,
Co' os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

† 209 †

209

LXI

Seitado o Gama junto ao rio Indo,
Os seus trez affectados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e gavel
Da gente, nunca de antes delle vista;
Lancando a greve vir do sobrio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla desse modo:

LXII

Huem grande Rei de lá das partes, onde
O ceo solubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co' a terra esconde,
Tingido a que deixou de escura nada;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ceo, como em si da India nada
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

LXIII

E por longos rodéos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXIV

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXVIII

E senda assi que a só deita amando
 Entre vós firmemente permança,
 Estará y sempre a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se effereça;
 Com gente, armas, e usas; de qualidade
 Qua por irmãos te minha, e te conheça;
 E da vontade assi il sobre isto ponha
 Me dá a mi certissima resposta.

LXIX

Tal embaxada dava o Capitão,
 A quem o Rei genio responde,
 Que em ver embaxadaria de nação
 Tão tomosa, grão gloria recebia;
 Mas neste caso a última tenção
 Com os de seu conselho somaria,
 Informando-se como de quem era
 O Rei, e a gente, e terra que d'ahi era.

LXX

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repousar, e em tempo breve
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.
 Já nisto punha a noite o usado atalho
 Às humanas canseiras, porque ceve
 De doce somno os membros trabalhados,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXXI

Agasalhados foram juntamente
 O Gama e Portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da Indica gente,
 Com festas, e geral contentamento.
 O Catual, no cargo diligente
 De seu Rei, tinha já por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha,
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igueus carros do farruco
 Mancebo Deão vio, que a luz tenra,
 Manda chamar Mungáide, desejoso
 De poder-se informar da gruta nova.
 Já lhe pergunta prompto e curioso,
 Se tem noticia inteira, e certa prova,
 Dos estranhos quem são; que novidade tinha
 Que he gente de sua patria mais vizinha.

LXVIII

Que particularmente alli lhe desse
 Informaçõs mais largas, pois fazia
 Nisso serviço ao Rei, porque se fosse
 O que neste negocio se fazia.
 Mungáide toma: Portugal eu quizesse
 Dizer-te d'isto mais, não saberia;
 Samente sei, que he gente lá de Hespanha,
 Onde a terra ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãe; tal que por bafo está approvado
 Do Deos, que tem do mundo o regimento.
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor sanguinolento
 Das armas, no seu braço resplandece,
 O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
 Com feitos memoraveis, e famosos;
 E não contentes inda, e na Africana
 Parte, cortando os mares procellosos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades, e altos muros.



LXXXI

Não menos tem mostrado esforço, e moêra,
Em quase todas as guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hungaria,
Ou de d'alguns que do Pyrene decim;
Assi que nunca em fim com lucta cessou
Se tem, que por venturas se cossegam;
Nam se sabe inda, não, se affirmo e proello,
Pax estis Annibalem nemine Marcellis.

LXXXII

E se sua infirmitate não for leticia,
Tanto quanto convém, dellas prebendo
Indicem-se, que he gentes verdadeiras,
A quem mais solidade ampa, e offende;
Vel ver-lhe a frota, as armas, e o maneyra
Do fundido metal, que tudo rende;
E fôgaris de seras e policia
Parraguem os paz, e na milicia.

LXXXIII

He com desijos o Ebdatra ardia
De ver-lhe que o Mouro lhy comars;
Manda equipar bens, que li ver queira
Os lenhas em que o Genua navegava;
Ambos partem da praia, e quem seguiu
A Naira geracao, que o mar esalhava;
A capitania sobem forte e bella,
Onde Paulo os rucaba a bordo-della.

LXXXIV

Purpuras são os rufões, e as bandeiras
De rico de são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerras
Obras, que o forte braço já fazra;
Batallas tem camposes, arantuniras,
Desahos cruels, pintura fexa,
Que tanto que ao Genua se apresenta,
Atum nellas se olhos apresenta.

XXXV

Pelo que vò pergunta: mas o Gama
Lhe pedía primeiro que se sentisse,
E que aquella diletto que tanto ama
A seus Epicurus experimentasse.
Dos experimentos vossos se derrama
O licor, que Nos mostrara à gente;
Mas comer o Gênio não pretende,
Que a setta que seguis D'os defende.

XXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, sempre se arza:
Co' o fogo, e diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo de dos mares.
Tudo o Gênio nota; mas o imenso
Mostrava sempre ser nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato hebra
A muda poesia allí descreve.

XXXVII

Alça-se em pé, com elle os Gamaes junto,
Coelbo de outra parte; e o Mauritano
Os olhos pœm no bellido transunto
De hum velho branco, aspiro venerando;
Cujos nome não pode ser defuncto
Em quanto houver no mundo traço humano;
No traço a Grega mancha está perfeita;
Hum tanto por insignis se dizta.

XXXVIII

Hum tanto se não tinha... Mas ó cego
Ea, que cometto hebra, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminhos tão andas, longo, e vario!
Vosso faror hebra, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudas, hei grande medo,
Que meu fraco braço se abogue cedo.



A Bramtot pinx

Helioſt Du'ardn.

C.VII, LXXVII

GUILLARD ANGLAU
Imp. Cr. Chis.



LXXXII

Obedi que fiz tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A formosa me traz peregrinando,
N'ouros trabalhos vendi, e n'ouros dias;
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavencios infernantes;
Qual Camoc, que d' moeta se condita,
N'outra mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXXIII

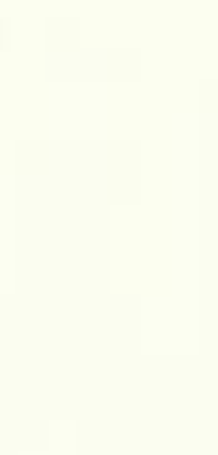
Agora com pobreza aborrecida,
Por hospícios alheios degradado;
Agora de esperanças já adquirida,
De novo mais que nunca desistido;
Agora de comas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judáico accrescentar-se.

LXXXIV

Estuda, Nymphas minhas, não bouera
Que tamarilhas miserias me contem;
Sento que aquelles que tu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornaram;
A truce dos discursos que sepreva,
Das capellas do louto que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deixaram.

LXXXV

Vede, Nymphas, que aguilhões de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem pensar vossos taes favores
A quem se faz cantando gloriosos!
Que exemplos a fatureos scripturas,
Para seprear angélicos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que matricorum ter eterna gloria!





LXXXIII

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só tuos favor me não salfoça,
Principalmente aqui, que sou obrigado
Onde feitos diversos engrandeço ;
Dai-me vós só, que em tempo já jurado,
Que não no emprego em quem o não mereço,
Nem por honra louvo algum vultoso,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

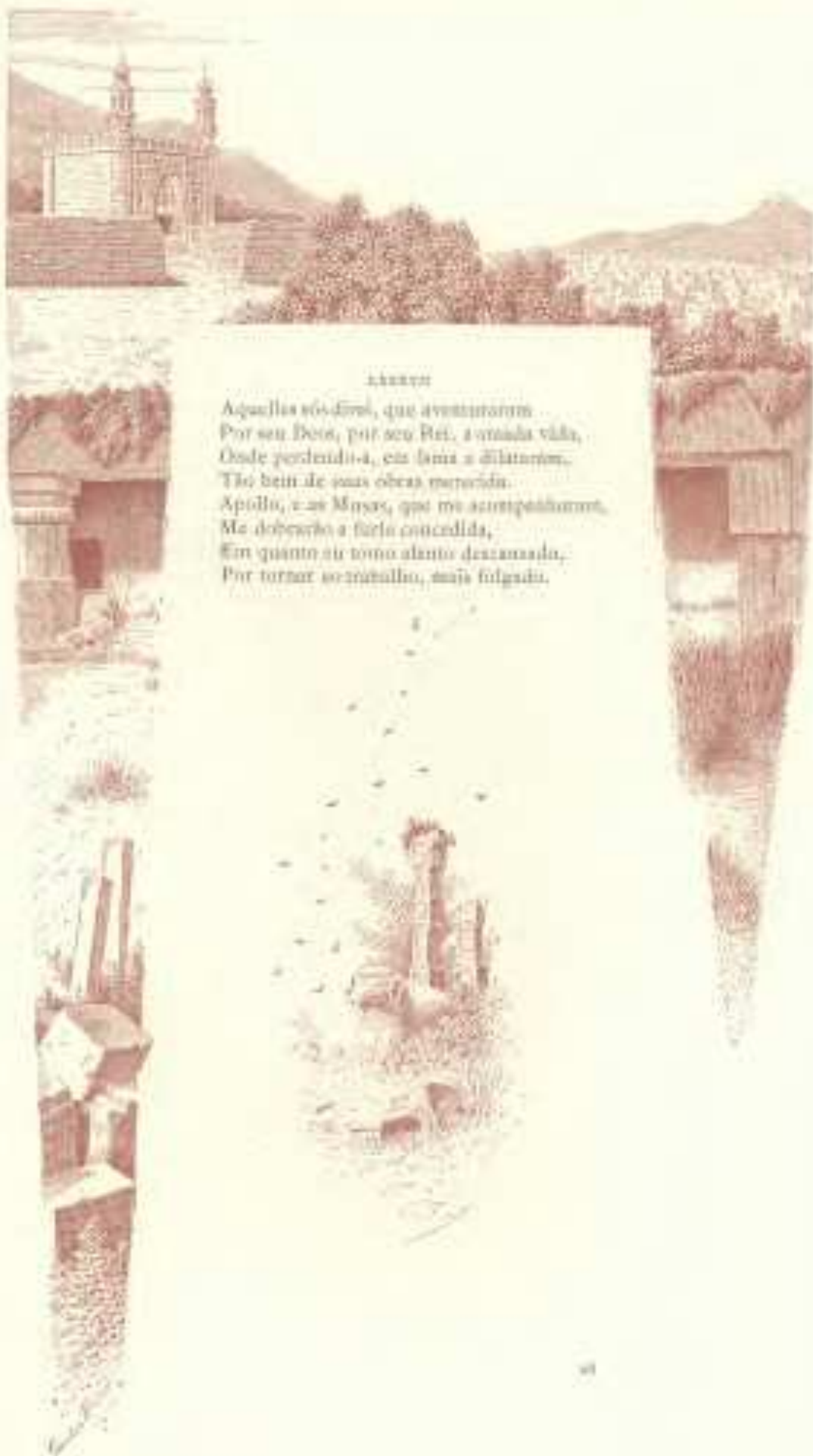
Nem creais, Nymphas, não, que tanta deose
A quem ao bem communa, e do seu Rei,
Antes que seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei ;
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, e annuaei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder basante,
Para servir a seu desejo feio ;
E que por antepozar ao vulgo errante
Se muda em mais figura que Pyntelo :
Nem, Camenas, tambem caudeis quo cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem que sempre com pouco experio peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.



XXXXX

Aquellas sós-divas, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdido-a, em lama e dilatação,
Tio bem de suas obras memorada.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me deparou a fúria concedida,
Em quanto eu tomo alento desarmado,
Por tornar a batalha, mais folgada.



C. VII



(Rimes d'un temple d'Égypte (Inde)
chrétiens « Gruta dos Leões ».



Composição de P. Luis Bord




C VII


നാലര ദ്വീപ് (India)
L. BORD

L. BORD

CANTO OITAVO



*Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores,
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.*



Os Lusíadas

Canto oitavo

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada :
« Quem era, e porque assim lhe convinha
« A divisa que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos :
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos :
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.



III

Foi filho e compatriota do Thetamo,
Que em diversas partes conquistou ;
Parece vindo ter ao reino Hispano,
Segundo os annos que annos nosstos ;
De Douro, Guadiana, o campo ufano,
Já d'ão Elyzio, entre o cotozão,
Que allí quiz dar, nos já conselhos osos
Eternos sepultura, e nome aos nosos.

IV

O canto que lhe vés para d'evia,
O verde thyrso foi do Barchino usado,
O qual a nossa idade amostra e avista,
Que foi seu companheira, e filho amado.
Vés outro que do Tejo a terra pisá,
Depois de ter tão longo mar amado,
Onde marcos perpetuos edificou,
E templo a Pollas, que em memoria fiza :

V

Ulysses he o que faz a sancta casa
A d'essa, que lhe dá freguezia fozada,
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda ?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz : responde o Gama :
Este que vés, pastor já foi de gado ;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado :
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado ;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram.



vii

Com noça tão, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que a grande aperto em genio,inda que horrível
As vezes heis magnanimos quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria hoste
Degradado commença se alevantar;
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustre.

viii

Vês, como seo tambem vence as bandeiras
Deuses sem de Jupiter validas;
Que si naquella tempo os seus guerras
Gostas de nós sombieram ser vencidas;
Olha tão subtil artas, e mancinhas,
Para adquirir os pevos, tão fingidas;
A fatidica Garva que o arbia;
Elle he Sertorio, e ella a sua dydia:

ix

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter co'os Mouros superado
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

x

Quem he, me diz, est' outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroes, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A sens pés derribadas, e estandartes?





III

Este he o primeiro Afonso, esse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros tocou,
Por quem, no Estygio logo jura a Fama
De mais não celetros nenhum de Roma;
Em he aquelle alho, a quem Deus anto,
Com cujo braço o Misuro inimigo dorma;
Para quem de seu reino absteia os muros,
Nada deixando já para os futuros.

III

Se Cesar, se Alexandre Rei, alvoram
Tão pequena pezar, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos, quantos eram
Os que desbarataro esse excellenti;
Não creas que semo heitres se entenderam
Com glorias inscriptas tão largamente;
Mas deita os feitos seus inscriptaveis,
Vê que se de seus vassallos são tutaveis.

III

Este que sês olhar com gesto leado,
Pois o rompido alunite mal soffido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera ao Castelhana:
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.



XXV

Não fez o censo o tanto, que cetero
Foi nas fúrias Canálicas de ignorantes;
Quando a pesar por baixo foi forçado
De Semétrico jugo triumphante:
Este pelo seu povo inamado,
A si se entrega só, firme e constante:
Est outro a si, e os filhos nativos,
E a consorte sem culpa, que lhe mais

XXVI

Vês este que subindo da cidade
Irá sobre o Rei, que cerca a villa forte;
Já o Rei tem prazo, e a villa desarmada:
Ilustre feito, digno de Mavors!
Vê-la cá se pintado nesta armada,
No mar também os Mécios dando a morte,
Tomando lhe as galés, levando a glória
De primeira marítima victoria.

XXVII

He Dum Fuzo Resplando, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Moura gente.
Olha zombar em tão justa e santa guerra,
De acubar pelezando até aoente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Gregos, como justa palma.

XXVIII

Não és hu'ajustamento de estrangeiro
Traja, sair da grande armada nova,
Que ainda a combater o Rei primeiro
Lístoa, de si dando semeta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Põe elle mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.



xxv

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contre Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafumada arrepta a lança;
He Thomeo, Prior. Mas vê encobrida
Santarem, e veris a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo seguiu das quinas a bandeira:

xxv

Ve-lo cá donde Sancto desbarata
De Mouros de Vandalia em dita guerra,
De inimigo rompido, e aliceraz mata,
E Hispalice pendido d'arrriba em terra;
Mem Monia ha, que em si o valor narra,
Que o sepulchro do pai co' os ossos narra;
Digno d'esses bandeiras, pois aca falta
A contraria d'arrriba, e o via exalta.

xxv

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos Vigias,
Onde a cilinda esconde, com que alcança
A cidade por manhos, e ousadiaz.
Ella por semas toira a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

xxv

Não vés hum Castelhana, que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis que traz comsigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:



XXIII

Martin Lopez se chama o cavalleiro,
Que d'ant' levar p'oda a palma, e o barro.
Mas s'ib' hum ecclesiastico guerrero,
Que em tenço de aço torna o bago de ouro:
Ve-lu entre as dividas tão int'iro,
Em não negar batalha ao bravo Mourer;
Olla o signal no tan que lhe apparece,
Com que nos pontos seus o estremo cruce.

XXIV

Vês, t'as os ilhas de Cordova, e Sevilla,
Roma, m'os muros d'ous, e não de apaco;
Rotas) nos ant'os muros. Maravilha
Foz de Deus, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcaçuz se humilha,
Sem lhe valer deitou, ni muro de aço,
A Dom Mathous, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma sill toroo.

XXV

Olla sunt Mentre que desce de Castilla,
Portugal de noção, comu conquista
A terra dos Algarves; e já sella
Não achis quem por arma lhe existia:
Cum manha, ardor, e cum benigna ostella,
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores :

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente :
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes ostres que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVI

Ve-lis, co'o nome sem de avanteiros
 A Castella, onde o juizo sóo levanam
 Dos jogos de Bellina verdadeiros,
 Que com damão de alguns se exercitavam,
 Vê mistos os soberbos cavalleros,
 Que o principal dos tres desconfitam,
 Que fiam, de Ribeiros se nomes,
 Que podê não tamar a lei Lethem.

XXVII

Antuna n'hum que a fama tanto extende,
 Que de nenhum passado se occulta,
 Que a patria que de hum fraco fio pendê,
 Sobre seus ditos hombrês o sustenta,
 Não no vês tanto de ira, que repende
 A vil desconfiança incerte e luma,
 Do povo, e faz que tome o doce trato
 De Rei seu natural, e não de alhojo |

XXVIII

Olha por um conselho, e opordia
 De Deus guida só, e de sancta estrella,
 Só pode, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço, e valentia,
 Outro estrago, e victoria clara e bella,
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essencia?
 Ve-lo com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse,
 Porque comsigo esforço aos fracos dêsse.



XXXI

Mas ella com que tenets confiança,
Que inda não era tempo, respondes;
Como quem tinha em Deus a segurança
Da victoria, que logo lhe daria;
Assi Purgillo, ouvindo que a possessão
Dos amigos a terra lhe cotaria,
A quem lhe a dita nova estava dando,
Pois eu, responde, unou sacrificando.

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Onde quizesse tanto se notava,
Portuguez Scição e humo se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se atreve.
Ditoa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que me quanto o Sol rodea
Este globo de Carro, e Nepenna,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Não minha guerra vê que pezas ganha
Esc'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vintez, e o qual se ganha,
Que livrassem milhaes de soldadagem;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal o como paga
O perjuro que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha que dezasseis Lusitanos
Neste outeiro validos se defendem
Fortes, de quatro centos Castelhanos,
Que em derrador pelos tomam se estendem;
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ver no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os vícios atravessaram
De Viriata tanto se illustraram:
E d'ellas alcançando vencimentos
Memoráveis, de barbaço nos deixaram,
Que os muitos por um pouco não temamos;
O que depois mil vezes mostramos.

XXXVII

Olha cá dois Infantes Pedro, e Henrique,
Prisente generosa de Josture:
Aquelle faz que fama illustre fique
D'elle em Gertornis, com que a morte angustie;
Este, que ella nos marca o publico,
Por seu descobridor, a desengane
De Ceita e Moura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que assistirá
Dous cercos contra toda a Barbaria:
Vês outro Conde este, que representa
Em terra Marco, em façças, e emodia:
De poder defender se não contenta
Alcance de ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chira vida,
Prado por muso o sus, allí perdida.

XXIV

Quem muitos verias que os pintores
Aqui também por seus pintariam;
Mas falta-lhe pincel, falta-lhe cores,
Falta, porém, feror, que as artes criam
Culpa dos viciosos esboços,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gestos e vaidades amolados.

XXV

Aquelles pois illustres que já deram
Príncipe a geração que dellas pendem,
Pela virtude muito ontão ficaram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se outra falta, e rumor dellas se estende,
Escuros deixam sempre seus membros,
Com liz deixar descensos corruptores.

XXVI

Outro também ha grandes o obstado,
Sem nenhum nome illustre donde venham:
Culpa de Reis, que se excoo a privados
Dão mais que a mil, que estorçam, e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Cecando que cores vãs lhe não convenham:
E como o seu contrario natural,
A pintura que falla querem mal.

XXVII

Não negy que ha sem tudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica:
E so a luz dos amigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.



XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta :
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta ;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia ;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indícios ;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Sígnal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas que olhara.



XLVII

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi : Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo : Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rindo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mni grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

I.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista:
Porem depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.



LI

Isto dito, elle, e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito Agareno.
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganós varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subteis, e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, e dadas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.





C.VIII, LII

LARD AILLAUD E. C^{IA} EDITORES
Imp. Ch. Charbon



LV

Não tão pouco dicei que tome tanto
Em arroso e entocimento fôrça e certa,
Que se culava d'hum pobre e humilde nanto,
Onde ambição e razão se encoberta.
E quando hum bom em mão se temo, e somo,
Em negócios do mundo pouco se conta,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em si Deus prosta.

LVI

Mas aquellas armas Cannas,
Que o Gamillan poro governavam,
Indiados das gentes infernaes,
O Portuguez despacho allargavam.
Mas o Gama, que não prestaria mais,
De nada quanto os Moorsos ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Da munda, que d'outras descoberto.

LVII

Não trabalho só, que bem sabia,
Que depois que lesasse esta carta,
Armas, e naos, e gente mandaria
Mandar, que sacrisse a summa gloria,
Com que a seu pingu a lei se mandaria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:



LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito :
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza esia sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atica :
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres :
Que naquelles com quem se aconselhava,
Execuia o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava ;
A quem chegado disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me deste, que he fingida ;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada ;
Mas vagabundo vás passando a vida :
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insanía desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas ?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade ?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade :
Que signal nem penhor não he bastante,
As palavras d'hum vago navegante.



LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C'hum alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
'Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geração de Adão, co'a falsidade;
Ó poderoso Rei da torpe seitu,
Não conceberas tu tão má suspeitu.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.



LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria experimentando o mar irado,
Os Antarcicos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
Enão verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que lim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.



A. DIMITROV.

Самый близ

Холодн Вяздин

C.VII, LXIV

ВЕРДИ...
... ..



LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro :
Este, por sua industria, e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammias viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos á Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna :
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrilica, e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta he a verdade, Rei : que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

4. 239 4



LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada :
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI

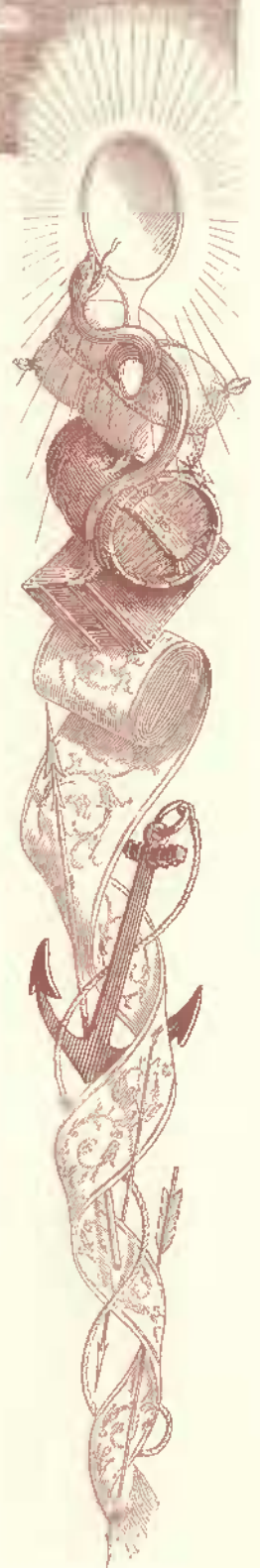
Attenio estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia ;
Concebe delle certa confiança,
Credio firme, em quanto proferia :
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia ;
Começa de julgar por enganados
Os Caiuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
Às naos se vá, e seguro d'algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça ;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.





LXXXI

Embarcação que o leu às mãos lhe pede;
Mas o não repubar, que vários laços
Lhe machinava, nada lhe conceda,
Impondo varações e embarções;
Com elle parte ao céu, porque o estudo
Longo quanto puder das regiões peçoas,
Ordo, sem que seu Rei tenha noticia,
Fuga o que lhe ensinar sua malicia.

LXXXII

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação humana, em que partisse;
Ou que para a luz eterna do dia
Fuzesse, uma partida differisse;
Já com tantas turbanças contenda
O Gama, que o Gamin constituisse
Na má tenção dos Mouros, cepe e ferra,
O que delle akill não existira.

LXXXIII

Era esse Casal hum dia que estavam
Corruptos pela Ma'ommetta genia,
O principal por quem se governavam
As cidades de Saurama potavam;
Della souzue os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente;
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXIV

O Gama com instância lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
« Porque razão lhe impede, e lhe differe
« A fazenda trazer de Portugal;
« Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
« Não pode ser por outrem derogado? »

† 241 †



LXXXIII

Pinça ábaloa o Catual corruio
A tua pulayria, amos revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Egipco discolito, e enpendio;
Ou como lanchat pissa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estera sempre;
Da conta as tuas em fogo lhe abotando,
Porque nenhuma é patria mais torrance.

LXXXIV

Que nenhum terra é patria só prezada
O conselho infernal dos Me'vencanos,
Porque não sabe nunca onde se estada
A terra Eua e Rei dos Lusitanos.
Não para o Gama em fim, que lho defende
O engedor dos hebraica profanos;
Nem sem lizaça sua ir-se julia,
Que se almadia todas lhe milha.

LXXXV

Ans bruto o torçer do Capião,
Responde o latolatra, que mandava
Chegar á terra os seus, que longe corria,
Porque melhor d'alli foz, e torrance;
Sigof ho de inimigo, e de ladrão,
Que he tão longe a terra se alargava,
Lhe diz, porque do certo e não amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma.
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama:
Phansiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.



LXXXVI

Qual o reflexo lante do pedestal
Espelho de aço, ou de cristal heróico,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ser a'vozes por os humilidos;
E sendo de escura máo murchida
Pela taxa do moço português,
Ainda pelas paredes, e maldades,
Tremulo, aqui e alli, se desmarrada;

LXXXVII

Tal o vago juizo Escutaria
Do Gama preso, quando lhe tentaram
Coelhe, se por caso o esperara:
Na peão co'os tentos, como crismas:
Logo secretamente lhe mandaram,
Que se tornasse a frota, que d'altara,
Não fosse saltado dos enginos,
Que captava, dos feroz Macoutanos.

LXXXVIII

Tal he de ser, quem quer en'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualo-las:
Voz en'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evita-las:
Com subtil arte engenho, e subtil arte,
Escutarem os inimicos, e angustio-las;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga: Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.



XC I

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei : mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia ; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XC II

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se iroque e venda ;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente ; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XC III

Conceriam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha ;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha :
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha :
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XC IV

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil, o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama solhou pela fazenda.





825

Põe ella o solto, crendo que allí tinha
Prestar bastante, donde recebia:
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo que já lhe não continha
Turnar á terra, porque não pudesse
Ser mais rendido, antes de mais chegado
Nellas estas se datta descansado.

827

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descrever:
Que não se ha de ao cobroso
Regular corrompida, e pouco nobre,
Veja agreste o intem curioso.
Quanto ao rico, assim como no pobre,
Pode o vil interesse, a sede imiga
Do diabólico, que a tudo nos obriga.

829

A Polydoro mata o Rei Thracia,
Si por furtivo se achar do grão thesouro:
Entre pelo fortissimo edificio
Com a filha de Aetia e chave d'ouro:
Pode tanto um Tarpia avasô vicio,
Que a frota do naval interesse, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

831

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores, e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
É entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

+ 215 +



8038

Este impune mais que subitamente
Os tentos: uma faz, e decaz loto:
Este curso de perfurao como a pira:
E mil vezes tyranos torna os Reis.
Até os que sô a Deus Omnipotente:
Se dedicam, mil vezes occidris,
Que corrompe um anconador, e Hudo:
Mas não sem cor, com tudo, de virtude.







C. VIII

Inscripção árabe que se acha gravada na lápida
pela de D. João, conservada no museu do commando
geral de Lisboa. Esta peça data de
1731 e foi encontrada pelas Portagens na praça
de D. João e alocada depois da morte do
Sr. João de Deus : a inscripção árabe diz :

« A nossa amo rei dos reis do presente século,
« o senhor da lei do profeta, do misericordioso
« alcaide, humilhador do fundamento das «ec-
« rias do erro, destruidor das habitações dos ido-
« latros dos ídolos, vencedor na dia do encontro
« dos dois exercitos. O rei do Reino de Salomão,
« confiou em seus benfazeiros das virtudes, o
« soberano, o senhor, D. João.

« Esta peça foi fundada a 5 de D. João de anno
« 1731 : se deha » corresponde a 20 de maio de
1731.

Documento de ex.ª Sr. Carlos Adolpho
Mendes Lúcio.

A inscripção está collocada em cima d'um frag-
mento de muro do mosteiro dos Hieronymos, e
sobre esse muro a direita gravao a assignatura
de Sr. D. Manoel. Esta assignatura foi copiada
do jornal d'Indica, existente na Bibliotheca da
Universidade de Coimbra pelo Sr. João Braz
Ferreira Junior.

C. VIII



Cruz da ordem militar d'Aviz.

Inscrição arabe que se acha gravada na famosa peça de Dín, conservada no museu da commando geral de Artilheria de Lisboa. Esta peça data de 1539, e foi encontrada pelos Portuguezes na praça de Dín quando a atacaram, depois da morte do Sultão Badur: a inscrição arabe diz:

« A nossa amo rei dos reis da presente seculo,
« verificador da lei do propheta, do misericordioso
« alcorão, humilhador do fundamento dos secta-
« rios do erro, destruidor das habitações dos ado-
« radores dos idolos, vencedor no dia do encontro
« das dois exercitos. Herdeiro do Reino de Salomão,
« confiado em Deus, hemeitor das virtudes, o
« soberano Bohador Xh.

« Esta peça foi fundida a 5 de Dul Haade do anno
« 939: se dedica » (corresponde a 29 de maio de
1539).


Documento do ex.^{mo} sr Carlos Adolpho
Marques Leiria.

*A inscrição está collocada em cima d'um frag-
mento de muro do masteiro dos Hieronymos, e
sobre esse muro o artista gravou a assignatura
d'El-Rei D. Manoel. Esta assignatura foi copiada
do foral d'Almada, existente na Bibliotheca da
Universidade de Coimbra pela ex.^{mo} sr João Braz
d'Oliveira Junior.*



Composição de PAULIN BORN

CANTO NONO



*Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tímido Oceano,
Venus lhe mostra hũa Insula excellente :
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha reponso assaꝝ conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.*



Os Lusíadas

Canto nono

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os inféis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores :
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

11

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana,
Da religiosa agua Ma'ometana.

✦ 251 ✦



III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldão, que esse reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV

Por estas naos os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammis abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo allí tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influo piedosos accidentes
De afeição em Monçaide; que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera :
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas
 Que de Arabica Meca vem cada anno,
 Que agora são dos seus tão desejadas,
 Para ser instrumento deste dano :
 Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
 E dos trovões horrendos de Vulcano;
 E que pode ser dellas opprimido,
 Segundo estava mal apercebido.

VIII


O Gama, que tambem considerava
 O tempo, que para a partida o chama,
 E que despacho já não esperava
 Melhor do Rei, que os Ma'omeianos ama;
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem ás naos : e porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

IX

Porem não tardou muito, que voando
 Hum rumor não soasse, com verdade,
 Que foram presos os feitores, quando
 Foram sentidos vir-se da cidade.
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitão, com brevidade
 Faz represalia n'huns, que ás naos vieram
 A vender pedraria que trouxeram.

X

Eram estes, antigos mercadores
 Ricos em Calecut, e conhecidos;
 Da falta delles, logo entre os melhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos.
 Mas já nas naos os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante, e reparidos
 Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
 Outros quebram co' o peito duro a barra.



XI
Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava :
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam que perdidos
Huus tem os pais, as outras os maridos.

XII
Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos inimigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente;
Desculpas manda o Rei de seus enganos :
Recbe o Capitão de melhar meute
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII
Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava.
Com estas novas torna á patria clara.
Certos signaes levando do que achara.

XIV
Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara.
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara :
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

33

Isso não lhe tornou a diligência
De Monção foi, que também teve,
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Chelero que se escreveu,
Oh ilustre Avicenna, que a clareza
Divina assim levou d'encarnação,
E tão longe da patria achou caminho
Para subir a patria redenção!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

XVII

O prazer de chegar á patria chara.
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhara
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum. tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII

Porem a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom genio dada.
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

✦ 255 ✦



XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioncas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de crystal liquido, e manso :

XX

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arreio :
Que muitas tem no reino que confina
Da mãe primeira co' o terreno seio,
Afora as que possne soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos coraçãoes,
Com danças, e choreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.



—xxiii—

Tal matha bôcosu já, para que aquelle
Que de Anchises posu, bem recebido
Fosse no campo, que a borina pelle
Tinha de espaço, por subtil partido ;
Sua filha val buscar, porque só nullo
Tem todo seu poder, fero Cupido ;
Que así como naquella empresa antiga
A ajudou já, nos' outra a ajude, a siga.

—xxiv—

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando :
Ella por onde passa, o ar, e o vento
Serenoz faz, com brandoz movimento.

—xxv—

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava enião,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

—xxvi—

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana :
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana ;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

+ 257 +

XXVII

E vê do mundo mais os principais,
 Que nenhum ao bem publico imagina;
 Vê nelles, que não tem amor a mais,
 Que a si somente, e a quem Phallacia cria;
 Vê que esses que frequentam os mais
 Parem, por verdadeira a sua doutrina:
 Vendem adulação, que mal consente:
 Mostra-se o novo trigo florcente.

XXVIII

Vê que aquelles que devem a pobres
 Amor divino, e ao povo charidade,
 Amam somente mandos, e riquezas,
 Simulando justiça, e integridade:
 De reis tyrannia, e de esperansa,
 Fazem diadema, e sua reverência;
 Lem em favor do Rei se estabelecem;
 As em favor do povo só pericam.

XXIX

Vê em fim, que ninguém ama o que deve:
 Sendo o que somente mal deseja;
 Não quer que tempo tempo se celebre:
 O amigo que dico, e justo seja.
 Seus ministros stultos, porque leva
 Extrinsecos confortes a palata;
 Que espem ter em a mal eygada gente,
 Que lhe não fir agna obediencia.

XXX

Muitos destes meninos voadores
 Estão em varias obras trabalhando,
 Huns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de setas delgaçando;
 Trabalhando cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando,
 Melodia sonora, e concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.

XXXI

Nas fragras immensas, onde furjavam
Pera as setas as puntas penetrantes,
Por lenta, curações ardendo iam-vam;
Vivas entranhas inda palpitantes;
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de miseros amantados;
A viva flamma, o nunca morto humo,
Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII

Alguns exercitando o não sofriam,
Nos duros corações da plebe ruda;
Cantros singros pelo ar soavam,
Dos que friados vão da senta ajuda;
Formosas hygieias são as que curavam
As chagas recebidas, cujas ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos;
Mas põem em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras laas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veas
Curam-nos de vezes esperas pragas,
Alguns ficam ligados em cadeas,
Por palavras subteis de sabias magas;
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando;
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli, e Cinyrea;
Hum mancebo de Assyria; hum de Judea.



XXXV

E vós, si pederosos, per peccatoras
Muitas vezes lerdes o peito vedes;
E por irmãos e rudes, vós senhores,
Também vos temam nas Vulcianas redes.
Hão esperando andais nocturnas botas,
Outros sobis velhacos e parados;
Mas eu creio que deste amor indim,
He mais culpa e de mal, que a do menino.

XXXVI

Mas já ao verde prado o curro leve
Punham os brancos cymos mansuetos;
E Diane, que as roças entre a neve
No corno truz, desce diligente.
O flecheiro, que contra o corço estrova,
A ruzado-la vem, lida e contenta;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A socorrer-me a tua potesiade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.



XXXIX

E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso,
Puderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio, e doce gloria,
Do trabalho que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano, terei aparelhada,
De dons de Flora, e Zephyro adornada:

XLI

Alli com mil refrescos e manjares,
Com viuhos odoriferos, e rosas,
Em crystallinos paços singulares,
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil delcites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas;
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, pro genie forte e bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella,
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII

Assi Venus propoz, e o filho inico
 Para lhe obedecer já se apercebe;
 Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
 Deniro no carro o filho seu recebe;
 A redea larga ás aves, cujo canto
 A Phaetontea morie chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Huma famosa e celebre terceira,
 Que postoque mil vezes lhe he contraria,
 Outras muitas a tem por companheira :
 A deosa Gigantea, iemeraria,
 Jactante, mentirosa, e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e por onde voa,
 O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV

Vão a buscar, e mandam a diante,
 Que celebrando vá com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'ontrem celebrara :
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espulhara ;
 Falla verdade, havida por verdade,
 Que junto a deosa traz credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellent
 No coração dos deoses, que indignados
 Foram por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco affeiçoados.
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por mau zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.



F. B. pax

Benigno...

C.IX, XI.III

— KR. AL. AID. I. I. E —
— 1. 1. 1. —



XLVII

Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra ; geme o mar co'os tíros :
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros :
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros ;
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama ;
Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiua.
Já não fica na aljava setta alguma,
Nem nos equoreos campos nymphas viva ;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

XLIX

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas, e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina :
Para que tu reciproco respondas,
Ardenie Amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

I.

Já todo o bello coro se apprelha
Das Nereidas ; e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus os guiava :
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava ;
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

Handwritten signature and notes at the bottom left of the page.



II

Cartando vás se naco a longa via
Do mar ingente, para a portia amada,
Desejando proverse de agua fria,
Para a grande viagem prolongada;
Quando juntas, com subito alegria,
Houveste a vista da ilha memorada;
Rompendo pelo ceo a nuvem formosa
De Memmonio, suave e deliriosa.

III


De longe a illa viram franca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento levo branca vela)
Para onde o forte armada se encozava;
Que porquy não passassem, sem que nella
Tentassem porto, como descera,
Para onde as naves navegam a morte
A Acidalia, que tudo em fim poeira.

III

Mas firme a luz e luminobil, amno rio
Que era das naves vista, e demandada;
Qual ficou Deos, amno que pariu
Luzosa Phobo, e a deusa d'caça quada.
Para lá logo a prua o mar abriu,
Onde a zizta fraia humo quocado
Curva e quieta, cuja branca arez
Pluma de raios cochos Cythera.

IV

Tres formosas nutricas se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.



N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para afeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos :
A laranjeira tem no fructo lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pesos amarelllos;
Os formosos limões, allí cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos :
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraíso.

LVIII

Os dons que dá Pomona, allí natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores :
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.



LX

Abre a túnica, mostrando a rubicunda
Cuir, cum que tu rubi tua piceo pendet;
Entre os braços do ulmeiro está a junífera:
Vide, c'humr carlos rosos, e castos verales;
E vós se na vossa terra fructuosa,
Pecis pyramidaes, vider quaximiles,
Entrai-vos ao d'anno que co'vo b'itru,
Em vós fazim os passaros inicos.

LXI

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rannio terreno,
Faz ser o de Achamenia menos d'ina,
Mas o combio valla mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXII

Para julgar difficil cousa fora.
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Piniando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da cor dos amadores;
O lírio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella :

LXIII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona :
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona :
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.



LXIII

A lagoa da água e neve cystalina,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Açúcar n'água crystallina e bella:
Aqui a folgazã lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazella;
Além no bico traça ao claro ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura tal desentibocavam
Já das mãos os segundos Argonzuzas,
Onde pela floresta se deliciavam
Andar as bellas deusas, como incantadas;
Algunhas doces citharas bicavam,
Algunhas orpas, e sororas frutas,
Chitras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não veíam.

LXV

Assi llo aconselhara a mestre experta,
Que andassem pelas campos espalhadas;
Que vista dos Barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algunhas, que na forma descobertas
Do bello crego estavam confiadas,
Ponta a unificiosa furmeoura,
Suas lavar-se deixam na água pura.

LXVI

Mas os fustes innocuos, que na praia
Punham os pés de terra cubicosos;
Que não ha nenhum d'ellas, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço, ou zedeá, caça
Caça naquelles montes deliciosos.
Tão suave, domestica, e benigna,
Qual fozda lha tinha já Erycina.

LXVII

Sigam que em rapinardas, e nas fêmeas,
Para furir os corcos se lavam,
Pelos sombrios matos, e florestas,
Determinadamente se lançam;
Outros nas sombras, que das almas vestes
Deliciosa e variosa, passavam
Ao longo da água, que escorre, e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

LXVIII

Comçam de emergir subitamente
Por entre riberas ramos varias cores;
Como de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores;
Mas de lã fina, e seda diferente,
Que mais incisa a forra dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por esta mais forreiros.

LXIX

Da Velloso expellido hum grande grito:
Seuhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda não o Gesejo antigo rito,
A deusas he sagrada esta floresta;
Mas amadoribus do que humano espirito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas, e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantásticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.



C. IX, LXXII

ALOU AU LAUD * 18 24
L'ap. by L'au.com



LXXII

De humo os coballos de ouro o sermo leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se cova
Nas alvas carnes subito mostradas;
Humo de industria cahe, e já rufeta
Com mostraz mais lascias, que indignadas,
Que sobre elle compoendo tambem caia
Quem a seguir póla arenosa praia.

LXXIII

Outros por outra parte vão inpar
Com as deusas ilscidas, que se lavam
Elles começam subito a gritar,
Como que osho tal não esperavam.
Humos fingindo rictos estimar
A vergonha que a focca, se lançavam
Nuns por entre o mar, aos olhos damo
O que as mãos cobdicosas vão segando.

LXXIII

Outra, como acallindo mais depressa
A vergonha de deos caçadores,
Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
De se despír, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenhá, ou pata conhecida,
Antes que soc o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida,
Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
Remette á que não era irmã de Phebo.



LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado;
E tinha já por firme presuppосто
Ser com amores mal affortunado,
Porem não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI

Quiz aquí sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia:
Ó formosna indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cansam. nymphá pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só toges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Ó não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me menia.

LXXVIII

Não canses, que me cansas: e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he ial, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E noiarás no fim deste successo,
« Tra la spiga e la man qual muro é messo. »



LXXIV

Ó não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo tujs de tua formosura!
Que só com rosnar o passo leve
Venceras da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito se arreve,
A quebrantar a fôrça da ventura!
Que em quanto descei me vá seguindo:
O que tu só faris não me fugindo.

LXXV

Ponho-te da parte da deslida minha /
Frequentem he dar ajuda ao mal peonem.
Lettas-me hum coração, que lletro tinha /
Sobra-ma, e corderia mais levemente.
Não te carreges esse alma tão mesquiôha,
Que nunca tira de muro relizente
Acada leve? Ou depois de presa
Lhe mudara a ventura, e nunca pisa?

LXXVI

Nesta esperança só te vou seguindo;
Que ou tu não soffrerás o peso della,
Ou me vintale do teu gosto lindo,
Lhe mudará a letura e dura escolhe!
E se se lhe mudar, não vá lagido,
Que amor te fará, gentil donzella!
E tu me esperas, se amor se fará;
E se me esperas, não ha mais que esperar.

LXXVII

Já não fugia a bella nymphe, tanto
Por se dar cara ao trizo que a seguia,
Cuma por te covindo o doce canto.
As memoradas magias que ditas
Volvendo o rosto já serena e vanto.
Toda habitada em riso, e alegria,
Cahir se deixa aos pés do venudor,
Que tal se desliza em parte amor.

LXXXIII

Oh que famintos bellos na floresta!
 E que ultimate choro que seora!
 Que affago tão suave! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passara na manha, e na sesta,
 Que Venus com prazeres inflammas,
 Melhor he experimenta-lo que julga-lo,
 Mas julga-o quem não pode experimenta-lo.

LXXXIV

Deixa seto em fim confortes já os firmos
 Nymphtas, co' os seus amados navegantes,
 Os cenais de capellas delictosas,
 De louros, e de ouro, e flores abundantes;
 As mãos altas lhe davam como esposas?
 Com palavras formosas, e esculpantes
 Se prometterem eterna companhia
 Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Huns dallas mais, a quem se humilha
 Tudo o que das nymphas, e obediças,
 Que dizem ser da Galia e Vestia filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchendo a terra, e o mar de maravilhas,
 O Capitão illustre, que o heros,
 Recibe alli com pompa honesta e regia,
 Mostrando-se senhora grande e apogia.

LXXXVI

Que depois de lhe ter dito quem era,
 C'hum alto esordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a ordenes, que alli viera
 Por alta intuição do immobíl fado,
 Para lhe descobrir de unida uoluntade,
 Da terra immensa, e mar não navegado,
 Os segredos, por alta propheta,
 O que era sua nação só merecia:



LXXVII

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
Para o cumo d'hum monte alto e distante,
No qual hu'c rice fabricas se ergoia
De crystal, soda, e de ouro puro, e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em d'ouros jogos, e em prazer continuo:
Ella nos puzes longa entre os arbores,
As outras pelas sombras entre os flores.

LXXVIII

Assi a femina, e a forte compunha,
O dia quasi todo tanto passando,
N'humo alma, d'azul, incognita alegria,
Os trabalhos dos longos compensando,
Porque dos felizes grandas, de ouzadas
Feste e famoso, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXIX

Que as nymphas do Oceano são formosas,
Tethys, e a (ha) angolica pintoza,
Outra causa ohi he, que as deliciosas
Huem, que a vida fazem sublimada:
Aquellas precorências gloriosas,
Os triumphos, a fuzte corosada
De palma e laureo, a gloria e maravilha,
Estes são os delicias desta ilha.

XC

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os ilustres amo,
Lá no excellente Olympo, a quem subia
Sobry as aras inclytas da fonte:
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fraposo,
Mas no fim doce, alegre, e delicioso:



XII

Não eram senão prémios, que reparte
Per lástas imortaes e soberanos.
O mundo co' os herões, que esforço e arte
Dividos se fizeram, tendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phobó, e Marte,
Etna, e Quirino, e os deus Thebanos,
Ceres, Pallás, e Juno, com Diane,
Todos foram de fructo caeno humanos.

XIII

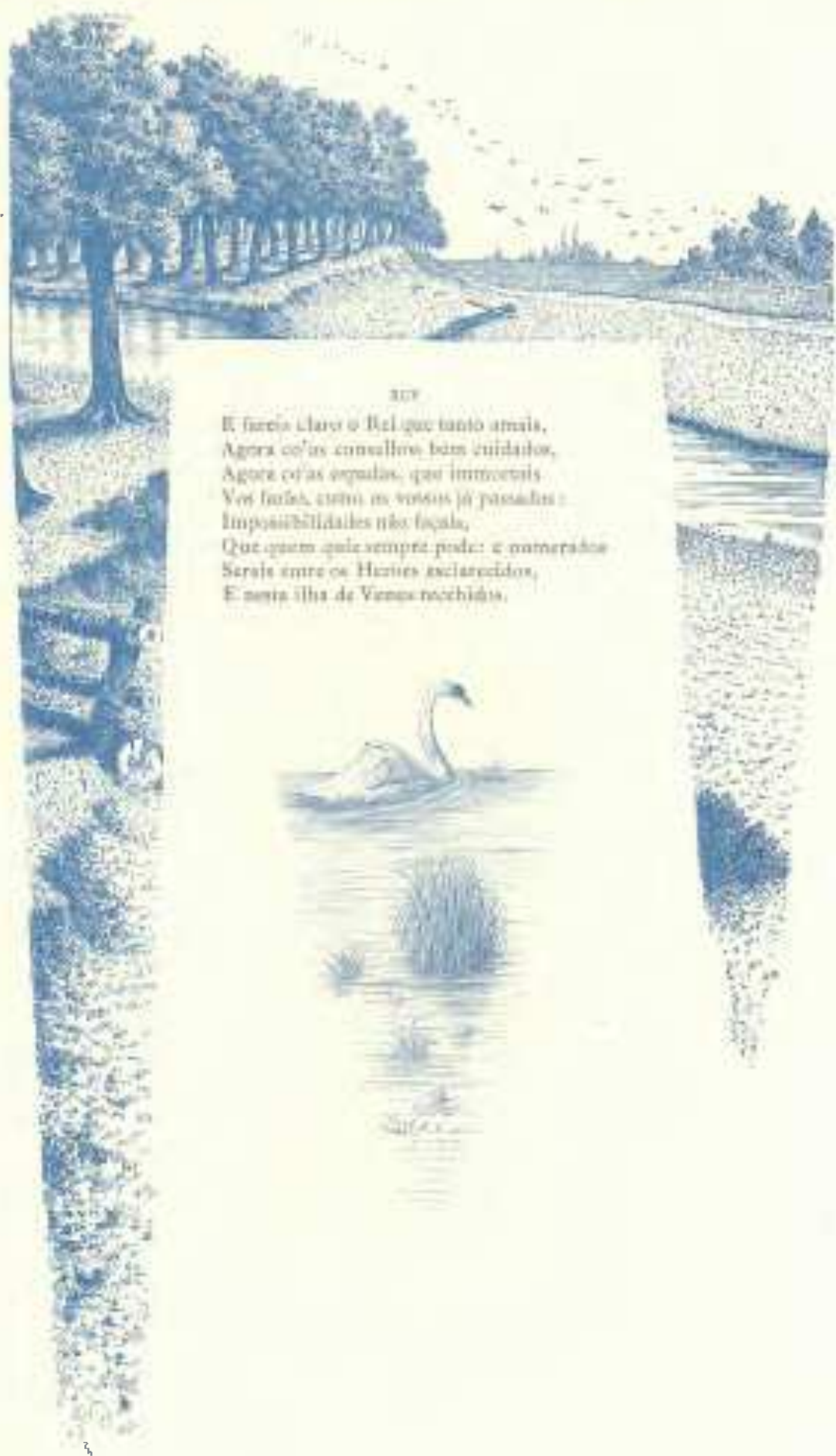
Mas a fama, trembada de obractais,
Lhe deu no mundo nome tão estranhos.
De Deuses, Semidivinos immortais,
Indigetes, Heróicos, e de Magos,
Por isso, é vos que as fimas astutais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ocio ignavia,
Que o animo do livre faz escrava.

XIV

E ponde na cubica hum frelo duro,
E na ambição também, que indolentemente
Tornais mil vezes, a no torpe e vagante
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Vendeteis valar não dão á gente:
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

XV

Os deus na pazos leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos:
Os vos vedei nas armas rutilantes,
Contra a lei dos insigns farracanos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos reinos mais, e também ramos:
Posuireis riqueza macedida,
Com as honras, que illustrem tanto as vides.



El facis clare o Bel que tanto amais,
Agora co' os consellos, ben cuidados,
Agora co' as espadas, que innocentes
Vos fizois, como as vossas já passadas:
Impossibilidades n'os fozais,
Que quem quiz sempre pode: e nomeados
Serais entre os Heróis esclarecidos,
E nesta illa de Venus recebidos.



C. IX

Tempo de Luiz XV. rei de França.
se dos Azores de Boncheur, celebre pintor do
-mundo de lilia dos Azores. O lilia Azorico -

Composição de Paulo Bora



C. IX

Epitáfio de São Roque Amores. O artista inspirou-se em Amores de Boucher, celebre pintor do tempo de Luís XV, rei de França.

Composição de PAULIN BORD

CANTO DECIMO



*Às mesas de vivíficos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accents numerosos:
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo tão querido.*




Os Lusíadas

Canto decimo

I
Mas já o ilustre amador de Lariessa
Adalicia, inclinata os sentidos
Lá para o grande lago, que rodeia
Tambelão, nos fins Occidentaes:
O grande redor do Sol Pavãois vêrta,
Cé o sopó, que nos tanques nutria
Encrispo a aqua serena, e dispersava
Os lírios e jasmim que a calma aggrava.

II
Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os pães radiantes,
E de muitas ornados relaxavam;
Mandados da Rainha, que abundantes
Messas il' alios melhores, excellentes,
Lhe tinha aparelhadas, que a frequer
Restaurem do cansado natureza.



III
Alli em rubras rivas, crystallinas,
Se ascendam dum a domo, amante, e dona,
N' outras, e suboceano, d'ouro lozas,
Está m' a bella deusa o claro flama,
De ignarim mares e divinas,
A quem não chega a Egiptica antiga terra,
Se accumulam os prantos de fulvo ouro,
Tremidos lá do Atlântico throno.

IV
Oxvinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o apuramento sempiterno;
Nos vãos, onde em vão trabalhá a lima,
Crespo oculto argenteo, que no intus
Caracão movem subita alegria,
Sahendo co' a mistura d' água fria.

V
Mil peccas alegres se tocavam,
Rios doces, subtils, e argenteo d'ouro,
Que entre hum, e outro manjar se elevavam,
Despertando os alegres appetitos,
Musicos instrumentos não fazavam,
Quase no profundo reino os mus exentos,
Fizeram descender de murna pena,
C' huma voz d' huma angelica Senna.

VI
Cantava a bella nympha, e co' os accentos,
Que pelos alios paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando :
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com dize: vós está subindo ao céu
 Alas herdes, que estais por vir ao mundo,
 Causa clara ideia vós Prime
 N' hum globo vão, diáfano, rotundo:
 Que Japote em dote l'ho concedes
 Em vobras, e depois no reino findo
 Vaticinando o dize; e na memoria
 Recolhe logo a triumpho a clara historia.

VIII


Materia he de costumes, e não de miza;
 A que a triumpho aprendeu no immenso lago,
 Qual Ispas não soube, ou Dariofocto,
 Entre os Phoenicias hum, entre em Cartago.
 Aqui minha Calliope te invoco
 Sente trabalho sustento, porque em pago
 Me turnes, do que escrever, e em vão pretendo
 O gosto do escrever, que vós perdendo.

IX

Vós os nomes desatando, e já do estio
 Ha pouco que passou até o outono;
 A fortuna me faz o engenho frio,
 De qual já não me jacto, nem me abono;
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno sono;
 Mas, se me dá que cumpra, o grão Rainha:
 Dei Mãos, co' o que quero a nação minha!

X

Cantando a bella duxta, que viriam
 Do Tejo, pela mar que o Gama abeira,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por mais o Oceano Indico sepiem:
 E que os gentios Reis, que não dariam
 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte,
 Até render-se a elle, ou logo á morte:



— 21 —
Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdotio a dignidade,
Que só pé não quebrat co' os singulares
Barões os nãos que dera d'armizade,
Sufferá suas cidades, e lugares,
Com ferro, incêndios, ira, e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente
Que taes nãos terá co' a nova gente.

— 22 —
E tanta gente lá se embarcaria
Em Balum e tentado d'esse dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando emiraria
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'água os promete, que gemerem,
Contra sua natureza se temerem.

— 23 —
Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do genio
Rei de Cochim, com poucos torraes,
Nos braços do selvagem e curvo rio;
Debarcará os Naires infernaes
No passo Capibolla, tornando fies
De espanto o adar luminoso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

— 24 —
Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis inimigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

—XV—

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ourado,
A grande multidão, que lê morando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetará outra vez, não dilatando,
O Gento os combates apressado,
Inferizando os seus, fazendo ventos
Eis vão aos deuses seus, errados, e amarrados.

—XVI—

Já não defendem somente os passos,
Mas queimar-lhe-lá lugares, templos, casas.
Acaso de ira o céu, não vindo lesões,
Aquellas que as cidades têm rasas,
Fará que os seus, de vida pouco escusos.
Commetam o Pacheco, que tem asos,
Por dous passos n' outro tempo: mas viando
D' hum n' outro, tudo irá desbaratando.

—XVII—

Virá alli o Sumozim, porquê em pechos
Veja a batalha, e os seus coloraz, e armaras;
Mas hum tiro, que queir assido vir,
De sangue o tingirá no andar sublimar.
Já não verá remedio, ou macho boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Encomará traicões, e vãos venturas;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

—XVIII—

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava,
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que atelli vão lhe fora commette-las.

XII

Pela água levam serras de fogo
 Para abrotar-lho quanto armada temer:
 Mas o militar arte, e engenho, logo
 Fari ser sua a bravura com que vosso.
 Nenhuma clareo barão no marão jugo,
 Que nas azas de fuma se vosinha,
 Chega a vosa, que a palma a todos vossa!
 E perdo-me a illustre Grecia, ou Roma.

XIII

Por que tantas batalhas sustentades
 Com muito pouco mais de cem soldados!
 Com tantos machos, e arnes inventados,
 Tantas cães são imbelles profligadas;
 Ou parecerão fábulas somnadas,
 Ou que os célebres ovens invocados
 Descerão a ajuda-lo, e lhe dando
 Esforço, força, artil, e coração.

XIV

Aquella que nos campos Marathonios
 O grão peitar de Dario reitru, e rende;
 Ou quem com quinze mil Lacdaemonios
 O passo de Thermopylas defende;
 Nem o tranchebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende:
 Era defenza da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como usar na guerra forte e sabio.

XV

Mes neste passo a nymphas a som canoro
 Abaloando, fer rufos, e zinterecido,
 Cantando em fuzo voz, e volva em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 Ó Bellizeio, dize, que no coru
 Das Musas unis sempre engrandecido:
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aquí tens com quem podes consolar-te!

Handwritten signature:
 ...
 ...

XXXII

Agel teu cumprimento, até nos toques,
 Como ao galardão incerto e raro:
 Em ti, e nelle veremos alios pejos,
 A mais estado vir, humilde, e escuro:
 Morrer nos hospitais, em pedras brancas,
 Ou que ao Rei, e á lei se vença de morte!
 Isto fazem os Reis, e os seus ministros
 Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXXIII

Isto fazem os Reis, quando entebidos
 N' huma apparencia brando que os consente;
 Dão os premios de Alcaes malditos,
 A lingua vici de Ulysses fraudulenta.
 Mas vago-me, que os bens mal repartidos
 Por quem se dão as doças sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios cavalheiros,
 Dão-os logo a avarentos burguezes.

XXXIV

Mes tu, de quem fizou tão mal pagado
 Hum tal vasallo, ó Rei se não lembra,
 Se não se pode dar-lhe honrosa saída,
 He elle para dar-se hum nuno rico.
 Em quomo for o mundo cobrado
 Dos Apollisacos raios, em te fiero,
 Que elle seja morto a gente illustre e clara,
 E tu nuno culpado por certo.

XXXV

Mes eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome Real, e tua cortezia
 O fillo, que no mar será illustrado,
 Tanto como qualquer Romano amigo.
 Ambos d'alto com brupo forte armado,
 A Quiloz furtil aspero castigo,
 Fazendo nella Rei real e humilde,
 Deitado fora o perfido Tyranno.

XXVII

Também farto Mombaça, que se arré:
De casas sumptuosas e edifícios,
C'ó o ferro e fogo seu, queintada e fã,
E os pagos dos peixeiros malaficos,
Depois na costa da Índia, andando cheo
De leões lamigou, e artificios,
Contra os Luos, com vales e com cegos,
O grande Lourenço fará extreos.

XXVIII

Das grandes neas do Suroeste patema,
Que encherão todo o mar, c'ó a ferrea palla
Que salte com trovão do sobre a lãma,
Faz a pedação, leme, mastro, vela;
Depois, lançando aprofundamente
No capitão inimigo, dentro nella
Salimão, a fazê-lo com lança e espada,
De quatrocentos Mouros despedida.

XXIX

Mas do Deus a escondida providência,
Que ella só sabe o hum de que se serve,
O portá onde aforça, nem prudência,
Podrá haver, que a vida lhe reserve,
Em Chaul, onde em sangue, e resistência,
O martirio com fogo e ferro ferve,
Lhe farto que com vida se não saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

xxxi

Com todo furo cerra boca, que em pedações
Lhe leva fuma ceço tiro que passara,
Se surge inda dos animosos braços,
E da grão oração que lhe ficara:
Até que sobre pelouro quebra os laços,
Lam que co' a alma o corpo se liara:
Ella sóta vosa da pinda fies,
Onde subito se acha vencedora.

xxxii

Vai-te, alma, em paz de guerra turbulenta,
Na qual tu merecesse por serena!
Que o corpo, que em pedações se apresenta,
Quem o gorma vingança-lhe ordina:
Que os seus olhos estembar a grão terramenta,
Que tem já dar a dura e eterna pena.
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crucis, e a Montalucos.

xxxiii

Eis tem o pai com animo estupefacto,
Trocendo furto, e magos por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fuga no oração, aqua nos olhos:
A nobre ira lhe vinda prometendo,
Que o sangue terá dar pelos giulhos
Nos inimigos seus: senti-la-ha o Nilo,
Podendo-ha o Indu vez, e o Gange surti-lo.

xxxiv

Qual o touro cioso, que se amala
Para e cruir peluis, os cornos tento
No aruco d' hum cavallo, ou uba falia.
E o se ferindo, os forcos exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambois
Entre Franciscos sendo, na opulenta
Cidade de Dabal a espada aha,
Abaisando-lhe a tumida onsalia.



xxxv

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calcut, que remos tem por malhas :
A de Melique Yaz acautelada,
Co' os pelouros que tu Vuleano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito da humido elemento.

xxxvi

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores :
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores :
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, e alaridos.

xxxvii

Mas ah, que desta prospera victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo !
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co' os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

xxxviii

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros inimigos não puderam ;
E rudos páos tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Ocultos os juizos de Deos são !
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

† 288 †

Trindade



XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantiava,
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cinha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que o Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso, e brando.
Alli verão as setas estridentes
Recíprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Pór quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gernm, de Mascate, e Calayate :
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçáo de dar o reino unico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra váa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna. e o proprio Marte.



XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gemios, e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros,
Na luz que sempre celebrada, e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Maluca nomeada!
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os sens. que juiz cruel, e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes.
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.





XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas e' huma escrava vil, lasciva, e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co' os seus huma ira insana não refrea,
Poem na fama alva, noda negra e tea.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
Sentio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea, em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e prometia
Que nenhum maõ desejo o venceria.

XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força, de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L

Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, co' as derradeiras
Praias de Abassia : Barborá se teme
Do mal de que o emporio Zeila geme.



LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome aníquo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana,
Pela eortiça calida, cheirosa;
Della dará tributo á Lusítana
Bandeira, quando execlsa, e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho,
Para ti grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçudá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico allí visinho,
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co' os títulos de Conde, e d' honras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co' a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganós.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.





LV

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Conlete,
Committendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos d' alma todos sete :
De cobiça trinmpho, e incontinençia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI

Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injnstos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Ten valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N' hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co' o valor de illustres peitos :
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, balnartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sobmettas.

LVIII

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e semrazão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua e inteira.





LIX

Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co' a vista só perdida e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada :
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme :
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta :
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio.
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do imperio; cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

+ 294 +

Handwritten signature or mark at the bottom right of the page.



LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado.
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio :
Despois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calcutt, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue eheio.

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida :
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz eselarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co' o furor do ferro e fogo ;
Em si verá Beadala o marcio jogo.

LXVI

T'endo assi limpa a India dos inimigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticálá, que vira já Beadala :
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita, e fea.



LXVII

Este será Mariinho, que de Marte
O nome tem co' as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha allí Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dío, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroces, Abassis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Vários de gestos, vários de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vão queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co' os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que siquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será allí arrebatado, e ao ceo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.





LXXI

Eis vem depois o pai, que as ondas coria
Com restante da gente Lusitana;
E com força, e saber que mais importia,
Batalha dá felice, e soberana :
Huns paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana :
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaja, e a vista lhe amedrenia
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustentia
O Hydalcham do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros barões, por varias partes,
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha;
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas que coria a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e esias mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoro applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas, »
N'huma consona voz todas soavam,
« Não vos hão de faltar, gente famosa,
« Honra, valor, e fama gloriosa! »

+ 297 +

Handwritten signature or mark at the bottom left of the page.



LXXV

Depois que a corporal necessidade
Se satisfaz do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade,
Viram os altos fôrto, que descobre
Teihys, de graça ornada, e gravidade:
Para que com mais alta gloria doire
As festas desse alegre e claro dia,
Para a felice Gloria aos dias :

LXXVI

Faz-te merce, Barão, a Sapiencia
Suprema, de cõ os olhos corporais
Veres o que não pôde a vã sciencia
Dos creados, e animas mortais!
Siga-me firme e forte, com prudencia,
Por caminho obscuro, tu cõ os males.
Assi lhe diz : e si guia por hum astro
Arduo, difficil, duro a humano trazo.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Com a sua superficie, claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por divina arte :

+ 298 +



C.N. LXXVII

40



LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gaiia este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa : O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos : mas o que he Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outras mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreo se nomea ; onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que eile só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Dívos estão : porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano :
Só para fazer versos deleitosos
Servimos ; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXI

E tambem por que a sancta Providencia,
 Que em Júpiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta.
 Ensinão a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, que apresenta :
 Os que são bons, guardando favoravel,
 Os maos, em quanto podem, nos empacem.

LXXXII

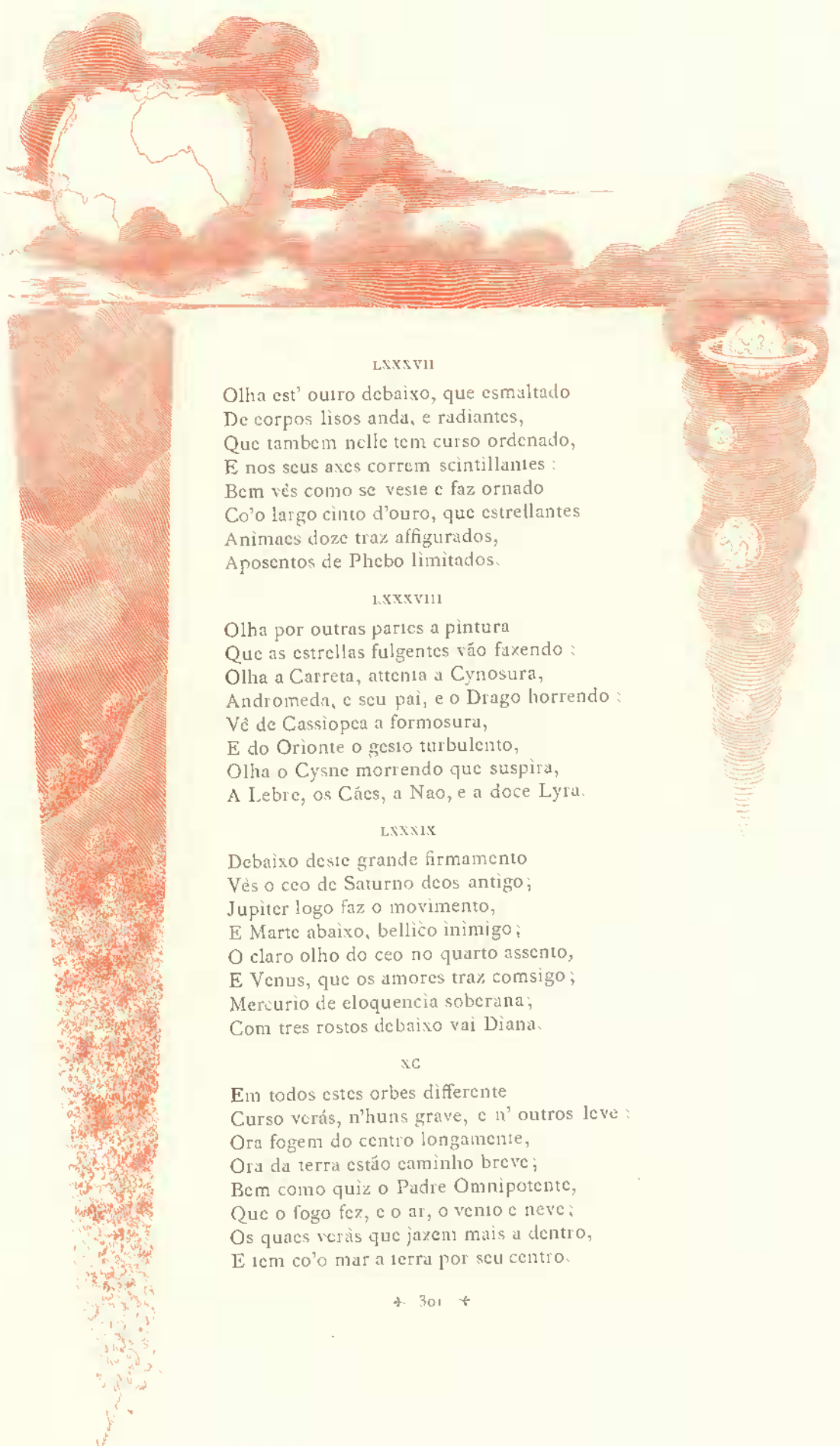
Quer logo aqui a pintura que vaeis,
 Agora delatando, ora imaginando,
 Dar-lhe nomes, que o antigo possui
 A seus deuses já dets, fabulando :
 Que os Anjos de celeso companhia
 Deuses o sacro verso está illustrando ;
 Nem negs que esse nome premitente
 Tambem aos maos se dá, mas fabulante.

LXXXIII

Em fim que o summo Deus, que por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda :
 E torçando a contar-te das profundas
 Obras da mão divina veneranda ;
 Debaxo deste circulo, onde os mundas
 Almas divinas gozam, que não anda,
 Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
 Que não se atarga, he o Mobile primeiro,

LXXXIV

Cum este regto e grande movimento,
 Vão todas as que dentro tem no seio :
 Por obra desse, o Sol andado a tanto,
 O dia e noite faz, em curso elleito.
 Debaxo deste leve anda outro lenno,
 Tão lento, e atinguido a dura ferro,
 Que em quanto Phœbo, de luz nutra occaso,
 Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.



LXXXVII

Olha est' outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes :
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

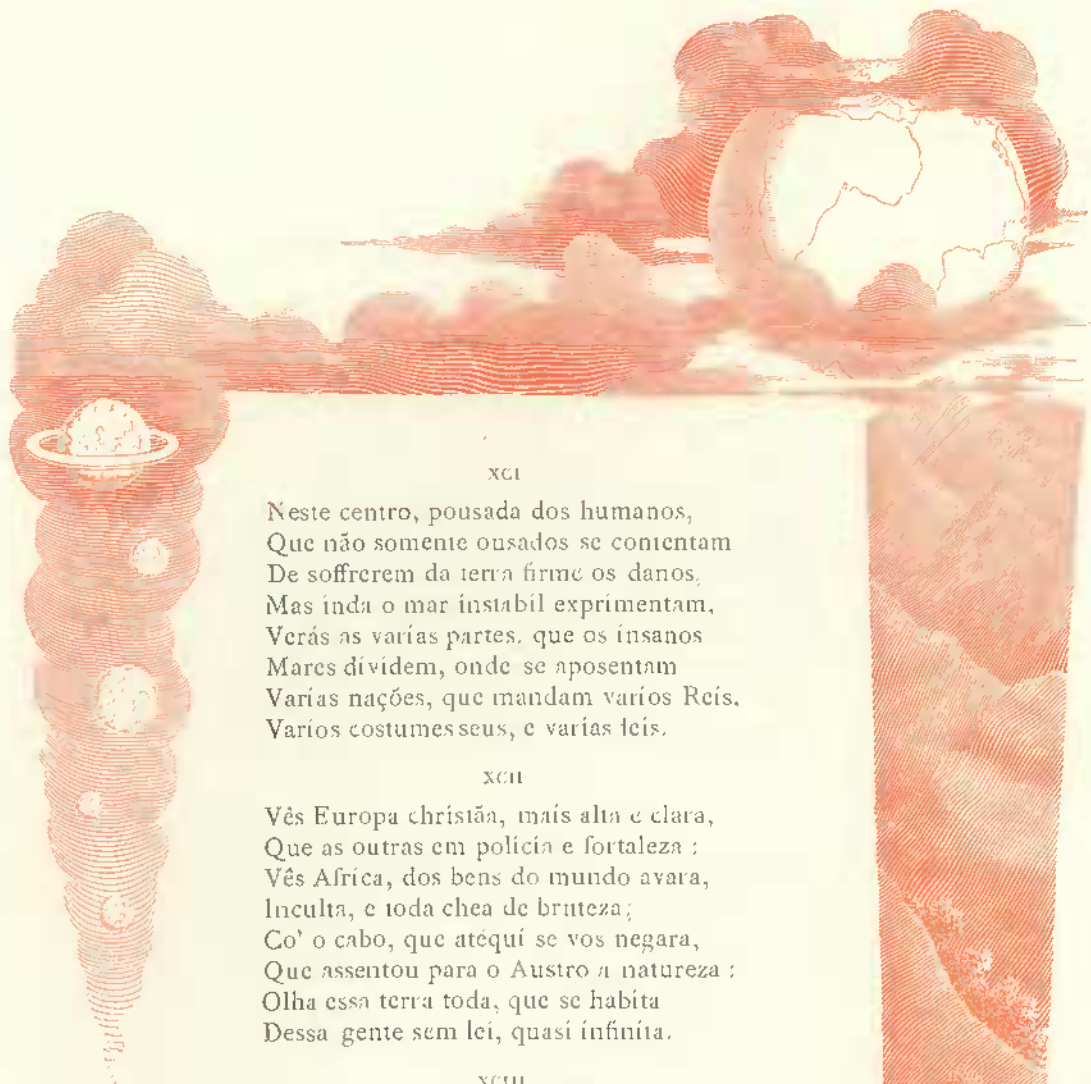
Olha por outras paries a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo :
Vê de Cassiopea a formosura,
E do Oriente o gesto turbulento,
Olha o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lyra.

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno deos antigo ;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo ;
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz comsigo ;
Mercurio de eloquencia soberana ;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes diferente
Curso verás, n'huns grave, e n' outros leve :
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve ;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve ;
Os quacs verás que jazem mais a dentro,
E tem co'o mar a terra por seu centro.



xcI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reís,
Varios costumes seus, e varias leis.

xcII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza :
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda chea de bruteza ;
Co' o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza :
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

xcIII

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua ;
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua :
Nasce por este incognito hemispherio
O metal porque mais a gente sua :
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

xcIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos :
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com desreza.



xcv

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos:
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

xcvi

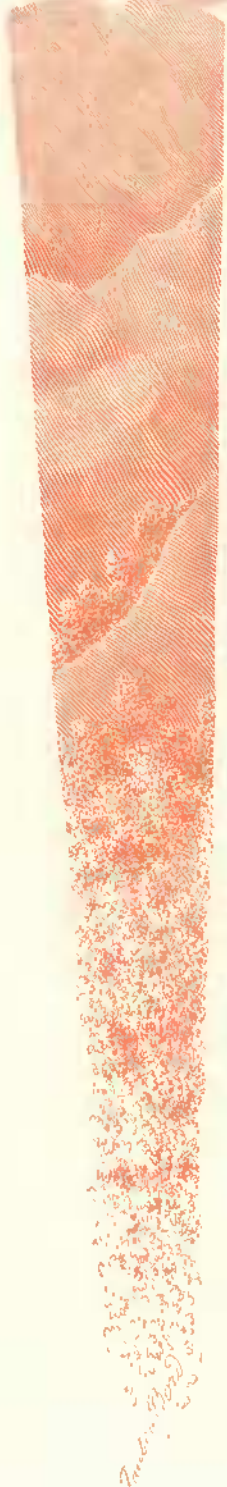
Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e charo;
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

xcvii

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores.
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que parte Africa tem,
Maçúá são, Arquico, e Suanquem.

xcviii

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade;
Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a pôtestade.
Olha as aguas, nas quaes abriu patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.





xcix

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co' o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce, e crystallina :
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da secca Adem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

c

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vem os cavallo para a guerra,
Ligeiros, e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co' o nome se appellida
Da cidade Fartaque alli sabida.

ci

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras :
Mas attenta já cá de est' outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

cii

Olha o cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes ;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Á cor da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.



cii

Olha da grande Perua o Imperio noivo,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobreo,
E de não ter das unhas sempre os callos.
Mas vé a ilha Carum, como descreve
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Amuzo, que allí esteve,
Ella e nome depois, e a gloria teve.

ciii

Aquí de Dom Philippe de Meneses
Se mostrará a virtude em termos clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parscos vencerá de Loto :
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Souza, que provava
Já seu braço em Ampuzo, que deitada
Terá por terra a força só de espada.

civ

Mos deixemos a estreita, e o conhecido
Cabo de Jaquet, dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della :
Carmania teve já por appellido ;
Mas vé o formoso Indo, que daquella
Aliura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

cvi

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada ;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vé riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada ;
Cidades outras mil, que vou passando.
A vós ontros aqui se estão guardando.

† 305 †

Paulina



viii

Vês comte a onça rebolte Indiano
Para o Sul, até o cabo Gamosi,
N' chamado Cori, que Taprobana,
(Que seu he Callio) difreente tem de si:
Por esse mar a gente Esaxiona,
Que com antos viri despois de ti,
Tera victorias, armas, e cistafra,
Nas quozas hã de viver muitas idades.

ix

As provincias, que entre hãnt e entre pãnt
Vês com varias naçoes, não infinitas;
Hãnt nome Mahometta, oupo Gentes,
A quem tem o Demônio leão escrito,
Osbo que de Narsinga o azenburio
Tem as reliquias sacras e humiltas
Do corpo de Thomé, sacro sagrado,
Que a Jese Christo teve a mão no lado.

x

Aqui a cidade ho, que se chamava
Mellipor, famosa, grande e rica
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a genti Inica:
Longe do mar naquella tempo estava,
Quando a Fe que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

cx

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando.
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de elephantes.





CXI

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se, basta abasta;
Mas o núncio de Christo verdadeiro
Meus trabalho em tal negocio gosta;
Ata o coração que troça por deturbação,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta.
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que fizesse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem que se com te intrada
Mandar a hum monte stulto, que se move,
Que obedecêr logo á tua sagrada,
Que así Ibo ensinou Christo, e elle o prova.
A gente fêz de disse alvoroçada,
Os Brahmines o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vinda a sanctidade,
Hão medo de perder auctoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentes,
Em quem mais penetrado a vida inveja;
Buscam machinas nill, buscam adivinos
Cosa que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja.
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata; logo accusa
De homicídio Thomé, que era innocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente.
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

Rev.



CXL

O corpo morto manda ser trazido,
Que se seque, e seja pergumado
Quem fô seu matador: e ser trido
Por insimulho o seu mais approado.
Vim todos o macho ysto orguido
Em monte do Jesu crucificado:
Da graça o Thomé, que lhe deu vida,
E descobex seu pai ser homicida.

CXLI

Este milagre fez tamanho apuro,
Que o Rei se hũa logo na igne santa,
E muitos aplo elle: hũa fôrta o muro,
Outro louvor da Deos do Thomé canta.
Os Beatinhos se rincham de odio tanto,
Com seu veneno de morte letal tanto,
Que persuadindo a leos o povo rudo,
Determinam matar-lo no fim de tudo.

CXLII

Hum dia que pigando ao pezo estava,
Fingiram entre a gente hũa arruação:
Já Christo nesta tempo lhe estavam
Que padecendo fosse ao ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá já a tudo offerecido:
Hum dos maos, por faltar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXLIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam da saneta Fê que lhe ensinaste!
Mas os Anjos do ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.



CXX

E sóis muitos que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Thomé,
Bisal, se sóis mandados, como estado
Sem irides a pregar a santa Fé!
Olhai que se sóis tal, e vos dardais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Como que se salvardes em nesses dias
(Infiéis deixo) tantos herejes!

CXXI

Mas passo esta materia perigosa,
E tornamos a costa debarcada.
Já com esta cidade são fomos,
Se faz curra a Gangetina zimada:
Curra Naraingarica e poderosa,
Costa Oita de ruínas abaxada,
No fundo da amada o Ilustrar-rir
Ganges vem ao solgado senhorio!

CXXII

Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem habitações, tendo por curra,
Que indo que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala provincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXIII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'huma mulher e hum cão, que sósse acharam:
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.





CXXX

Oito Terceira cidade, onde começa
De São João a império tão comprido;
Terceira, Quech, que he só cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Muito arame ferro que se trabalha
Malta por emporio conhecido,
Grande toda a profundeza do mar grande,
Sua mercaderia faz mundo.

CXXXI

Dizem que desta terra, o' ar possessivo
Onda o mar entrando dividido
A sobre ilha Bonatra, que já d' antes
Jamais antes a gente antiga viu.
Cheroutro foi ali, e dos pretiosos
Valeo d'ouro, que a terra produziu,
Aurea por espelha he semelhante:
Alguns que fosse Ophir imaginarem.

CXXXII

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho os rios se enuncia;
Daqui tornando a costa é Ceylona,
Se enuncia, e para a Aurora se endireita;
Vão Paes, Poma, rãmas, e a lagura
De São que estes e outros mais sujita:
Oito o rio Menho, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXXIII

Vés neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vé nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

+ 310 +





(LXXXVI)

Vês passa por Cambaja Mocum-rui,
Que capta das águas se intercepta;
Tanta recebe d' outro só no estio,
Que naga os campos largos, e inquieto;
Tem as enchentes, quasi o Nilo frio;
A gente d'elle era, como indiscreta,
Que puna, e gloria sem despois de morte
Os brutos animas de toda sorte.

(LXXXVII)

Este receberá plácido, e brando,
No seu regão o Camo, que molhado
Vem do naufragio triste, e o miserando,
Dos procelhosos furios escapado,
Des fontes, dos perigos grandes, quando
Será o indiano mundo exultado
Naquelle, cuja lera sumeros
Será mais affumado que illoco.

(LXXXVIII)

Vês entre a mata que Chasipi se chama,
Cujá mata he de pau obscuro ornada;
Vês Cautcháchim mata de zaccarifumo,
E de Ainsio se o incensum usada;
Aqui o soberbo império, que se affuma
Com terra, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o samborio
Desd' o Tropico ardente ao Clima frio.

(LXXXIX)

Olha o mundo, e edifica muros aridos,
Que tanto ham imperio, e o outro se edifica;
Cartesim signal, e ambicido,
Da potencia Basal, soberba, e rica:
Este, o Rei que sem, não foi nuncião
Príncipe, sem dos pais aos filhos fier;
Mas eligit aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
 Até que venha o tempo de mostrar-se.
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde
 A natureza quiz mais affamar-se.
 Esta, meia escondida, que responde
 De longe á China, donde vem buscar-se,
 He Japão, onde nasce a prata fina,
 Que illustrada será co' a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas :
 Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
 Cume, que lança as flammias ondeadas :
 As arvores verás do cravo ardente,
 Co' o sangue Portuguez inda compradas:
 Aqui ha as aureas aves, que não decem
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
 Da varia cor que pinta o roxo fruto ;
 As aves variadas, que allí saltam,
 Da verde nos tomando seu tributo :
 Olha tambem Borneo, onde não faltam
 Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto.
 Das arvores, que camphora he chamado ;
 Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV

Alli tambem Timor, que o lenho manda
 Sandalo salutifero, e cheiroso ;
 Olha a Sunda tão larga, que huma banda
 Esconde para o Sul difficultoso :
 A gente do sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle só sem outro vae,
 Converte em pedra o pao que nelle cahe.



CXXXV

Vé naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammás tremulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella mora;
E vé que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Malvida nasce a planta,
No profunda das aguas soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co' o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vé a ilha affamada,
Que Madagascar he d' alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aquí as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais.
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D' hum Lusitano hum feito inda vejais.
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.



CCXXXIV

Vedes a grande terra que costuma
Vai de Gallesco nos seus contrários prós,
Que soberbo a faz e fazemos minis
Do metal, que a cor tem do ouro Apolo:
Cavalla, vossa amiga, será illuz
De lançar-lhe o collar an rudes collar:
Varias provincias sem de varias gemas,
Emrinas, e costumes diferentes.

CCXV

Mas cá onde mais se alarga, allí tereis
Parte tambem co' o pau vermelho notis
De Santa-Cruz o nome lhe podeis,
Descobri-la he a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando o parte mais remota
O Magalhães, no fim com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CCXVI

Desquo passe a via mais que mar,
Que an Antarcico pela vai da Liza,
E' huma estatura quasi gigantes
Homens vós, da terra allí vizinha,
E mais osente o escudo, que se arroa
Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar; e terra, que fica onde
Com mas frys aas o Austro a esconde.

CCXVII

Atéjá, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros felis,
Que pelo mar, que já deizais sabido,
Virão fazer barões de fomes peina.
Agora, pois que tendes apreendido
Trabalhos, que vos façam ser acóitos
As eternas esposas, e formosas,
Que co'os vos terem gloriosas:



CXLIII

Podem-vos embarcar, que tendes tanto
É mar tranquilo para a patria amada,
Assi lhe dize: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada!
Levam refrasco, e nobres mantimento,
Levem a companhia desejada,
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que n'el o mundo aquante.

CXLIV

Assi fazem contendo o mar sereno
Cum vontoz sempre manso, e terna lida,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado,
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão, porque merebão,
E com titulos novos se illustram.

CXLV

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI

E não sei porque influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de continuo,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posio,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!





CXLVII

Olhai que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompenes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pelouros :
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo :

CXLVIII

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes :
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença, e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho á sanctidade :
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade.
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CI.

Todos favorecei em seus officios.
Segundo tem das vidas o talento :
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs; toda ambição terão por vento:
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.



C.X, CXLIV

THE GREAT AMERICAN PEACE
CONFERENCE



CLL

Os Cavalheiros tende em muito estima,
Pois com seu sangue torpido, e fervente,
Estudam não somente a Lei de cima,
Masinda vosso imperio prezaminoso;
Pois aquelles que v'ão trêmulo clima
Vós vão acceir com passo diligente,
Douz inimigos trancos, hums os vivos,
E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLL

Fazet, Senhor, que nunca os admirados
Alemaes, Gallos, Italia, e Ingleses,
Possam dizer, que são pura vaidades,
Mais que para nambar, os Portuguezes.
Tantos conselhos se d'experimentados,
Que vivem largos annos, largos mares;
Que puzerem em sciencias muito cabo,
Mais em particular o esperto sabe.

CLL

De Phormião philosopho elegante
Verdes como Annibal escurasça,
Quando das armas bellicas d'arme
Delle com larga voz tratava e lia,
A disciplina militar prezante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Scullando, imaginando, ou contando,
Senão vendo, tratando, e palhando.

CLL

Mas eu que fallu humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem conhecido;
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sabe as vezes acabado;
Sem me fizes na vida honrado sendo,
Com longa experiencia misurado,
Sem ingenuo, que aqui veris presente,
Cousas que juntas se acham raramente.



CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada :
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina :

CLVI

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dúa de Achilles ter inveja.



C. X

*A lyra d'Apollo, redimita de pluma: y ornada
remata a immortal opus de Cantor*



Compos. de Juan de Torres



Explicação dos desenhos d'esquadria



As entes e os bafes assignalados
Que da occidental praia levamos
Por maris:—

Esta composição, comtudo á primeira pagina
de cada Canto, serve de panegyrico á gloriosa
epopeia.

Os ornatos architectonicos são de estylo mane-
lino e tirados das columnas interiores do igreja
dos Hieronymos de Belem.

Os tres medallões de V. da Gama, P. da Gama
e N. Coelho existem no claustro do Mosteiro dos
Hieronymos de Belem na face interna do lado do
nascente, esculpidos nas tres pilhas do centro.



Quando os Deuses no Olympo luminoso
Desde o Governo está da humana gente
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente

Composição symbolica que representa os deuses
pelos seus attributos.

A *águia* representa *Jupiter*, logo a seguir vêem-se a *espada*, o *casco* e o *capote* de *Marte*, o *cocho* de *Venus*, o *tridente* de *Neptuno*, o *maetello*, *martellos* e a *figura* de *Vulcano*. O *mocho* representa *Minerva*, deusa da sabedoria. As *rosas* que rematam o desecho são também symbolo de *Venus*.

Nas *nuvens* vê-se o *crizante* de *Diana*; à esquerda o *cadáver* de *Mercúrio*; seguem-se o *arco*, a *alfazema* e as *setas* de *Cupido*, o *stafiro* e o *vinha* representam *Baccho*, e a *flama* o deus *Pan*.



Quando o mar descobriro se mostrava
Novas ilhas, que em nome cruz e lara.

Elas apparecem logo em companhia
Uma pequena balsa, que vem d'apanilla
Que mais chegada a terra parcia.

A esquadra está representada a papa d'um ga-
leão portuguez do século 15, segundo um
desenho do ex^{mo} sr. João Bous de Oliveira Ju-
nior, tenente da Armada. Estes navios faziam a
carreira de Portugal para a India. No mar vident-
es os pequenos botes da costa d'Africa com as
velas feitas de folhas de palmeira conforme a
descrição de Camões.

Por baixo do navio seguem-se diferentes
objectos de que se serviam os pretos da costa
d'Africa: a vela

... d'uma folha de palmeira bem tecida.

A papalla, o remi, o tambor, o cutello em for-
ma de yataim e a trompa estão envolvidos a'um
pau de algodão riscado, que e frange, com que
os pretos cobrem as partes penitencia. Estes objectos
estão ainda hoje em uso na costa d'Africa e fo-
ram copiados de outros que existem no museu
de Marinha de Paris.



Eis nos batéis o fogo se levanta
 Na furiosa e clara artilheria

Amurada d'um navio de 1300. Peça de ferro de carrugar pela culatra de 1495. Arca d'armas destinada ao serviço da brigada de marinha (1600). Morteiro de bronze munido de um fuzil com forquilha de ferro (1600). Espada com punhos de roca (1700). Alabarda da infantaria portugueza (1800). Bazuete portuguez, com cano de ferro (1540); flauta portuguez com grommões de prata; arca, aljofa e freixes dos Mouros (1800). — Lanada.

Os modelos de todos estes desenhos existem no Museu do Commando geral de Artilheria. Os desenhos foram feitos pelo ex^{to} s^{te} tenente de infantaria, Marquez Leitão.

Das duas peças de carrugar pela culatra existe uma na escola naval de Lisboa e a outra no Museu do commando geral de Artilheria.



Mostrando-se Christão e fabricava
Hum aliar sumptuoso que adorava.

No meio de uma paizagem africana, queimada
pelo sol, ergue-se um altar Christão :

Alli tinha em retrato afigurada
Do alho e Santo Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura.

escondendo por assim dizer os *monumentos* d'uma
cidade musulmana. O artista quiz representar
Baccho, que

Estava n' huma casa da cidade
Com rosto humano, e habito fingido.



Assi como em selváticas elagias
As rãs, os temporários, Lyzias gentis,
Se sentem por ventura vir peçonha,
Estendo fôcos da água inadvertidamente,
Dequi e dólle saltando, e charcos nos,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao conto, que conhecem;
Se as cuboças na água lhe apparecem !

Assim fazem os Mouros;
.

O artista figurou a magnífica parábola do poeta.
Alguns productos do Oriente, *casella*, *gimenta*,
etc., completam esta composição.



Era no tempo alegre, quando entrava
No rochedo de Europa a luz Phœbe;
Quando hum e outro curso lhe aquentava;

Inspirando-se n'esses versos, a artista indicou o
Sol passando por detrás da constellação do Touro
Insuper excessiva a forma do Touro para zombar
Europa filha de Agæus.

E Flora decretava o de Amalthea.

A primavera (Flora) é representada pelas flores
(violetas, jasmelhos, margaritas, etc.)

A poesia personifica a religião, como no pri-
meiro quadro do mesmo canto:

A memória do dia restitua
O primitivo sol, que a sua roda,
Em que aquelle, a quem todo está sujeito,
O selo por a quanto tinha feito.

A caba, as aves, amêijoas e fructos tropicaes
figuram os presentes que o Rei de Malinde mandou
aos Portuguezes (Tambores, trombetas e stan-
dartes portuguezes).



Não talhem ali os raios de artifício,
Os tremalos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céu, a terra, e as ondas arrojando,
Mostra-se dos Cyclopes o exercício,
Nos bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes, como que o céu festam,
Instrumenta elicitos laudam.



Vem de ricos vestídeos adornado

 No saber huma liza guarnecida
 De ouro, e de seda, e de algodão tocida.

Cabala de damasco rico, e fino,

 Hum collar ao pescoço, de ouro fino,

 Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
 Nas alparcas dos pés,

Com hum redondo sempre alho de soda,
 N'huma sítia e dourada hastea enxerido,

 De trochetas ocultas em redondo,

A esquerda vestidos riquissimos orientaes, e
 pedras lavradas, ricos colifios, guardanets e estau-
 dardes. A direita vestidos da mesma visao, á moda
 de Hespanha, como dia Cambes. As roupas por-
 tuguezas com guarnição de prata, que existem no
 Museu do Commando geral de Artilheria foram
 descobertas pelo ex^{mo} sr. Marquez Leitão.



A *Lyra* symbolisa a Musa da poesia que Camões invoca:

Agora tu, Calliope, me inspira
O que cantou ao Rei o illustre Gama:

Segue a descripção geographica da Europa:

Esta a zona que o Cancro senhora,
E aquella, que por fria se arranca.

Est a soberba Europa,
O artilha representou pelos gelos a zona
que por fria se arranca
E pelo signo do zodiaco, o Cancro, a zona que
o Cancro senhora.

Os escudos representam as diferentes nações da Europa.

Logo ao dno, encostado à *Lyra* (Lyra grega leia d'uma cithra de tartaruga), os quizes Portuguezas; seguindo para o Polo o Escudo de Navarra, e o da França. A direita a partir do Polo, a Noruega e Dinamarca, Allermanha, Bohemia, Russia. A esquerda, partindo da *Lyra*, Castella-Gallia, Leão, Asturia, Granada, Cordova, Yarragona, Veniza, Imperio Otomano.

N'uma fra, resolvendo todos os escudos das nações europeas do tempo de Gama, leem-se os seguintes versos:

Est aqui, quasi como do cabreço
De Europa toda, o reino Lusitano;



A direita N. S. Jesus-Cristo, crucificado n'uma cruz, lembra a sua aparição antes da batalha do Campo de Ourique.

A maizina liz e negra, e fria,
As cotas do paiz il'aparava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o mirava.

A esquerda a parabeis do cas e do touro:

Qual cu'os grãos, e vites incltado,
Pela moenda o caldo molou,
Cunco o touro remate, que fado
Na força está do coem tetterou.

Tal do Rei novo o estumagr' acordido,
Por Deu, e pelo povo juntamente,
O barbaio continuez apertido.

O Touro foi desenhado conforme um modelo de Goya, existente na Bibliotheca Nacional de Paris. Logo a seguir se veem estandartes dos Mouros, escudo e espada de D. Afonso Henrique. O escudo em forma de cruzão com a cruz dos Cruzados. A espada dizem ser a propria de D. Afonso Henrique que por muito tempo esteve em Santa Cruz de Coimbra, e hoje se acha no Museo do Porto. A Trunfeza e o touro são os symbolos da victoria. Esses documentos são devidos ao ex.^{to} sr. João Braz d'Almeida Junior.

A direita, armas dos Mouros, logo d'Alhambra, espada e lanças segundo os modelos existentes na Armada Real de Madrid.

As pedras finas e tecidos representam os despojos e presa rica.



Estátua arquitectónica da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, capital do Reino no tempo de D. Afonso Henriques e dos outros Reis da primeira dynastia.

Os túmulos dos dois primeiros Reis de Portugal acham-se n'esta Igreja.



Escava, linda Ignez, posta em saizgo,
De seus annos colhendo doce fructo,

O Artista na sua composição refere-se ao immo-
rtal episodio de D. Ignez de Castro.

A direita os lirios e as rosas representam a
paz e o amor; logo por cima a fonte dos
Amores, que ainda existe na quinta das Lagrimas,
em frente de Coimbra. (O Artista representou
sacrupulosamente essa fonte.)

As filhas da Mondago e morte escava
Longo tempo aborrendo memoraram.
E por memores virtus, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fructo fonte rega as flores,
Que lagrimas são a aqua, e o nome amores.

A esquerda as setas e o arco de Cupido, a fonte
e a arquelote da Moeta, envoltas nas acanilhas
do leite.



A parte superior do desenho representa as execuções que seguiram a morte d'El-Rei D. Fernando.

Asteridas entre do crime as gentes,
 Co'o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruces, e evidentes,
 Era do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vãos amigos, e parentes,
 Do adúltero Conde e da Rainha,

.....
 Mas elle em fim, com causa deshonrada,
 Diante d'ella a *fervor* frio morte,

.....
 Que tudo o fogo equivoquo queima, e coere;
 Quem como Astyanax precipitado
 Sem lhe valerem ordens) do alta torre,

A direita a gloriosa cruz d'Aviz que representa D. João I, o fundador da segunda dynastia, vencido em Aljubarrota.

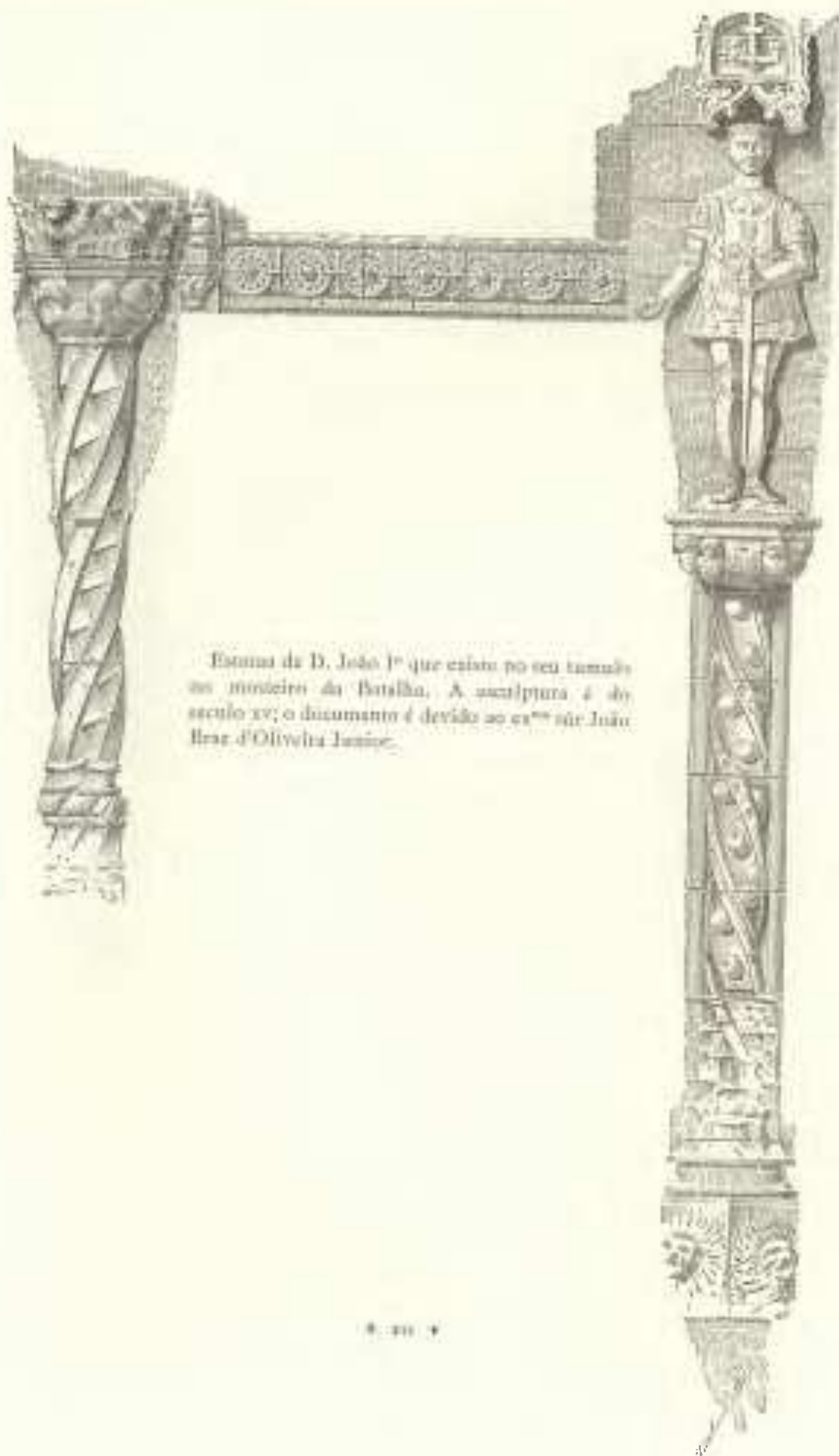
A esquerda o escudo de D. João I, logo a seguir a rapariga e a espada do mesmo rei (segundo a historia de Portugal de Manoel Pinheiro Chagas). Acha d'armas, *espada e elmo* do mesmo rei, (segundo Murphy existiam estas armas no mosaico da Batalha).

A *trombeta* e o *pifaro* lembram os versos:

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores;

O *cello* de D. João I remata o desenho.

Todos estes documentos são devidos ao ex^{mo} Sr. João Braz d'Oliveira Junior.



Estuza de D. João I^o que existe no seu túmulo
no mosteiro da Batalha. A escultura é do
século XV; o documento é devido ao ex^{mo} sr. João
Braz d'Oliveira Junior.



A direita vê-se o campo de batalha de Aljubarrota. Duas peças de artilharia figuram n'este desenho e são de 1350. Existem ainda no Museu dos Invalidos de Paris. Era a primeira vez que os Portuguezes viam artilharia nas batalhas.

O Leão heráldico representa D. João I; a coroa real e guarnição de cavalleiro; o leão quebro a bandeira de Castella.

Estandartes castelhanos e portuguezes. A pomba e o leão symbolisam a victoria.

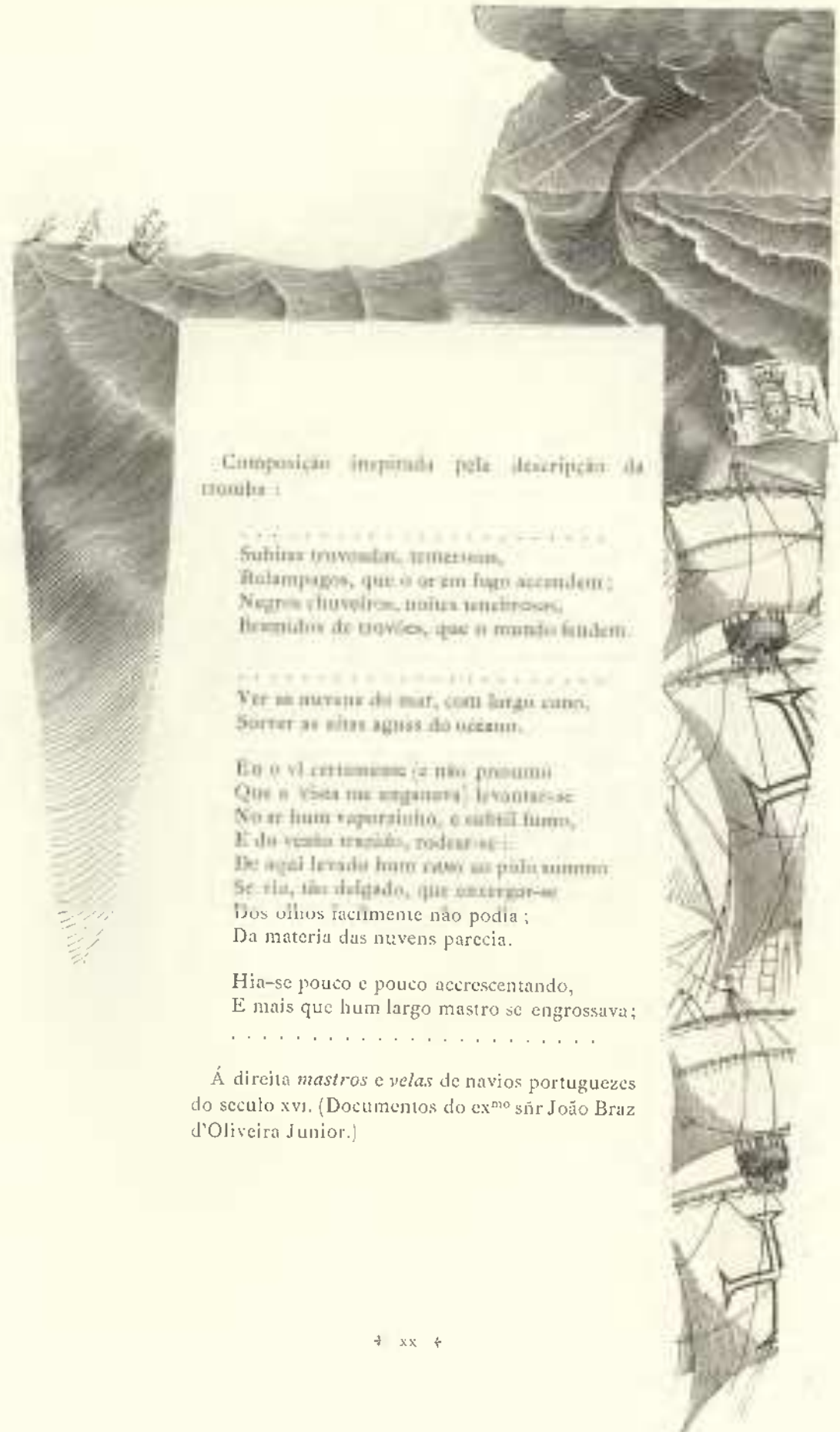


O artista representou dois rios nascendo d'uma
montanha; são o Ganges e o Indo que Camões
faz aparecer em sonho a D. Manoel.

*Aves agrarias, feras, e alimtaras,
Pelo monte selvagem habitavam :
Mil arvenses sylvestres, e herbas raras,
O pinho, e o trato as gentes stallavam.*



Galéa portuguesa do século XVI segundo um desenho do 22^{mo} sr João Brás d'Oliveira Junior.
 Compasso de terra usado então para a medição das distancias. *Mapa* representando a África.
 Astrolábio de Vasco da Gama, conservado no Observatório da Universidade de Coimbra; é de latão e tem 50 centímetros de diâmetro. (Documentos do 22^{mo} sr João Brás de Oliveira Junior.)
 Remos usados em 1500 nas galés.
 Colheres, guizos, etc., presentes dadas aos Reis de costa d'África.



Composição inspirada pela descrição da
tempesta:

Subira trovoadas, tempestades,
Ralampegos, que o orizim fogo acendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Brenhidos de trovões, que o mundo fudem.

Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorter as águas do oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo)
Que a [esta nuvem] levantasse
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum rasto ao polo summo
Seria, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;

Á direita *mastros e velas* de navios portuguezes
do seculo xvi. (Documentos do ex^{mo} sñr João Braz
d'Oliveira Junior.)



O artista representou o Cabo da Boa Esperança, batido pelo mar furioso que se quebra sobre altas rochedos.

.....
Bromando o negro mar, de longe brada,
Como se dance em vão n'algum rochedo.
.....



Composição symbolica que representa o banquete oferecido a Vasco da Gama pelo Rei de Melinde.

Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.



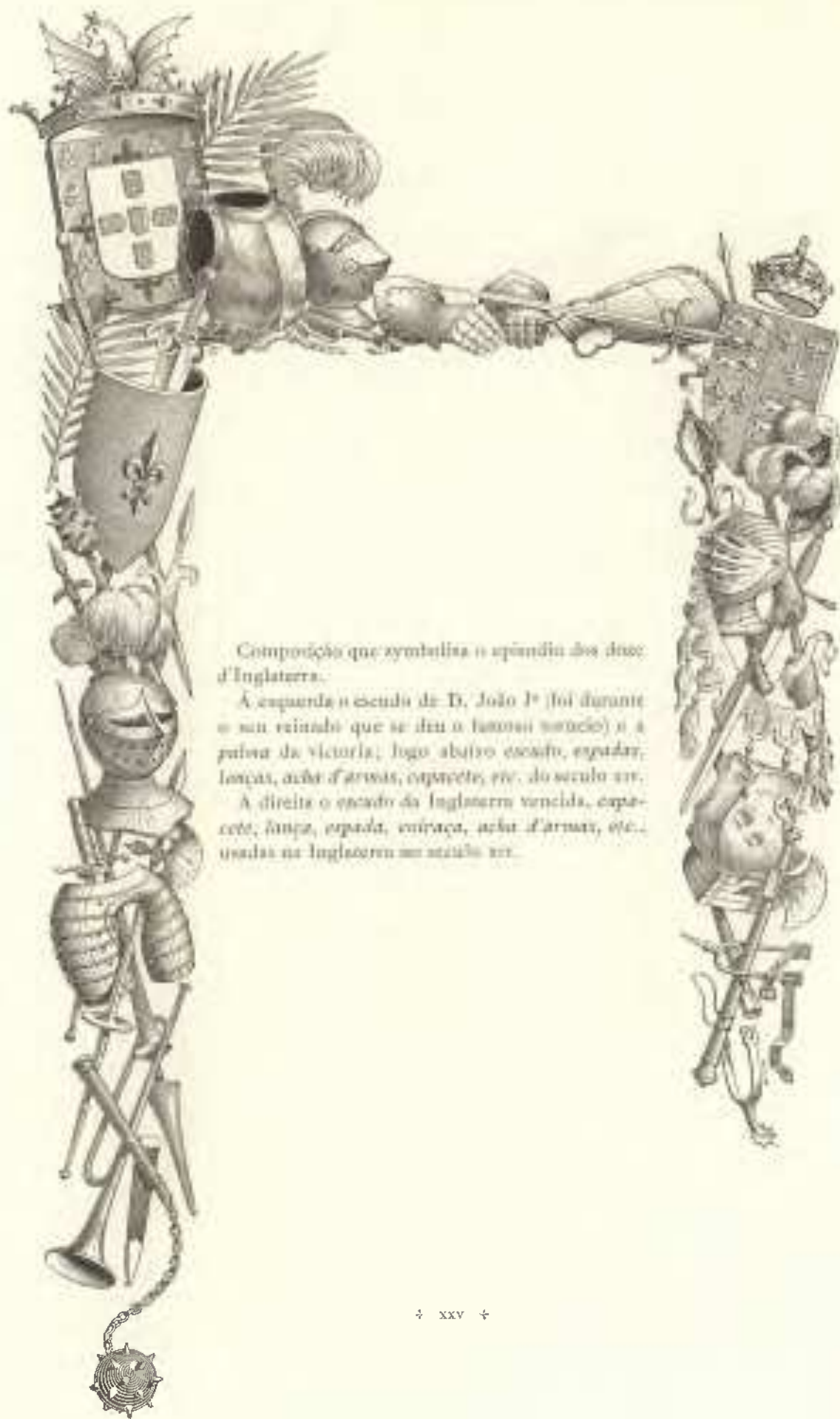
O nariz symbolisa Portugal descobrindo a riveira das Indias; um delphino mostra-lhe o caminho. Logo abaixo vem Tritão, filho de Neptuno:

.....
Era muscota grande, negro e feio,
Trambeta de seu pai, e seu correio.

Na mão o grande casaca verdeida
Que trazia, com força já trazida.

.....
Perolas, corais, conchas, bugios, peixes completam a parte direita e symbolisam o reino de Neptuno.

A esquerda arvores, plantas e fructas do celesse representam a ladia, alvo da viagem do Vasco da Gama.



Composição que symbolisa o esplendor dos dias d'Inglaterra.

À esquerda o escudo de D. João I (foi durante o seu reinado que se deu o famoso successo) e a palma da victoria; logo abaixo escudo, espada, lanças, arco d'armas, capacete, etc. do século XII.

À direita o escudo da Inglaterra vencida, capacete, lanças, espada, couraça, arco d'armas, etc. usadas na Inglaterra no século XII.



Naveis portuguezas do século XVI; do meio a
nos de Paulo da Gama.

.....
Quatrado leva o mastro pelo meio,
.....

Trancos, relampagos, etc.

Nunca são essas raias fabricadas
Contra a fira soberba dos gigantes
O grilo sereno.

A esquerda a *Estrela* Venus lambra os versos:

Mas lá a amarela estrela scintillava
Diante do Sol claro no boizomiz
Menageiro de dia e vislata
A terra, e o largo mar, com toda fuma
.....



Por ocasião do famoso descobrimento da Índia
faz o Camões uma notável e poética referência
aos princípios cristãos.

O artista dá-nos uma vista do Calvário e Inje-
stado a Cruz, o santo sudário e todos os instru-
mentos da Paixão de N. S. J. C.

Uma vista de Jerusalém completa o desenho.



O artista inspirou-se nos templos de Vrindavan de *Kirtimukhar*; este último é um dos que formam o grupo de *Kirtimukhar*. O principal acha-se na parte ocidental da Índia e o outro na costa oriental.



Fragmento arquitetônico do Palácio dos Setes em Ajanta (Índia). Arco decorado, e, terminando a composição, parte de um lago sagrado em Pochar (Índia).



No topo da composição e à esquerda o artista representou uma cidade da Índia.

.....
Terre-la de Calicut, se não me engano.
.....

À direita uma porta do mausoléu de Akber, o mais poderoso monarca que governou a Índia, e que existe em Secundra.

À esquerda e à direita fragmentos dos estalattos subterrâneos dos monges de Budha na cidade do Kashi.



O artista recorda as origens da Lusitânia como se descreve Cansian.

No cimo da composição um templo grego :

Vês outros que do Tejo a terra pia,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edificados,
E templo a Pallas, que em memoria fica.

Ulysses he o que faz o sancta casa
A deusa, que lhe dá lingua fecunda;

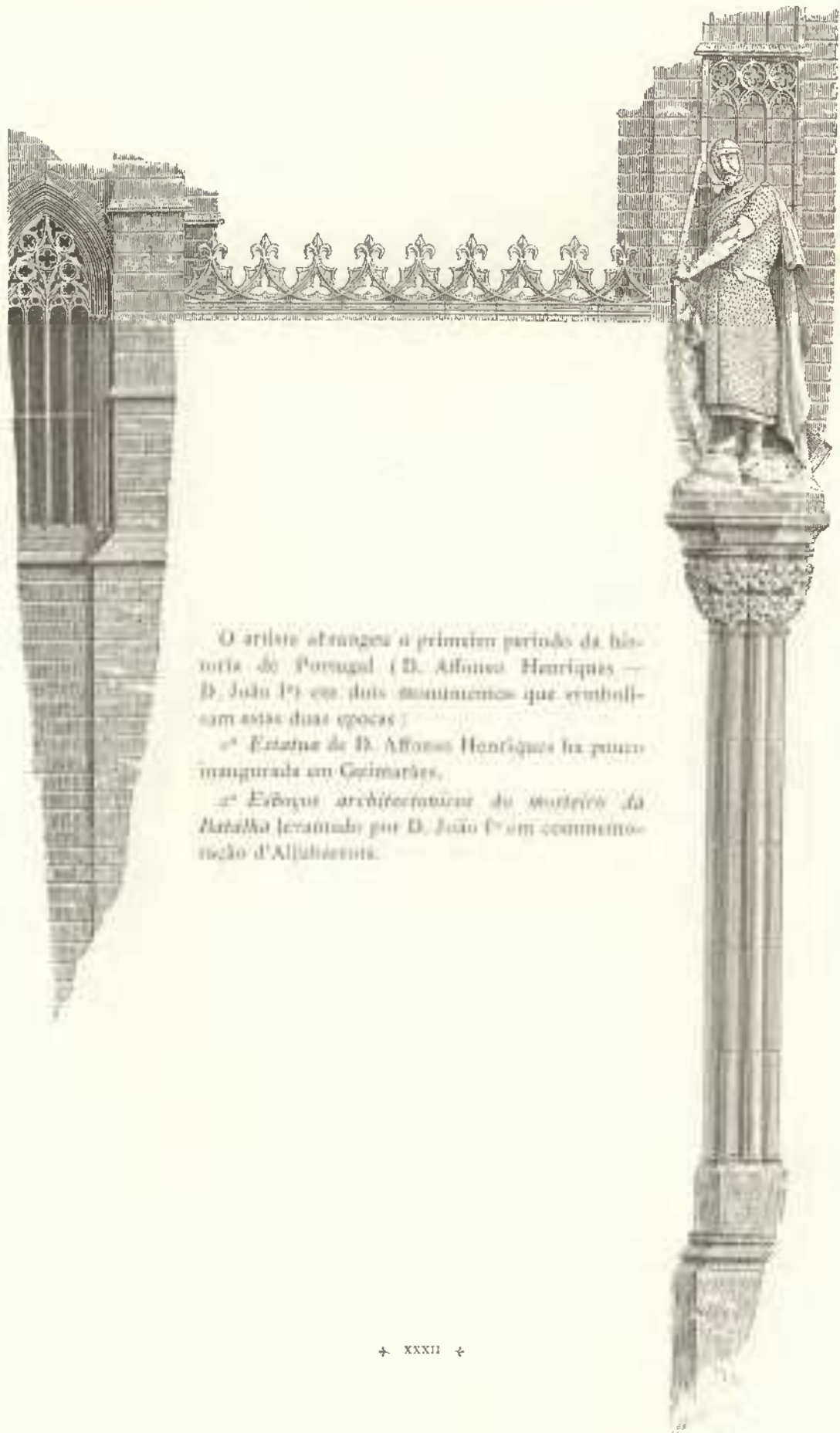
O *capote*, o *capote*, e a *estruça* são armas
gregas amigas e personificam Ulysses.

O *thyrsos*, o *capo* e a *lança* são symbolos de
Baccho.

O *ramo* que lhe vês para divisa,
O verde *thyrsos* foi de Baccho usado,

O *cajado* de pastor e a *lança* lembram Viriato

Este que vês, pastor já foi de gado:
Viriato sabemos que se chama,
Destro na *lança* mais, que no *cajado* :



O artista estrangeiro o primeiro período da história de Portugal (D. Afonso Henriques — D. João I) em dois monumentos que simbolizam estas duas épocas.

1.º Estatua de D. Afonso Henriques na porta inaugural em Guimarães.

2.º Esboço arquitetónico do mosteiro da Batalha levantado por D. João I em comemoração d'Aljubarrota.



Estu deambis representu os sacrificiu que os
 agnoscimus celebravam para antever os casos futu-
 ros no sangue das victimas, e no latte sagrado.

Entretanto os fatuspices famulos
 Na falsa opiniao, que em sacrificio
 Antevam sempre os casos duvidosos,
 Por signares diabolica, e indelicat;



O artista representou no alto mais os três irmãos de Vasco da Gama prestes a partir. Mas os Canaques mentirosos procuram persuadir ao Rei que mandem Vasco da Gama em seu pelet. A serpente no acto de querer morder inutilmente o espelho, representa a falsidade dos Canaques, assim como o espelho a verdade e a pureza dos sentimentos de Vasco da Gama.

Mais abaixo, mercadorias mandadas a terra por Vasco da Gama:

Diz-lhe que mude vir toda a freguesia
Frendibel, que trasta, para terra,
Para que do vage se troque a voadia,
Que quem não quer commercio busca guerra.
Protoque os seus propositos cimenta
O Gama, que o daimado peito encerra,
Consente; porque sobo por verdade,
Que compra co' a lenda a liberdade.



O desenhador representa por esta paisagem a
sua poética descrição de Canóes:

Plus a tapeçaria bella e fina,
Coet que se cobre o rustico terrano,
Faz ser o de Achemanis muros d'ouro,
Mas o sombreo valle mais ardeno.
Alli a cabeça o Bos Cepheia inclina
Subole tanque lucido e sereno;
Florece o filho e nato de Cioyras,
Por quem m. dona Paphia, inta suspiray,

A longo da agua o niveo cygne canis,
Responde-lhe do riuas philomela:
Da sombra de seus curvos não se espanta
Actem o'agua crystallina e bella;
Aqui a fugax lebre se levanta
Da espessa mata, na timida gazella;
Alli no bico tres se chaco nubes
O mundimento o lere posarinho.




Etes formosas curvatas se mostravam
Erguidos com sobria graciosa,
Que de graminho esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e delimitosa;
Claros fomes, e límpidas manavam
Do cume, que a verdure tem vigiosa;
Por entre pedras alvas se desliza
A serena nymphia fugitiva.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se.



Mil arrozes estão os cos subinda,
Com pomos odoríferos e bellos;
A laranja tem os fructos ludo
A cor, que rilha Dáptim nos cabellos;

As arvores agrestes, que se cultivam
Tem um frondente como ambracidos,
Almôzão de Alcides, e os lourallos
Do luto dos amados, e queridos;



No cimo d'un monte agreste o artista representou um rico palácio, para o qual se sobe por largos e compridos escadaria. Esta composição plausível se inspira no artista por uma photographia do Castello de Pena em Ginta e a escadaria monumental do Castello dos Moiros também em Ginta. As nymphas, não céticas, não podiam imaginar mais extraordinária morada.

Quando as formosas nymphas os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Sabiam puz os olhos radiantes,
E de mãos amadas rutilantes!



E canta como lá se embarcaria
Em *Belem* o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano :
O peso sentirão, quando entraria
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Também 90



Venus convida Vasco da Gama a um alto monte
 e, mostrando-lhe o globo terrestre, descreve-lhe
 as futuras glórias de Portugal.

O artista desenhou à esquerda uma serra de
 montanhas; no cima, livello das nuvens, o globo
 terrestre; à direita o planeta Saturno com a
 sua anel e outros planetas do nosso mundo.

Não andam muitos, que no erguido tanto
 se acharam.

Aqui hum globo vem no ar, que o humo
 Clarissimo por elle penetrava,

Qual a materia sem não se entorça,
 Mas entorça-se hum que está amigento
 De certos celos, que a divina vergy
 Compoz, e hum centro a todos só tem posto.

Neste centro, pousada dos humanos,
 Que não somente ousados se contentam
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instabil experimentam,

O artista desenhou no globo a parte occidental
 d'África e o cabo da Boa Esperança para lembrar
 os versos de Camões :

Vês *Africa*, dos bens do mundo avara,
 Inculia, e toda cheia de bruteza;
 Co' o *cabo*, que atéqui se vos negara,
 Que assentou para o Austro a natureza :

Handwritten signature or mark at the bottom left corner.



O ascendo lembra o colubro milagre de S. Thome
descripto pelo poeta :

Longo do mar aquelle tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publica,
Fosse vista pegando, e se passava
Prostrada mil do mundo, que escurava.

Chegado aqui pegado, e jumo dando
A d'amma saúde, e a morte vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum leão de grandeza descomida;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle cadeira, e não derida
Valer deão a terra com pomancas:
Força d'homens, de engenhos, de d'aptancas.

Era tão grande o peso da cadeira,
Que só para abalar-se, nada abasta;
Mas o unção de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que tras por derradeiro
No tronco, e facilmente o leão a arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo:
Que fôrse aos futuros por exemplo.





No cimo da composição a artista representou
Libras e os navios da Vozes da Gama entrando
no Tejo.

Assim foram corando o mar sereno
Com vento sempre manso, e núnca bravo,
Aé que boiavam vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado,
Entraram pela foz do Tejo ameno;
E a sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão, pompas mundano,
E aos seus filhos novos se illustrou.

Logo abaixo um côco representa o município
dos Lusitâs e a Lyra do Poeta com uma corda
quebrada.

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida

A espada, o escudo, o capacete e a ancora,
entrelaçados por um ramo de loiro, representam
a gloriosa epopea portugueza.

As armas e os barões assinalados,
Que da occidental praia Insitana.

FIM

f



LIBRARY

29

L.L.L.

